



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA**

IGOR JUNQUEIRA CABRAL

**ENTRE BANDEIRAS, ALTARES E SANTOS:
A FOLIA DE REIS DE ITAGUARI NA PERSPECTIVA DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

GOIÂNIA

2020

IGOR JUNQUEIRA CABRAL

ENTRE BANDEIRAS, ALTARES E SANTOS:
A FOLIA DE REIS DE ITAGUARI NA PERSPECTIVA DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para fins de obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Identidade, Tradições e Territorialidades

Orientadora: Dra. Sibeli Aparecida Viana

GOIÂNIA

2020

C117e Cabral, Igor Junqueira
Entre bandeiras, altares e santos : a folia de reis
de Itaguari na perspectiva do patrimônio cultural
/ Igor Junqueira Cabral.-- 2020.
157 f.;

Texto em português, com resumo em inglês.

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores
e Humanidades, Goiânia, 2020

Inclui referências: f. 142-150

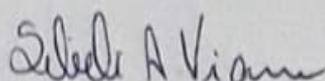
1. Folia de Reis. 2. Itaguari (GO). 3. Cultura material.
4. Patrimônio cultural. I.Viana, Sibeli A - (Sibeli
Aparecida). II.Pontifícia Universidade Católica de
Goiás - Programa de Pós-Graduação em História - 2020.
III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 398.332.44(043)

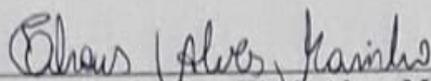
**ENTRE BANDEIRAS, ALTARES E SANTOS: A FOLIA DE REIS DE ITAGUARI NA
PERSPECTIVA DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

Dissertação aprovada em 03 de fevereiro de 2020, no curso de Mestrado em História da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

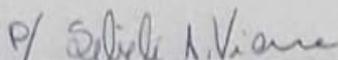
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Sibel Aparecida Viana
PUC Goiás / Presidente



Profa. Dra. Thaís Alves Marinho
PUC Goiás / Examinadora Interna



Prof. Dr. Fernando Ozorio de Almeida
UFS / Examinador Externo

Profa. Dra. Gláucia Aparecida Malerba Sene
UERJ / Suplente

Profa. Dra. Marlene Castro Ossami de Moura
PUC Goiás / Suplente

Aos nossos familiares, aos foliões, ao Glorioso Santos Reis

DEDICATÓRIA

Ao Pai Eterno e aos Três Reis Magos, santos de minha devoção junto com a Mãe Aparecida. Aos familiares em especial meus pais (Elcio José Cabral e Elieth Junqueira Cabral), minha irmã historiadora por profissão, meus avós e ao João Cabral, avô que hoje apenas vive em minha memória, fora ele quem me acompanhou inúmeras vezes quando criança nos giros das Folias. À Daniele Bernardo, minha companheira que me deu forças e sempre acreditou em mim, sem seu entusiasmo e paciência esse trabalho não estaria aqui finalizado. Aos devotos e foliões das companhias de Reis de Itaguari, tendo um cuidado particular aos da Companhia de Reis do Brejo Grande e Mineira.

Em setembro de 2019, Dona Silvéria Rosa aos seus 103 anos completos, veio a falecer, este trabalho é, sobretudo uma homenagem a esta senhora que ao longo da sua vida destinou sua casa para receber a bandeira de Santos Reis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelo dom da escrita, aos amigos Dr. Agnaldo Divino Gonzaga e Magno Florentino Dutra, pesquisadores de Folia Reis, ao mestrando Alleks Endriw, companheiro historiador que durante as entrevistas me auxiliou com fotografias e gravações. À Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás (FAPEG), que custeou parte do orçamento desta pesquisa. Aos docentes do Programa de Pós Graduação em História desta Pontifícia Universidade e em especial à minha orientadora Dra. Sibeli Aparecida Viana por ter me aprimorando na arte de escrever.

*“A verdadeira viagem de descobrimento não
consiste em procurar novas paisagens, mas em
ter novos olhos”*

- *Marcel Proust*

RESUMO

Folia de Reis envolve patrimônio, identidade, signos, rituais, elementos que compõem o catolicismo popular. Ato devocionais ligados à sacralidade de santos que nem sequer foram canonizados. A presente pesquisa, inscrita na linha de pesquisa identidade, territorialidade e tradição, contempla o campo da materialidade nas Foliás de Reis Itaguarinas buscando compreender como a Folia atuou resistindo às modernidades que marcam o século XXI. Neste contexto cabe abordar que consiste um processo de universalização que hierarquiza a cultura erudita e a cultura popular. Realizei uma análise desta materialidade frente às mudanças que essa manifestação religiosa sofreu ao longo dos anos, sua modernização devido ao crescimento da festa, incorporação de novos valores e signos e a protagonização do gênero feminino. Tomo como problema a necessidade de compreensão da tradição enquanto resistência cultural, observar as Foliás de Reis Itaguarinas como se porta sobre a materialidade dos objetos sacros. Os procedimentos adotados envolvem pesquisa de campo com levantamento de fontes a partir da oralidade dos sujeitos, observação participante e etnográfica, tendo por fim uma análise da descrição densa dos dados. Os resultados apontam que a necessidade de compor um campo da identidade que levam os sujeitos à ressignificar suas tradições e este processo incide diretamente na materialidade como elemento de poder, significação e construção da sua própria cultura.

Palavras Chave: Folia de Reis, Materialidade, Itaguari, Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

Folia de Reis involves heritage, identity, signs, rituals, elements that make up popular Catholicism. Devotional acts linked to the sacredness of saints who have not even been canonized. This research, inscribed in the line of research identity, territoriality and tradition, contemplates the field of materiality in the Folia de Reis Itaguarinas seeking to understand how the Folia acted resisting the modernities that mark the 21st century. In this context, it is appropriate to approach that it consists of a universalization process that hierarchizes the erudite culture and the popular culture. I carried out an analysis of this materiality in view of the changes that this religious manifestation has undergone over the years, its modernization due to the growth of the party, the incorporation of new values and signs and the protagonism of the female gender. I take as a problem the need to understand tradition as cultural resistance, to observe the Folia de Reis Itaguarinas as it behaves about the materiality of sacred objects. The procedures adopted involve field research with survey of sources based on the subjects' orality, participant and ethnographic observation, aiming at an analysis of the dense description of the data. The results show that the need to compose a field of identity that leads the subjects to resignify their traditions and this process directly affects materiality as an element of power, meaning and construction of their own culture..

Keywords: Folia de Reis, Materiality, Itaguari, Cultural Heritage.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1 - FOLIA DE REIS: uma análise histórico-cultural	35
1.1 - De Portugal ao Brasil: a viagem da Bandeira dos Reis do Oriente com destino ao Novo Mundo	35
1.2 - Folias de Reis de Goiás	45
1.2.1 - A Cidade e seu Passado, Folias, Ações e Performances Urbanas.....	46
1.3 - Paisagem Urbana: usos do espaço público pelas Folias Itagarinas	53
CAPÍTULO 2 - MATERIALIDADE E PERFORMANCES: fases e simetrias nas Folias de Reis	60
2.1 - A Folia de Reis de Itaguari e suas fases organizacionais	60
2.2 - Lugares e Tempos dos Rituais	65
2.3 - Materialidade Ritual	73
2.4 - Altares, Bandeiras e Santos: A materialidade da fé	77
2.4.1 A Materialidade Dos Santos	78
2.4.2 - A Bandeira	80
2.4.3 - O Altar	85
2.4.4 - A Estrela	88
2.4.5 - Os Palhaços	90
2.4.6 - Os Arcos e Correntes	93
2.4.7 - O Terço	96
2.4.8 - As Indumentárias dos Foliões	97
2.4.9 - Coroas	100
2.5 - Saberes-Fazeres: Práticas Rituais no Preparo de Alimentos nas Folias de Reis.....	102
2.6 - A Folia enquanto Patrimônio Cultural	109
2.7 - Identidade e conflito: uma questão sociocultural	112

CAPÍTULO 3 - Festa e Folia, Mulher e Catira	117
3.1 - (Des)Continuidades da Festa de Reis	117
3.1.1 - A Festa que Virou Tragédia	119
3.2 - Mulher, Folia e Catira	123
3.2.1 - Do Tacho a Resiliência	123
3.3 - A Catira e a Performance de Gênero	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
BIBLIOGRAFIA	142
ENTREVISTAS	151
ANEXOS	154

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	35
Imagem 2	40
Imagem 3	41
Imagem 4	52
Imagem 5	53
Imagem 6	54
Imagem 7	56
Imagem 8	58
Imagem 9	60
Imagem 10	66
Imagem 11	75
Imagem 12	76
Imagem 13	77
Imagem 14	80
Imagem 15	83
Imagem 16	84
Imagem 17	85
Imagem 18	87
Imagem 19	89
Imagem 20	92
Imagem 21	95
Imagem 22	95
Imagem 23	97
Imagem 24	98
Imagem 25	99
Imagem 26	102
Imagem 27	104
Imagem 28	105
Imagem 29	106
Imagem 30	108

Imagem 31	108
Imagem 32	117
Imagem 33	132
Imagem 34	133

MAPAS

Mapa 1	49
--------------	----

ESQUEMAS

Esquema 1	68
Esquema 2	69
Esquema 3	70
Esquema 4	71
Esquema 5	72

TABELAS

Tabela 1 - Igrejas da zona urbana da cidade de Itaguari.	22
---	----

ANEXOS

Anexo I - Ficha de entrevista

Anexo II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Anexo III - CD com Entrevistas

INTRODUÇÃO

As Folias de Reis constituem-se de manifestações religiosas que contemplam, encenam e celebram a adoração ao Jesus Recém Nascido. Este local de adoração cuja materialidade abordaremos adiante é o entendido como sagrado aos devotos.

Ali descansaremos e contemplaremos, contemplaremos e amaremos, amaremos e daremos graças. Eis aqui o que haverá ao fim, mas sem fim. Pois qual outro pode ser o nosso fim senão chegar até o Reino que não tem fim? (AGOSTINHO *apud* BRANDÃO, 2004, p. 25).

A presente pesquisa, abarcada nos pressupostos da História Cultural, tem como tema a Folia de Reis no município de Itaguari - localizado no estado de Goiás. Segundo Brandão as folias são constituídas por um grupo de pessoas que celebram a epifania do nascimento de Cristo.

A Folia de Reis é um grupo precatório de cantores instrumentistas, seguidos de acompanhantes e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos três Reis Santos, entre 31 de dezembro e 06 de janeiro (BRANDÃO, 2004, p.347).

De acordo com a perspectiva da História cultural, representada principalmente por Roger Chartier, é possível, dentre outros objetivos, compreender aspectos históricos e culturais de um povo por meio da inserção do pesquisador no campo da pesquisa, de forma que ele possa: agir, vivenciar, sistematizar e observar; pelo menos partes dos elementos culturais estruturantes que regem o comportamento daquele grupo. Isso o possibilita a compreensão de certas particularidades relacionadas às transformações sociais, étnicas e culturais de uma coletividade, por meio de diversos campos, como da História e da Antropologia.

Deste modo, o Historiador Cultural pode elaborar sua pesquisa com olhar voltado tanto ao passado quanto ao presente. Levando em consideração as formas de observar e perceber os indivíduos que são responsáveis por agir sobre as camadas sociais dentro de um tempo e espaço determinados. Compete também ao historiador a análise dos processos pelos quais as realidades e os sujeitos são construídos.

A citação do início do texto foi elaborada por Santo Agostinho nos primórdios da 'Era Cristã', ela se apresenta atual dentro do campo simbólico e ritual das Folias de Reis. A Folia

é gesto de adoração, de partilha¹ e de agradecimento pela graça recebida. O contemplar apontado por Agostinho no século IV é uma forma ritualística de cultuar uma divindade. Esse ritual cumpre-se nas Folias de Reis.

O contemplar, o amar e o descansar são atos sistematicamente presentes em diversos momentos das Folias de Reis, são imbricados de simbolismos que são respeitados e executados sistematicamente pelos fiéis a partir de diversos rituais. Sobre os ritos, Segalen (2002) afirma que eles podem ser considerados como sistemas complexos comuns ao grupo.

[...] um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagem e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo. O uso do ritual é paralelo ao aparecimento da humanidade (SEGALEN, 2002, p. 31).

Neste sentido a ritualidade das folias pode ser considerada a partir da formalização de uma fé cuja caracterização se implica na relação sinérgica entre gestos, saberes, símbolos e objetos.

A graça e o reino dos foliões é marcada pela festa de Reis, realizada no dia 06 de janeiro. Este ato marca o fim da jornada dos foliões, é o momento da partilha, a graça refere-se ao cumprimento de seu papel dentro da ritualidade mística da folia. O lugar onde se realiza a festa representa o ápice, a chegada (nome que os foliões se referem a este dia), momento sublime da ritualidade das Folias.

A data de 6 de janeiro é considerada um marco de rememoração das Folias. Essa representa o encontro dos Reis Magos ao menino Jesus recém nascido. Na centralidade da festa descansa a Bandeira, considerada como o ‘Sagrado Pano’, presente em todo o percurso da folia, desde o início marcada pela saída da folia no mês de dezembro para cumprir novamente o seu ritual.

Segundo Rosiane Mota e Maria Almeida (2012), as Folias constituem-se num universo permeado por ritos, crenças e lembranças, que se articulam com seus atores, neste sentido a tradição é o resultado da articulação desses elementos ativados pela memória dos sujeitos. De modo que também estabelecem as relações da continuidade e da tradição,

¹ Por celebração da partilha entende-se o ato semelhante ao realizado por Cristo e seus apóstolos durante as ceias cristãs em específico a santa e última ceia.

fomentando uma persistência da tradição e a significação da memória. É o sentimento de ‘lembrança’ que se estabelecem as razões que me levaram à escolha desse tema, entre elas: a importância de registrar as tradições, as memórias e compreender a materialidade das Folias na cidade de Itaguari. Considerada para mim uma paixão, admiração, graça, assim como reflete a devoção que herdei de minha família.

Essa herança garantiu-me conhecimento dessa tradição religiosa que marca, embeleza e, acima de tudo, ressignifica a minha fé e a de outros tantos milhares de fiéis que, no dia 6 de janeiro de cada ano se reúnem em Itaguari para a celebração da partilha, para cumprir uma jornada de 12 dias sob a poeira, sol, chuva e lama, para louvar o nascimento de Jesus.

Meu contato com a Folia se deu aos meus 7 (sete) ou 8 (oito) anos de idade. Naquele primeiro momento não pude compreender nitidamente o que o ‘embaixador’ dizia em seus versos, soube depois que aquilo era uma representação de Deus; que aquela bandeira vermelha seria algo ‘santo’; que deveria ser respeitada pelo poder milagroso que estaria ali materializado. Naquele momento eu, ainda criança, teria me curvado e beijado aquele sagrado pano. Jamais imaginaria que quase 20 anos depois cá estaria eu dissertando acerca de meu gesto.

A escolha desse tema também justifica-se pela importância da Folia enquanto manifestação de cultura popular que se mantém viva ainda que com o avanço da globalização e da modernidade, assim como frente ao crescimento do movimento neopentecostal. A Folia de Reis esteve presente no processo de construção identitária de parte representativa dos habitantes de Itaguari, nesse sentido, pesquisar sobre esse tema é também se voltar à história e identidade das populações locais.

Itaguari situa-se na mesorregião (centro goiano), sua formação política e de emancipação data da década de 1980, porém, vestígios arqueológicos indicam um passado bem mais longínquo de ocupação. Na região foram encontrados objetos arqueológicos, como instrumentos feitos de rocha e confeccionados a partir da técnica de polimento e produção de vasilhames cerâmicos (SOUTO, 2006), indicando que a região foi ocupada por grupos nativos conhecidos historicamente, como os Kayapó, como apontado por Pohl (1975) e Palacin (1994).

Segundo Cardoso *et al.* (2013), a economia do município gira, parcialmente, em torno da agropecuária. Composta em sua grande maioria de pequenos sítiantes, seguido das indústrias têxteis, voltadas à confecção de moda íntima. Esta última começou a ter maior

representação de mercado a partir da década de 1990 e, atualmente, com a grande expansão do ramo de confecções, a cidade se autodenomina como a ‘capital da moda íntima’ mesmo possuindo uma economia proveniente de fontes mistas.

Segundo pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística², o município possui cerca de 4.500 habitantes, em uma área de 146,638 km², com uma densidade demográfica de 30,78 hab/km². O PIB (Produto Interno Bruto) per capita, em 2015 era de R\$ 11.935,86. Segundo também dados do IBGE, 98,4% da população de 6 a 14 anos de idade se encontravam matriculados nas instituições de ensino fundamental competentes.

É importante destacar a quantidade expressiva de igrejas no município, em 2019, além de dois templos da Igreja Católica - a matriz e a capela de Nossa Senhora da Conceição do Brejo Grande localizada na zona rural de Itaguari na região do Brejo Grande -, outras 14 Igrejas Protestantes e um Templo de vertente espírita estão presentes no município.

TEMPLOS RELIGIOSOS	TEMPLOS NA ZONA URBANA
Assembleia de Deus da Missão	1
Igreja Evangélica Deus é Amor	1
Igreja Luz Para os Povos	1
Salão do Reino das Testemunhas de Jeová	1
Salvação do Senhor Jesus Cristo	1
Assembleia de Deus campo de Itaberaí	1
Assembleia de Deus Missão congregação de Itaberaí	1
Congregação Cristã no Brasil	1
Assembleia de Deus Novo Planalto	1
Adventista do 7º Dia	1
Universal do Reino de Deus	1
Assembleia de Deus Madureira	3
Assembleia de Deus Vila Nova	1
Vale do Amanhecer (Espírita)	1

Tabela 1 - Igrejas da zona urbana da cidade de Itaguari. Fonte: do autor/2019.

² IBGE. Censo de 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/itaguari/panorama> Acesso em: 29 dez 2019

Além da Folia de Reis, a cidade tem como elementos culturais - de caráter religioso católico - as festas dedicadas aos santos padroeiros da cidade: São Sebastião e Nossa Senhora de Fátima. Conta ainda com festas dedicadas a São Pedro, São João, Santo Antônio e a Nossa Senhora Aparecida. Na vertente protestante, observei algumas dezenas de templos evangélicos (Tabela 1), sejam os de sede própria com arquitetura particular, sejam os de forma improvisada em salas comerciais. Da mesma forma, o protestantismo marca sua participação religiosa cultural com eventos de caráter gospel, trazendo para a cidade pastores e grupos de louvor.

Especificamente sobre as Foliás de Reis de Itaguari, elas movimentam toda a cidade em diversos aspectos: econômico, político, lúdico, religioso e social - em que inclui-se elementos de solidariedade, sociabilidade e reciprocidade. Nesses últimos aspectos ressalto, dentre outros, as toneladas de alimentos doadas pela população local e demais devotos que deixam suas ofertas como agradecimento às graças recebidas, ou, simplesmente por devoção. Se de um lado, existem os foliões e os devotos que estão ali para participar de todos os momentos da festa, de outro, há um ‘batalhão’ de voluntários que se dedicam ao trabalho em louvor aos Santos Reis durante os dias da Folia. Essas pessoas assumem o papel mais penoso da festa, cozinham diariamente e, por vezes, a noite toda, para servirem os devotos de Santos Reis, que chegam até cerca de 14.000 pessoas no dia 06 de janeiro e passam de 20.000 durante os 12 dias da festa - segundo informações do Comando da Polícia Militar de Itaguari - os devotos e foliões ocupam os núcleos urbanos e rurais de um município com 4.700 habitantes.

Em Itaguari as Festas de Foliás de reis remontam desde o século XIX. Nela são realizadas cinco festejos de reis: ‘Folia Goiana’, ‘Folia Mineira’, ‘Folia do Brejo Grande’, ‘Setembro ou Temporona’ e ‘Dos Cumpade’.

Apoiado na perspectiva de patrimônio cultural imaterial, selecionei como objeto de estudo para a presente pesquisa, a Folia Mineira e a do Brejo Grande. A seleção delas justifica-se pelo fato de representarem as mais tradicionais no município. Todavia, fez-se necessário uma análise parcial acerca de dados levantados sobre a Folia de Reis Goiana, realizada no núcleo urbano, o que permitirá compreender, dentre outros aspectos, aqueles relacionados às mudanças tradicionais em certos ritos das foliás. A inclusão dessa folia, ainda que parcial, permitirá traçar planos comparativos entre as Foliás de Reis do Brejo Grande e a Mineira.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em investigar as referidas folias considerando as materialidades e as subjetividades presentes nos ritos e nos comportamentos individuais e coletivos de seus foliões e devotos. Buscou-se identificar o papel dos sujeitos atuantes (agentes), observando aspectos acerca de relações de poder e gênero. Especificamente sobre as relações de poder, será focado o papel do embaixador em relação aos demais foliões e, em outra vertente, será discutido a participação das famílias locais na fundação das Folias de Reis de Itaguari e sua atuação nos tempos atuais.

Partindo de uma descrição densa da materialidade e considerando-a indissociável da atuação dos agentes, proponho também considerar como as famílias locais influenciaram na continuidade das Folias bem como a atuação política a qual foi fundamental para a consolidação do município.

A Folia de Reis da cidade de Itaguari será tratada numa perspectiva plural. Onde os grupos constituem uma diversidade cultural que se manifesta de forma comum nas folias mencionadas anteriormente (Folia de Reis Mineira e Folia de Reis do Brejo Grande). Apesar das especificidades de cada uma, serão doravante denominadas de ‘Folias de Reis de Itaguari’ quando as informações entre elas forem semelhantes.

Ao aprofundar na subjetividade dos agentes e na materialidade dos objetos sagrados presentes nas Folias de Reis Mineira e do Brejo Grande, observei a agência estabelecida entre ambos durante os rituais. Nesse sentido, tenho o propósito de considerar não somente os sujeitos, mas também os objetos enquanto categoria de análise fundamental para entender a dimensão simbólica e histórica da folia.

Antes de prosseguir, importante enfatizar, o que se entende por materialidade, tendo em vista que esse termo será tratado sistematicamente ao longo dessa pesquisa. Por materialidade se entende elementos que vão além da cultura material, são expressos pelos ambientes e outros elementos naturais, nos quais se encontram os indivíduos, mas que foram apropriados pelos mesmos - de forma consciente ou não - e que fazem parte e dão sentido aos eventos.

[a materialidade compreende] também o sentido dos elementos que não foram, pelo menos num primeiro momento, culturalmente determinados. A segunda é constituída por símbolos com potencial para agenciar o modo pelo qual grupos humanos, ao longo dos tempos organizam e avocam a própria vida social (COSTA;VIANA, 2019, p. 4).

A materialidade compõe-se de elementos que são reinventados, ressignificados, trazendo sentidos a ritualidade, gerando uma interação entre os agentes e os objetos.

Por se tratar de eventos de expressiva densidade simbólica marcada por subjetividades associadas a uma tradição cultural antiga, busquei compreender como os ritos, símbolos e objetos presentes nas mencionadas folias influenciam nos comportamentos individuais e coletivos nos festejos de reis desta região partindo da memória dos sujeitos históricos. Assim como, observar como as pessoas atuam sobre os objetos, podendo usar deles para reforçar seus papéis durante os rituais.

Para contemplar a memória, como categoria de análise desta pesquisa, dentre outras fontes, selecionei a obra de Nora que considera a “memória, ou o conjunto de memórias, mais ou menos conscientes de uma experiência vivida ou mitificada por uma comunidade, cuja identidade é parte integrante do sentimento do passado” (NORA, 1990, p.451).

Segundo Halbwachs (2013), um processo de memória coletiva constitui-se da participação ativa do que ele chama de ‘rememoração’, sendo que, as lembranças tornam-se testemunhos que instituem a memória.

Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Neste sentido cabe conceituar a relação entre a memória e a lembrança uma vez que atuam compondo uma unificação de recordações.

As memórias evocadas transmitem a recordação dos fatos que precisam ser conservados, fator de unificação dos monumentos da unidade passada, ou equivalente, porque se remeter ao passado e a confirmação da unidade do presente (SANTOS, 2015, p. 7).

Sendo assim a memória amplia um resgate de fragmentos do passado a fim de compreender os processos cujos sujeitos históricos tivessem inseridos. Além de reativar as lembranças é necessário ao historiador relacionar os fragmentos das memórias de um indivíduo (ou de uma coletividade) com outras narrativas, de modo a compreender o tempo histórico e seu objeto.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição

funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Ao buscar entender aspectos da cultura religiosa de um grupo social, embarco no campo da memória coletiva. Para Halbwachs: “nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais, só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos” (2013, p. 26).

A memória constitui de um vínculo entre o agente e o passado, um viés no tempo que traz um sentimento de pertencimento ao sujeito, neste sentido essa memória é sobretudo um patrimônio do próprio indivíduo capaz de definir sua identidade.

Tratarei as folias de Itaguari como patrimônio cultural intangível, e, ao mesmo tempo, como categoria histórica. Para tanto baseei-me seja nos campos da História, que de maneira interdisciplinar relaciona com o movimento modernista liderado por Mário de Andrade ou com as observações no que remetem às manifestações culturais realizadas por Câmara Cascudo. Vale ressaltar que a importância do movimento modernista para a historiografia condiz na produção de estudos culturais que revelariam a identidade nacional.

Ao levantar a ideia de uma “consolidação da proposta modernista na imprensa de massa”, da qual Mário de Andrade seria o grande expoente, Lopez reforça a ideia de um modernismo homogêneo, com bases firmadas em São Paulo e que teria a Semana de 1922 como grande marco inaugural de um projeto que previa, entre outras coisas, diagnosticar a fundo a identidade nacional (SILVA, 2012, p.315).

No que se refere aos estudos culturais destaca-se a atuação de Luís Câmara Cascudo que em sua célebre obra ‘dicionário do folclore brasileiro’ destaca a importância de compreender os mitos, tradições e elementos que compõem a cultura de um povo.

Publicado em 1939 Vaqueiros e Cantadores (Livreria do Globo, Porto Alegre), comecei lentamente a pôr em ordem um temário do Folclore Brasileiro para simplificar as consultas pessoais. Lendas, mitos, superstições, indumentária, bebidas e comidas tradicionais, os santos favoritos do hagiológico nacional, os folcloristas, vinte e outros temas foram sendo colocados em ordem alfabética, com a indispensável bibliografia. Em 1941, a ideia de um Dicionário do Folclore Brasileiro apareceu como um

plano para dez anos de trabalho sereno, sem pressa e sem descanso (CASCUDO, 1954, p. XXIV *apud* CARVALHO, 2013, p. 19).

Cabe então destacar as obras contemporâneas que trazem as teorias culturais pertencentes ao estudo da História Cultural e Antropologia. Para Guimarães (2012) a História e a Antropologia caminham juntas, o patrimônio, objeto de estudo desta pesquisa, seria uma forma de (re)escrita do passado.

Devemos compreender as reflexões em torno do patrimônio em sua estreita articulação com os trabalhos de produzir uma forma de escrita do passado, devendo-se tratar essa escrita a partir de uma perspectiva histórica (GUIMARÃES, 2012, p. 27 *apud* NOGUEIRA, 2014, p 48).

As narrativas históricas são construídas ao longo das reflexões das vivências, da identidade de um povo, encontram-se atreladas a uma rede de significados culturais que condicionam os indivíduos no meio social em que vivem.

Para Geertz, “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (2008, p.4), nesse sentido, a cultura está representada nessas teias e em sua reflexão; portanto, não como uma ciência nomotética empírica, mas como uma ciência compreensiva, em busca da formação do significado. As Folias possuem particularidades atreladas à identidade cultural dos indivíduos, assim como de uma coletividade, tecida a partir de uma densa simbologia que dá sentido às tradições.

Observo ainda a importância da história para com os saberes - as celebrações e os patrimônios culturais - com objetivo de compreender o passado dos povos a partir de suas manifestações, representações e símbolos. Estes aparecem reconstruídos ao longo do tempo.

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. [...] A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele (PESAVENTO, 2005, p. 42).

Neste aspecto, a História Cultural se propõe a compreender o passado, tendo por base as subjetividades e individualidades dos sujeitos.

Partindo das concepções apresentadas pelo antropólogo Gonçalves (2007), posso compreender o papel dos objetos sagrados das Folias de Reis (Brejo Grande e Mineira) que correspondem ao que condiz à construção de uma identidade coletiva em que os sujeitos exercem suas *práxis* por intermédio da materialidade.

(...) os objetos não apenas demarcam ou expressam tais posições e identidades, mas que na verdade, enquanto parte de um sistema de símbolos que é condição da vida social, organizam ou constituem o modo pelo qual os indivíduos e os grupos sociais experimentam subjetivamente suas identidades e status (GONÇALVES, 2007 p.21).

Nesse sentido, os objetos possibilitam, para mim enquanto pesquisador, compreender o seu papel na constituição da tradição das folias. Sem dúvida o tratamento particular dos agentes entre os objetos e sua distinção durante a ritualidade que constitui um momento sacro', marcada pelo sagrado e pelo profano. Estas resultam em importante entendimento sobre esta centenária festa religiosa além de compreender como os objetos determinam a identidade coletiva do grupo.

Constitui-se naquele espaço "ao redor" do espaço sagrado. Em relação ao espaço profano aplicam-se as interdições aos objetos e coisas que estão vinculados ao sagrado, numa realidade diferenciada da realidade sagrada. Através da segregação que o sagrado impõe à organização espacial, identifica-se o espaço profano diretamente vinculado ao sagrado e o espaço profano indiretamente vinculado (ROSENDAHL, 2002, p. 81).

Os objetos que atuam nos rituais das folias são: a bandeira, as máscaras, os instrumentos musicais, os ornamentos pessoais dos foliões, os objetos utilizados nas rezas como o presépio, o altar e o terço; também aqueles que decoram o espaço que recebem as chegadas das folias, como a estrela, o arco, as flores e as fitas.

Nota-se que em toda a dimensão da Folia de Itaguari perpassa pela bênção dos Reis, estampada na bandeira. Toda Folia (seja a dedicada aos Reis como as de Itaguari, seja as de São Sebastião presente em Minas Gerais e do Divino Espírito Santo, em Pirenópolis) têm por seu principal objeto a Bandeira, o que as diferencia são as ritualidades, tratamentos, e as estampas no tecido. A bandeira neste sentido pode ser compreendida como um objeto confeccionado em tecido que traduz seu significado santo para os devotos, constituindo-se de um objeto que emana poder e graças.

Ainda sobre os objetos, noto nas folias a presença de ornamentos, de vestes e de demais símbolos que são apropriados pelos foliões como elementos identitários dentro da ‘companhia de reis’. Apoiados na necessidade de compreender tais símbolos, recorro novamente a Gonçalves onde coloca que a materialidade formam as identidades dos povos.

Enquanto parte de um sistema de símbolos que é condição da vida social. [...] os objetos organizam ou constituem o modo pelo qual os indivíduos e os grupos sociais experimentam subjetivamente suas identidades e status (GONÇALVES, 2007, p. 21).

As folias de reis possuem diversos personagens que desempenham papéis específicos, como exemplo, destaca-se: o palhaço, os foliões (os foliões mais velhos, os mais jovens), os festeiros, pouseiros e os devotos. Importante ainda considerar os cozinheiros e serventes, atuantes nos pousos e na grande recolhida da festa. Um aspecto de gênero, que cabe nesta discussão, está relacionada à figura da mulher e suas funções. Estas estão, por vezes, vinculadas a atuação do esposo ou dos filhos. Neste sentido, os papéis de liderança nas folias são marcados por um patriarcalismo. No que tange a reapropriação de elementos da modernidade, destaca-se o papel da mulher que, nos últimos anos, tem atuado como agente principal no interior das folias com apresentações de catira e rezas de terço.

A cantoria, o forró, a comida, o giro e a camaradagem estão também presentes nesta manifestação - marcada pelo patriarcalismo -, mas também por ações a priori de solidariedade, representada pelo ‘compadrinamento’. Tais comportamentos estão imbuídas de relações mais complexas, fundadas nos comportamentos de doar (trabalho, dinheiro, mantimentos), receber e retribuir. Nessa relação tríplice, junto com o trabalho voluntário se cria e fortalece relações sociais que não são, necessariamente, proporcionais.

De um lado, Mauss evidencia que a dádiva é o oposto da troca mercantil e, paradoxalmente, procura nela a origem da troca (ou intercâmbio). De outro lado, mostra a essência da reciprocidade com caráter universal da tríplice obrigação de "dar, receber e retribuir" (SABOURIN, 2008, p.65).

Neste sentido, uma das hipóteses desta pesquisa constituiu-se na observação que: tal relação (o compadrinamento) torna-se o um dos fatores mais importantes para entender a continuidade dessa tradição, que perdura há cerca de 200 anos, em uma pequena região do interior de Goiás.

Um grupo doméstico com excedente de meninas trocava filhas com outro grupo que tivesse excedente de meninos pela via do compadrio. Nesse caso, como em outros, se A se torna padrinho de um ou mais filhos de B, este, por sua vez, será padrinho de um ou mais filhos de A, estabelecendo-se uma relação de reciprocidade direta. Compadres são concebidos como irmãos rituais (e, com grande frequência, são "irmãos de sangue"). O padrinho, por outro lado, é "que nem o pai", e essas construções legitimam a troca de crianças, tornando-se o(a) afilhado(a) um(a) filho(a). Através da cultura, consegue-se equilibrar o grupo doméstico, ao mesmo tempo que se preserva o princípio da família (WOORTMANN, 2013, p. 32).

Nas folias existe um aparente 'desconflito', conforme visto em Zafaneli e Scatolino (2018), entre as relações e os integrantes. Entretanto estes 'desconflitos' escondem relações hierárquicas, de poder, que se interpõem. Esta hipótese foi elencada por Dutra (2009) em seu trabalho monográfico, desenvolvido a partir da perspectiva foucaultiana. O "desconflito" marcado pelo compadrinamento seria a afeição familiar entre indivíduos sem laços sanguíneos.

Tal conceito engloba muito mais do que apenas um senso de pertencimento, mas de camaradagem e de irmandade, como se o indivíduo fizesse parte de uma grande família. Por esta razão, o indivíduo se submete às recomendações e a julgamentos do grupo de maneira voluntária e de bom grado, já que objetiva a amizade e a proteção dos integrantes como forma de recompensa pela sua afiliação ao grupo (ZAFANELI;SCATULINO, 2018, p.39).

Neste sentido, as noções de desconflito e pertencimento estariam inconscientemente implicadas. Desde a organização até a realização dos rituais religiosos das Folias, de modo que as relações de poder não são explícitas, como por exemplo: a atuação dos mais jovens, por vezes crianças, dentro dos rituais.

Considerando o exposto, esta pesquisa tem como problemática central, compreender a resistência das folias perante a modernidade e em face da globalidade e da indústria cultural. Estou embasado nas concepções da cultura popular que ao longo dos anos resiste frente a essas transformações, mesmo que, em algumas circunstâncias, se apropriando de novos significados. Neste sentido Thompson afirma que as relações de poder influem no processo de resistência cultural.

Espero que a cultura plebéia [seja] um conceito mais concreto e utilizável, não mais situado no ambiente de "significados, atitudes, valores", mas localizado dentro de um equilíbrio particular de relações sociais, um

ambiente de trabalho de exploração e resistência à exploração, de relações de poder mascaradas pelos rituais do paternalismo e da deferência (THOMPSON, 1998, p.17).

No que tange às culturas, estas deveriam ser pensadas como um campo propenso aos conflitos. Que contenham disputas e impasses, entretanto tais premissas não são plausíveis de avaliação sem antes postas à uma perspectiva histórica e de uma reflexão diacrônica. É possível compreender o espaço das manifestações culturais como um espaço dotado de relações de poder. Relações de poder que emergem para compor uma resistência, mas sobretudo a uma persistência cuja continuidade estaria atrelada à memória de seus sujeitos. Pois, como afirma Domingues: “cultura deve ser pensada como um campo de disputas, confrontos, dissensões e contradições – inclusive no terreno popular” (2011, p. 411).

Para tratar do aspecto dinâmico da tradição e da continuidade de certos elementos ao longo dos tempos, baseio-me no conceito de ‘*différance*’ (DERRIDA, 1991), entendido aqui como um movimento de significação onde segundo o autor, “cada elemento do presente, guardando em si a marca do elemento do passado, também se deixa “moldar, refazer-se por sua relação com o elemento futuro” (RIBEIRO;SILVA, 2015, p. 7).

É o que faz com que o movimento da significação só se torne possível por cada elemento dito “presente”, ou seja, aquele que aparece sobre a cena da presença possa se relacionar com outra coisa que não ele próprio (DERRIDA, 1991, p. 45 *apud* RIBEIRO;SILVA, 2015).

Por fim, é parte integrante do conjunto das problemáticas desta dissertação entender o motivo pelo qual Itaguari detém tamanha quantidade de Folias de Reis.

Considerando que a História Cultural lida, dentre outras abordagens, com o campo do saber-fazer das celebrações, formas de expressões culturais, retidas na memória coletiva e manifestadas por meio das tradições. A presente pesquisa utilizar-se-á como base metodológica: a história oral; análise de imagens fotográficas; etnografia, a partir da descrição densa dos eventos; revisão bibliográfica, a partir de análise historiográfica proveniente de documentos históricos relacionados às Folias de Reis de Itaguari. Ressalta-se a importância do historiador em analisar as fontes e materiais dispostos relevantes a seu objeto de pesquisa.

Fontes históricas documentais, a exemplo de atas da câmara municipal, atos administrativos de governos, fotografias, periódicos (jornais, revistas e

boletins) e documentos de origem oral, constituem-se como elementos metodológicos fundamentais para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre o trabalho e a educação. A compreensão desta afirmativa parte do princípio de que não existe um só discurso possível sobre os acontecimentos passados e, deste modo, as diferentes fontes documentais proporcionam uma noção de inter-relação entre as diversas faces da história do trabalho e a da educação, expressa em cada uma das fontes, necessária à reconstrução histórica focalizada pelo pesquisador (ALVES; SILVA, 2004, p.1).

As atividades de campo foram desenvolvidas a partir do conceito de “descrição densa” (GEERTZ, 2008, p. 7). Assim, por meio de uma abordagem etnográfica busquei elementos para subsidiar as comparações fundadas na diversidade cultural presente nas Folias de Reis do Brejo Grande, Mineira.

Por “descrição densa” entende-se enquanto método, que o mesmo possibilita uma análise interpretativa da antropologia, uma vez que a partir da descrição densa é possível diferenciar uma “piscadela de um tique nervoso mesmo que ambas tivessem em comum o ato de contrair a pálpebra direita” (GEERTZ, p.5). Sendo assim a partir deste método é possível descrever não só acontecimentos sociais mas costumes, gestos (piscadela), símbolos que tendem a compor as parcelas das estruturas sociais complexas - que organizam um grupo -, dos quais por vezes, se sobrepõem e se entrelaçam, dando sentido à um conjunto de valores e símbolos de um povo.

O trabalho de campo foi realizado entre os dias 25 de dezembro de 2018 e 06 de janeiro de 2019. Durante os dias 25 e 30 de dezembro realizei a observação junto a Folia Mineira, onde atuei junto aos seus rituais como instrumentista. Entre os dias 30 e 06 de janeiro, analisei a Folia de Reis do Brejo Grande. No dia 06 de janeiro pela manhã estive na festa de Reis da Folia do Brejo Grande, pois sua ritualidade ocorre pela manhã. Nesta ocasião, porém, a festa com muita comida e música ocorre o dia todo, por volta das 11:00 horas me dirigi ao espaço da festa da Folia Mineira e observei toda sua ritualidade como a chegada da companhia, cantoria, reza de terço, reza na mesa, almoço e passagem das coroas, por volta das 18 horas me dirigi para o centro da cidade de Itaguari e acompanhei o encerramento da festa de Reis da Folia Goiana.

Esse aporte também conta igualmente com a metodologia da História Oral, constituída de entrevistas realizadas com pessoas que testemunharam um determinado fato histórico ou, de alguma forma, participaram de sua formação e constituição.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Começou a ser utilizada nos anos 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México, e desde então difundiu-se bastante. Ganhou também cada vez mais adeptos, ampliando-se o intercâmbio entre os que a praticam: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e outros (O QUE É HISTÓRIA ORAL, CEPEDOC-FGV, 2018. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>).

Esse método de pesquisa constitui na maneira a tratar a memória, uma vez que, lida com agentes que participaram ou sofreram influência desse processo, colaborando para a escrita de um passado ainda recente.

[...] história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.[...]. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2004, p.18).

A análise das Folias de Reis, através do método da história oral, colabora com a compreensão das transformações sofridas ao longo do tempo. Essas informações são obtidas com base no resgate da memória de indivíduos selecionados para as entrevistas.

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p.17).

Pessoas que por vezes não sabem ler, nem sequer tenham tido quaisquer contatos com a música erudita, por meio desta manifestação cultural, fortalecem sua identidade como é o caso de embaixadores das folias de Reis e outros tantos foliões que adensam essa tradição.

Foram realizadas 19 entrevistas, estruturadas em questionário (Anexo I). Elas foram realizadas no período de desenvolvimento da pesquisa e com autorização do Comitê de Ética

da PUC Goiás³. O critério de seleção baseou-se na idade, no envolvimento das pessoas com a festa, pessoas que representam os diversos momentos das folias: pouseiros, foliões encarregados pela cantoria, foliões instrumentistas, os foliões que cuidam da administração da companhia, festeiros, devotos, cozinheiros e serventes.

Dentre outros aspectos, pretendo observar com as entrevistas as relações dos integrantes dos grupos de acordo com a idade de cada um, assim como o tratamento dessas pessoas para com os objetos. A partir de uma perspectiva diacrônica, pretendeu-se extrair as memórias dos mais velhos, observando como a cultura teria ganhado novos significados a partir da mediação dos mais jovens. Destas entrevistas busquei trazer informações para subsidiar a compreensão dos elementos e significados dos usos dos objetos acompanhados por uma prática ritual.

No primeiro capítulo é abordado o contexto histórico das Folias de Reis, e como desencadeou o processo de vinda desta manifestação religiosa ao Brasil bem como o processo de consolidação do núcleo urbano de Itaguari. Também contemplo a forma em que as Folias se tornam elementos de identidade cultural, tendo seus agentes atuando nos processos políticos locais.

No segundo capítulo adentrei na noção de patrimônio e materialidade. Como esta, por ventura, contém-se na práxis ritual das Folias e a relação entre atores (sujeitos) com os objetos. Para isso, retomo o conceito de identidade e parto para uma análise do lugar e do tempo; com objetivo de constituir as fases das Folias. De igual modo, abordo a importância da alimentação enquanto um processo de sociabilidade, assim como, a construção de uma identidade coletiva a partir das Folias de Reis.

No terceiro e último capítulo, abordo como as Folias se inovaram nos últimos anos. Recebendo mais pessoas, a mudança do espaço da festa em virtude de uma tragédia ocorrida na década de 1950. Entretanto, a mudança mais significativa foi a incorporação de novos papéis dentro deste universo que anteriormente era patriarcal, e agora abre espaço ao protagonismo feminino.

³ CAAE 04848218.2.0000.0037

CAPÍTULO 1 - FOLIA DE REIS: uma análise histórico-cultural

Proponho, neste capítulo, discutir brevemente acerca das problemáticas que envolvem as origens das Falias de Reis e como essa tradição atualmente relacionada ao catolicismo popular e folclore se (re)significou ao longo do tempo, como uma forma de resistência às mudanças culturais e religiosas. Tratarei, em específico, sobre a Folia no estado de Goiás e, de forma ainda mais particular, na sociedade itaguarina. Proponho abordar alguns aspectos sobre as decorrências das Falias na Europa e no Brasil, bem como as diferentes fases que compõem essa manifestação religiosa.



Imagem 1. A Adoração dos Magos. Quadro pintado por Sano di Pietro, em 1470. Pintura renascentista que reproduz a cena dos três magos prestando adoração a Jesus.

1.1 - De Portugal ao Brasil: a viagem da Bandeira dos Reis do Oriente com destino ao Novo Mundo

Durante o período de colonização do território brasileiro a influência católica trouxe aspectos que foram incorporados ao nosso cotidiano e consolidando nossa cultura. O ‘desbravar’ do Novo Mundo representou uma conquista ao Vaticano, um novo espaço a ser catequizado. Junto com a colonização portuguesa veio o catolicismo, posteriormente

culminando na consideração do Brasil como o maior país católico do mundo. Sem entrar na questão da sua relação com o Estado, a religião teve por finalidade evangelizar e catequizar a população nativa e os negros escravizados, assim como, reforçar a fé cristã entre os europeus - novos habitantes dessas terras. Com isso, ao longo dos anos ela se tornou, de forma diferenciada, em fator identitário de grande parte do povo brasileiro.

A crença de que uma vez existiu um "país encantado", que sobrevive nas práticas religiosas das comunidades rurais e nos movimentos milenaristas dos sertões, resulta do movimento romântico de construção de uma identidade nacional que vai imaginar, em retrospectiva, um passado pré moderno, dominado pelo mito, pelo mágico e pelo sagrado (STEIL, 2010, p. 358).

Neste capítulo, ao considerar sobre a viagem dos Reis do Oriente, me refiro à tradição que nos fala dos Reis Baltazar, Belchior e Gaspar que, segundo a devoção popular, eram Reis em regiões consideradas do Oriente. Entretanto, os textos bíblicos não apontam indícios acerca de suas origens ou quantos eram.

(1)Tendo nascido em Belém, na Judeia, no tempo do rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém e (2)perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos sua estrela no Oriente e viemos prestar-lhe homenagem (BÍBLIA. Mateus 2, 1-2).

No evangelho de Mateus não consta o nome dos Reis, nem sua quantidade; Considera-se apenas que seria mais de um indivíduo. A hipótese de ser mais um indivíduo se fundamenta pelo fato do texto ter sido redigido no plural. Outro elemento que favorece a presença de mais de um indivíduo diz respeito à diversidade e quantidade de presentes oferecidos: ouro, incenso e mirra. A partir do exposto, a tradição entende que estariam em número de 03 (três) a partir da interpretação do evangelho de Lucas.

(1)Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos do oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: (2) onde esta o recém-nascido o rei do judeus. Pois vimos sua estrela do oriente e vimos presta-lhe o homenagem. (3) Quando ouviu isto o rei Herodes perturbado ele e toda Jerusalém. (4) Tendo reunidos todos os sacerdotes - mestres e chefes da lei. Perguntavam a eles onde o onde o cristo deveria nascer. (5) Em Belém de Judá responderam eles, pois assim foi escrito pelo profeta (BÍBLIA. Lucas, 2, 1 - 5).

Em Mateus, ao se tratar da adoração dos Reis: "Ao entrar na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o homenagearam. Em seguida, abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra" (BÍBLIA. Mateus 2, 11).

Se por um lado celebra-se o culto do natal por outro celebra-se o culto aos 'Reis', pois segundo Silva (2011).

O culto aos reis surgiu a partir da narrativa bíblica, nos livros do novo testamento do evangelho segundo S. Lucas e evangelho segundo S. Mateus. Que narra a história de três reis conhecidos como Baltazar, Melchior e Gaspar, vindo do oriente em peregrinação em busca de um rei que haveria de nascer (SILVA, 2011, p.03).

Neste sentido o culto aos Reis está relacionado a uma tradição cuja narrativa bíblica não expõe com clareza em relação à origem ou a possibilidade de ser três dos Reis Magos.

O culto aos magos também está ligado à materialidades. Conforme Silva (2011).

A partir destes fatores de perseguição, peregrinação e vitória sobre seus perseguidores. Mostram a importância para o cristianismo dos reis magos ao lembrar o nascimento de Jesus cristo de Nazaré. No século XII em Milão na Itália, um achado arqueológico enviado por Constantino, no século IV possibilita um culto aos três magos por meio de relíquias. Seriam os restos mortais dos reis magos, encontrados em um mosteiro católico (SILVA, 2011, p. 05).

A abordagem acerca das origens das folias é tratada por Madeleine Felix em sua obra, *As Viagens dos Reis Magos*, em parceria com o folião e escritor Jadir de Moraes Pessoa. No que tange a devoção, esta relaciona-se à materialidade que estaria vinculada então aos restos mortais dos Reis.

Em Milão no século XII o papado estava aliado com cidades de origem lombardas e o imperador alemão Frederico Barbaroxa, estava em guerra com as mesmas pois tinha um desejo de o território do antigo império romano durante a escavação de um fosso defensivo, foram encontrados sepulcros com inscrições que identificaram que representavam ali os reis magos enviados por Constantino do século IV. De modo curioso, e Milão que primeiramente nos interessa. Com efeito, a invenção – esse e o termo empregado oficialmente pela igreja – das relíquias (restos mortais) dos reis magos situa-se cidade. Estamos no ano 1158 época de luta entre o imperador da Alemanha, Frederico Barbaroxa, e o papa Alexandre III busca reconstituir o império romano e, por isso ataca as cidades lombardas que são aliadas ao papado. O monge Guillane de Neubourgh, em sua história da Inglaterra, narra como milaneses, como era de costume desta época, destruíram eles próprios a construções erguidas do lado externo das

muralhas, a fim de cavar um fosso defensivo e, com isso, encontram diversos corpos enterrados sob o piso de um mosteiro antigo e nobre, em particular três corpos muito bem conservados (PESSOA; FELIX, 2007, p. 56).

O culto à materialidade sacra identifica um costume católico em cultuar suas divindades, neste caso, o culto aos Reis Magos é legitimado a partir da tradição católica onde Jesus teria nascido e sido visitado por pastores e Reis que representariam os 03 continentes conhecidos na época – Ásia, África e Europa. O surgimento da Folia nessa perspectiva está representado por diversas categorias, lugares/deslocamentos, religião/fé e poder/papéis dos personagens que constituem-se na base do culto aos Reis Magos. Visivelmente o culto aos Magos estaria relacionado à descoberta de suas relíquias e suas adorações em um contexto histórico permeado de conflitos e ideologias religiosas antagônicas.

Cabe lembrar que a sacralização daquilo que é material é uma prática recorrente no cristianismo católico. ‘As Relíquias’, como apontam Pessoa (2007), seriam o fundamento da peregrinação dos Reis Magos em encontro ao menino Jesus. Esse ritual é executado pelos grupos de Folia de Reis na sua essência, no qual o ‘giro’ compreende essa busca incessante do Messias recém-nascido.

Contudo, é de suma importância ressaltar o papel dos magos junto aos reis.

Os magos tornaram-se, portanto, reis magos, tomaram as vestes de seus contemporâneos, receberam nomes e, mais tarde bandeiras como senhores daquela época são seguidos de um rico cortejo. Cada rei ou grande príncipe quis se representar como rei mago ou colocar sob sua proteção. Pouco a pouco os reis mais idosos dobraram-se os joelhos, depois depositou a coroa aos pés do menino em sinal de vassalagem. Passamos oferenda dos magos para adoração dos magos (PESSOA; FELIX, 2007, p. 56).

O desbravar de um novo continente, representaria um forte sinal da civilização ocidental, afinal, as Américas foram colonizadas diante da supremacia europeia em uma época que reinava o eurocentrismo no mundo. Nesse contexto, as Folias serviram para evangelizar os povos destas novas terras.

A Folia de Reis ou Festa de Santos Reis é uma tradição européia, trazida de Portugal ao Brasil ainda no período da colônia (ALVES, 2009). Nos festejos natalinos católicos observei a celebração dos Reis Magos em procura do menino Jesus recém-nascido. As Folias

de Reis por meio de versos entoados buscam recontar essa história tradicional do cristianismo.

Braga e Kamimura (2010) reconhecem que as Folias de Reis constituem-se em um festejo de cunho religioso, cuja origem é portuguesa e suas relações religiosas estão fundadas no culto católico da celebração do Natal. As autoras também reconhecem que trata-se de uma manifestação cultural iniciada como uma prática de encenação teatral realizada nos interiores das igrejas católicas, ainda na península Ibérica ao longo do século XVI.

[...] estas encenações relatavam passagens bíblicas e temáticas do ciclo natalino incluindo a Epifania. A “teatralização” da visita dos “Reis Magos” ao Menino Jesus contribuiu para a difusão do catolicismo tanto nos países europeus quanto nos colonizados, principalmente por Portugal, como é o caso do Brasil [...] (MOTA; ALMEIDA, 2012, p.93).

Na atualidade as manifestações em favor dos Reis são recorrentes na Europa. Na França, por exemplo, come-se o ‘bolo de reis’ no dia 06 de Janeiro. Trata-se de uma iguaria que continua sendo apreciada em alguns lugares do mundo, porém, seu processo de preparo não segue mais os modos tradicionais de produção. Atualmente o preparo do bolo de Reis passa por processos de mecanização e automação em indústrias específicas.

Desde a Idade Média, os Reis Magos são considerados como viajantes devotos, fiéis na incessante busca de encontrar o Messias (PESSOA, 2017). Surgiram pela Europa, ao longo dos séculos XII e XVI, inúmeras pousadas e hotéis que carregam consigo o nome dos viajantes Reis Magos. Também se denota que a adoração dos magos é evidenciada na arquitetura das casas e universidades onde são crivadas nas fachadas as iniciais C(aspar), M(elchior) e B(althazar).



Imagem 2. Representação da Adoração dos Magos (Séc. XIV) à entrada da Universidade de São Tiago de Compostela - Espanha. À esquerda da virgem com o Menino estão os Três Reis Magos. Fonte: FELIX; PESSOA (2007).

Surge a interpretação popular de que os Reis eram magos vindos dos 03 (três) continentes então conhecidos da época (Europa, Ásia e África) dentro da cultura popular os reis sempre são tratados como os Reis ou os Magos do Oriente. Segundo Pessoa (2007) esta atribuição se estabeleceu em decorrência de que a fé cristã teria nascido naquela região (oriente) e se espalhado para Europa.

O Oriente tem uma importância primordial no que concerne à fé cristã, pois foi no Oriente que ela nasceu. Não é, portanto, de se estranhar que a forma de certas narrativas bíblicas e mesmo seu conteúdo de fundo sejam influenciados pelas tradições orientais antigas (PESSOA; FELIX, 2007, p. 53).

Pessoa e Felix (2007) reconhecem que os ritos cristãos foram influenciados pela tradição do Oriente. Desse modo, destaco nossos personagens protagonistas dessa pesquisa, os Reis Magos. Segundo os autores, ao analisar a narrativa bíblica - contida em Mateus - que

se refere aos Magos, há indícios de que as origens dessa crença sejam provenientes da tradição Persa, a qual anunciava a vinda de um Messias.

O termo ‘Magos’, segundo Pessoa e Felix (2007), está associado à representação de sacerdotes persas, uma vez que o termo se refere a uma tribo localizada ao norte daquela região. Os autores enfatizam ainda – ao analisarem a arquitetura de Igrejas e museus onde se evidencia por meio de afrescos – a representação dos Magos e suas formas características de vestimenta.



Imagem 3. Capitel da capela da Abadia de Saint-Genou - França (Séc. XII) representação primitiva dos Reis Magos. Fonte: PESSOA; FELIX, 2007, p.54.

As folias ressignificam-se e apropriam-se de distintos campos simbólicos, advindos de elementos de variadas tradições. Neste sentido, as folias apresentam traços do sincretismo religioso e a ela estão ligadas: tradições, dogmas e valores - que reforçam laços de solidariedade que encontram-se indissociáveis do cotidiano do brasileiro. Neste sentido, o catolicismo popular é, sobretudo, um marco na constituição da identidade dos devotos. Uma herança da colônia Portuguesa católica que possuiu, como elementos, as africanidades religiosas e os ritmos dos rituais dos nativos.

A relação entre a religião e a cultura ganhou nova roupagem no Brasil, isto deu-se devido ao tipo de colonização aqui estabelecida. Essa nova relação com o supra sensível, baseada no intermédio da autoridade religiosa, era desconhecido ao indígena. Padres jesuítas utilizaram variados métodos de catequização - a Folia de Reis sendo um. Inclui-se ainda as

quermisses, a devoção a outros santos e as rezas de terço. Encaminhando-se a constituição de tradições, muitas delas foram conservadas até hoje.

Interessante observar que, as Folias de Reis, ao estabelecerem-se enquanto manifestação da evangelização e catequização, incorporaram aspectos de religiões africanas e indígenas, entre os quais destaquei os usos de instrumentos musicais específicos e os ritmos das cantorias recorrentes nestas culturas.

Sabe-se que nos primórdios da colonização do Brasil houve grande atuação de padres jesuítas os quais vieram para esse país com o intuito de catequizar os grupos indígenas.

Tinham como objetivo fazer com que os nativos aprendessem a viver de acordo com a cultura eurocêntrica que implantou-se na recém criada colônia. Assim denota a imposição da cultura europeia sobre a indígena. Sendo assim as Folias ao corresponderem como processo de catequização seriam dotadas de um método para os colonizadores dominarem os povos nativos.

A literatura indica que a tradição da “Folia de Reis” teria chegado ao Brasil por intermédio dos portugueses no período da colonização, uma vez que, essa manifestação cultural era realizada por toda a Península Ibérica sendo comum a doação e recebimento de presentes a partir da entoação de cantos e danças nas residências. Nessa linha de argumentação, a Folia de Reis teria surgido no Brasil no século XVI, por volta do ano de 1534, por meio dos Jesuítas, como crença divina para catequizar os índios e posteriormente os negros escravos (PERGO, s/d, p.1).

Partindo dessas afirmações, pode-se deduzir que as Folias de Reis surgiram há séculos e que a sua tradição tem perdurado por anos. Sua chegada ao território brasileiro está intimamente ligada ao trabalho dos padres jesuítas.

A Folia de Reis brasileira foi composta pelas manifestações culturais de etnias e povos diferentes, com diversas variações regionais com relação ao estilo, ao ritmo e ao som, contudo mantendo sempre a crença e devoção ao Menino Jesus, a São José, à Virgem Maria e aos Reis Magos (ALVES, 2009, p.4).

Vale ressaltar que a Folia de Reis teve sua difusão por ordem dos ‘ciclos’ que eram movimentos missionários. Aos jesuítas incumbiu-se a região litorânea do País, com a missão de desenvolver a doutrinação dos povos a mando da coroa portuguesa.

Pessoa e Felix (2007) apontam que os trabalhos de evangelização dos jesuítas se iniciaram nos aldeamentos.

Aqui no Brasil já começou em 1553 a famosa experiência dos aldeamentos. José de Anchieta (1534 - 1597) e Nóbrega precedem, na missão da Assistência de Portugal, as experiências de ateus Ricci (1550 - 1610) em Macao, China, e de Roberto de Nobili (1577-1656) em Goa, Índia. Eles foram realmente pioneiros. Nóbrega tinha 31 anos quando chegou ao Brasil, Anchieta apenas 19. Eles chegaram com entusiasmo e o movimento da jovem província jesuítica do Brasil vai rapidamente crescendo até a violenta expulsão em 1759 (HOONAERT *apud* FELIX;PESSOA, 2007, p.142).

A citação mostra que os jesuítas, ao desembarcarem nas terras brasílicas, só tinham a missão de evangelizar e dar continuidade ao trabalho do cristianismo ocidental. Deste modo, o vigor proveniente da juventude dos missionários contribuiu ativamente para o, aqui designado, trabalho catequizador.

Os jesuítas atuaram nos campos educacionais. O primeiro ensino formal no Brasil foi realizado por estes padres (CABRAL, 2018, p.12) e as instituições educacionais baseavam-se na fé cristã e na doutrina católica.

Os aldeamentos, por sua vez, eram aglomerados compostos por nativos que teriam se juntado a mando das missões para a catequização. Na obra de Pessoa e Felix (2007) há um fato interessante, no qual os autores analisam um aldeamento cujo doutrinamento seria dedicado aos Santos Reis.

O aldeamento origina-se de um descimento ou redução indígenas do interior para a zona litorânea, ou para a confluência de rios, na região amazônica. Caso clássico de um descimento é a "missão dos Mares Verdes", de 1624, pela qual os padres jesuítas João Martins e Antônio Bellavia desceram 450 indígenas Paranaubis do interior do atual Estado de Minas Gerais para a aldeia cristã dos Reis Magos, nas proximidades da atual cidade de Vitória do Espírito Santo, onde - entre 1598 e 1759 (data da expulsão dos jesuítas) - existia importante centro de catequese e doutrinamento de índios (HOONAERT, *apud* PESSOA;FELIX, 2007 p.142).

Em tempos coloniais, a fé católica foi instrumento fundamental para o surgimento das capitânicas e, posteriormente, das províncias. Os Jesuítas, durante os aldeamentos, buscaram criar colégios voltados aos ensinamentos de teologia e filosofia, tendo também contribuído para a catequização da colônia.

É possível perceber a atuação católica na educação por meio dos padres Jesuítas durante a colônia.

Uma segunda estratégia dos jesuítas, em geral nas áreas de maior concentração de aldeamentos, foi a criação de colégios para o desenvolvimento dos estudos de teologia, de latim, de filosofia e de humanidades. Os três mais importantes pela implantação imediata desses estudos, foram os colégios da Bahia, em Salvador, do Rio de Janeiro e de Pernambuco, em Olinda (PESSOA; FELIX, 2007, p. 143).

Uma colonização católica forçada é o que me sugere o processo educacional e missionário elaborado pelos Jesuítas no Brasil. A catequização era o caminho para que os indígenas fossem escravizados. O advento do ritual das Folia de Reis fora utilizado para que houvesse, em certos momentos, a catequização dos nativos. O ritual das folias teria sido fundamental durante a catequização, pois através da música entoada pelos sacerdotes podia-se manter um contato entre ritmos já conhecidos pelos indígenas e ritmos europeus.

A bandeira de Réis é um objeto considerado mais apropriado para a evangelização devido a questões simbólicas e práticas. Se as imagens feitas de barro eram frágeis e vulneráveis de acidentes que poderiam danificá-las, as bandeiras eram de mais fácil transporte e causavam admiração naqueles que a viam. Esse ritual e a sua apropriação simbólica foram importantes no desbravar do sertão daquele tão longínquo período.

A cristianização dos povos indígenas e, posteriormente, dos africanos, só seria possível através do processo de formação da cristandade. Segundo Richard (1982, p.9) a cristandade é uma modalidade de relação entre Igreja e sociedade civil cujo mediador é o Estado. À época não existia a constituição de uma 'sociedade civil' em terras brasileiras, porém existia uma forte relação entre a coroa portuguesa e o clero europeu. A aliança dos dois poderes foi fundamental para desencadear o processo de colonização católica do Brasil.

A Igreja se dispôs do uso de poder, dominação. Segundo Bourdieu, a "Igreja contribuiu para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões dessa ordem, pela consecução de sua função específica [...] a manutenção da ordem simbólica" (2001, p. 71). Neste aspecto, é possível observar a relação intrínseca entre a dominação exercida da Igreja e a constituição de um Estado.

Contudo, a Igreja Católica no Brasil, em decorrência do processo de cristianização, se abriu às práticas divergentes de seus dogmas - campo de protagonismo do catolicismo popular. Esta abertura contribuiu ativamente para a criação de práticas rituais advindas do

povo. Neste contexto trago a fala do Padre Welligton Pain que enfatiza as celebrações populares

“As Folias de Reis ela é faz parte do catolicismo popular, durante muitos anos, a Igreja Católica ela não conseguiu sobretudo no século XVIII e XIX atingir a massa, e a massa começou então a se organizar em suas devoções, e numa das devoções que fortaleceu muito no Brasil foi justamente a devoção de Santos Reis, a São Sebastião, Santa Luzia, e o pessoal então, o povo então começa a fazer as rezas, as celebrações. Então faz parte de um patrimônio popular, de um catolicismo não oficial” (PAIN, 2019).

A partir da fala do Padre Welligton, observo que as folias ao se inserirem dentro do catolicismo popular serviu de aparato para a manifestação das devoções populares. Tais devoções denotam um processo de resistência frente a imposição católica de um catolicismo dogmático, mas também representa uma continuidade de um catolicismo oriundo da colônia. Este processo age de forma a conter os significados e símbolos que são apropriados pelos sujeitos e resistem aos cânones da Igreja.

Até ao Concílio Vaticano II (1962) as práticas religiosas não eram regulamentadas pela Santa Sé. Mesmo com o rito da missa celebrado em o latim era comum práticas de outros cultos. O sincretismo religioso entre as religiões afro brasileiras e o catolicismo podem ser observados da colônia à república.

1.2 - Folias de Reis em Goiás

Em Goiás as Folias de Reis são provenientes das Bandeiras realizadas pela colônia; sua história mistura-se à origem da catira⁴. Durante as viagens dos bandeirantes, nos pousos e acampamentos, ao fim do dia, se reuniam para tocar viola. Como na época dançar com outro homem era considerado um comportamento inadequado, os homens batiam o pé e a mão para acompanhar o ritmo da música, aquele som despertava a atenção de indígenas que por ali viviam.

Estima-se que existam grupos de Folias de Reis em Goiás antes do século XIX, como apontou o viajante Johann Emmanuel Pohl (1976), que percorreu a Província no século XIX.

⁴ A catira é uma dança muito recorrente nas camadas populares interioranas do Brasil. Sua coreografia é marcada por palmas e sapateados. Sua origem estão nas raízes africanas, indígenas e europeias - esta última tendo sido influenciada pela dança do fado, uma dança típica portuguesa ver capítulo 03.

Considerando que o povoamento da região e a colonização serem de datas ainda mais antigas, é possível que as Folias tenham chegado a um momento anterior à chamada ‘civilidade’ dos povos, que ainda não teria ocorrido, ou seja, a colonização dos grupos indígenas e negros escravizados. Aspecto esse que modificou a tradição cultural dos povos nativos, surge aí uma ilação onde “o resultado da compulsão das elites coloniais em instituir a homogeneidade, tentando abolir com ferro e fogo as diferenças culturais, religiosas e políticas” (SOUZA, 2000, p. 8). Tendem a marcar de forma violenta as tradições dos povos indígenas.

Mesmo com a expulsão dos padres Jesuítas pelo Marquês de Pombal em 1759, as práticas rituais, entre elas as Folias de Reis, utilizadas no processo de cristandade se perpetuaram e tiveram suas performances realizadas pelos povos já ‘cristianizados’. As folias também destacam-se por ser um festejo popular marcado pelo processo contínuo de aprender.

A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo paramos no tempo. Mas sem o velho apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (PESSOA, 2009, p. 44).

Conforme destacado por Pessoa (2005), ao longo do tempo as pessoas criam e ressignificam suas religiosidades, crenças, costumes, elementos pertencentes aos campos das manifestações culturais. Neste sentido, a Festa de Reis e toda a ritualidade das folias foram marcadas por ressignificações a fim de trazerem uma continuidade de uma tradição.

Derrida (1991) argumenta que os elementos constitutivos da linguagem possuem natureza própria, contudo os sistemas simbólicos que permeiam o catolicismo confluem-se com os jogos simbólicos de outros grupos religiosos. Essa nova constituição simbólica interligam-se aos códigos anteriores ressignificando-os. Transformar um símbolo em uma identidade quer dizer mais que dispor à um grupo um novo ponto de referência, significa criar um novo modo de se conectar ideias. Há neste aspecto dois pontos centrais, a diferença marcada pelo novo código simbólico e a repetição que por sua vez se estende a continuidade de uma performance determinada em um rito constituindo uma ‘nova’ tradição.

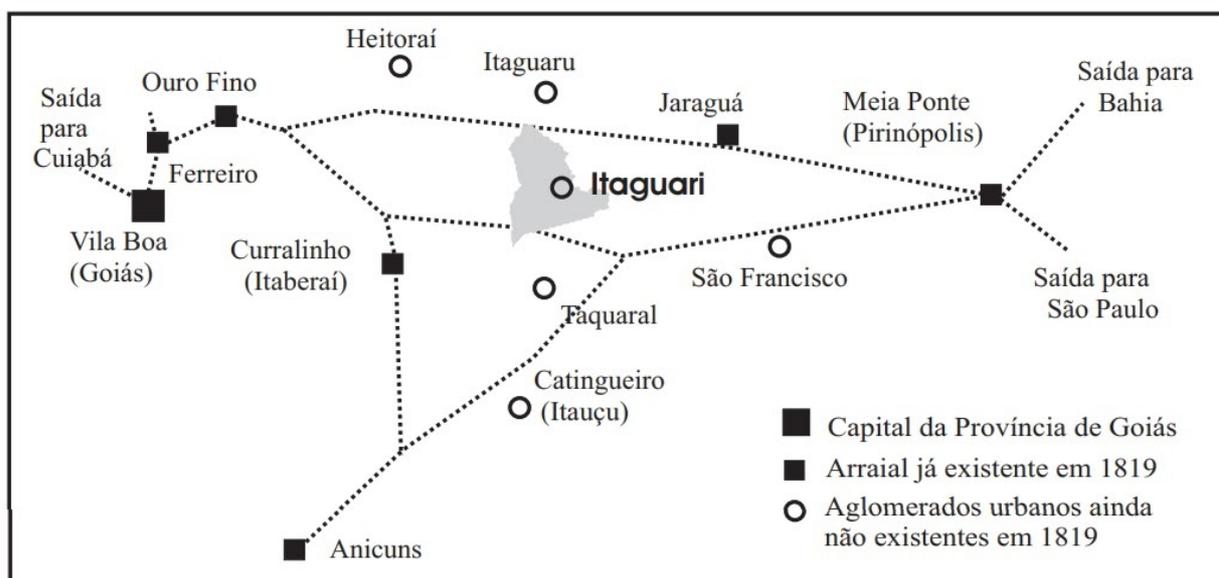
1.2.1 - A Cidade e seu Passado, Folias, Ações e Performances Urbanas

Esse item tem por objetivo apresentar alguns aspectos acerca da história do município de Itaguari, voltados às reconfigurações espaciais da cidade em função da festa da Folia de Reis, no dia 06 de Janeiro. Para essa análise utilizarei minha experiência vivenciada em dezembro/2018 a janeiro/2019, referente ao período de preparação do festejo e o dia da ‘grande festa’. Também serve como base analítica as imagens fotográficas de meu acervo pessoal, cujas imagens foram reunidas a partir da colaboração de moradores locais e dos pesquisadores autônomos Magno Florentino Dutra e Agnaldo Divino Gonzaga.

Uma característica importante em relação a história do povoamento da região é que, aqui o núcleo urbano foi estabelecido antes do rural. Os primeiros habitantes viviam em um pequeno povoado cercado de campos ainda não cultivados, ou como dizia senhor Domingo Ribeiro: “Era terra ruim, era só campo”, segundo o relato do senhor Domingo, campo estaria relacionado a uma terra de cerrado virgem, ainda ‘não’ agriculturável. Esse fato é decorrente da rota de transporte do ouro entre o antigo arraial de Vila Boa para as províncias de São Paulo e Salvador. Vale ressaltar que o núcleo urbano, que antecede ao território que hoje corresponde o município de Itaguari, era constituído por poucos ranchos. Pohl, ao viajar nesta região a descreve por meio de marcos naturais.

Transpusemos os córregos Curralinho e José Manoel; duas léguas além de nosso pernoite [...]. Picadas através das compactas trepadeiras levavam de uma fazenda a outra. O primeiro lugar, na floresta, consta de duas cabanas e chama-se Conceição: o seguinte tem o nome de Sapezal e o terceiro, a cinco léguas de Curralinho, é chamado Casa de Telha, nome que lhe vem do seu telhado, pois as outras cabanas são cobertas de palhas e fibras de palmeiras (POHL, 1976, p. 287).

A região descrita pelo viajante compreende parte do município de Itaguari uma vez que o córrego que abastece o município tem o nome da Casa de Telha bem como a região rural de seu entorno. A região também possui um núcleo rural denominado de ‘Sapezinho’. Não há dados que atestem que a região descrita por Pohl sobre Sapezal compreenda a região do atual ‘Sapezinho’, localizado nos municípios de Itaguari e Taquaral de Goiás. Gonzaga (2017) em sua tese doutoral destaca que a região de Sapezal, visitada por Pohl no século XIX, possuiu relação com a região do ‘Sapezinho’ podendo se tratar da mesma localidade.



Mapa 1: Mapa elaborado pelos professores Cardoso e Neto, tendo como base as informações contidas nas obras de Pohl (1976) e Saint-Hilaire (1976). Fonte: CARDOSO;NETO, 2013, p. 16.

Ao interpretar o Mapa 1 e a possível rota de viagem realizada pelos viajantes do século XIX noto que a região mais próxima a Taquaral é a região atualmente conhecida como ‘Sapezinho’ e/ou Casa de Telhas, durante a observação evidenciei que nessa região ocorre a última parte do giro da Folia Mineira.

As origens das Folias em Itaguari estão relacionadas, com o crescimento da atividade agropastoril decorrente da ‘finda do ouro’ em Goiás. As regiões pertencentes a atual Itaguari, foram ocupadas por famílias originárias de várias regiões do país, como São Paulo, Bahia e, principalmente, Minas Gerais.

Durante as décadas de 1940 e 1950 chegaram a esta região famílias oriundas do sudoeste de Minas, São Paulo, sul e sudoeste de Goiás que iriam influenciar decisivamente na formação de um aglomerado Urbano (CARDOSO *et al.*, 2013, p.20).⁵

A família Couto é uma das pioneiras dessa região, sendo originária da cidade de Buriti Alegre, localizada na região sul do estado de Goiás. Posteriormente, ao adquirirem terras na região, vieram para Itaguari.

Entre as famílias merece destaque a chegada dos Coutos oriundos de Buriti Alegre, que formaram uma forte liderança local participando ativamente da

⁵ Apesar da família Couto e Souza ter chegado à região no século XX. Relatos da família Ribeiro sugerem a chegada na região ainda no século XIX, sendo oriundos da região de Jaraguá – Goiás.

vida social e política da região. [...] O casamento de Maria da Piedade (filha de José Eduardo do Couto) com Hélio Caldas, membro de uma família tradicional de Itaberaí, uniu não só duas famílias como também criou laços políticos que consolidou ainda mais a liderança de José Eduardo do Couto, tornando-o a principal figura política local nas décadas de 1950 e 1960 (CARDOSO *et al.*, 2013, p.20).

Essa família, segundo a tradição regional, teria trazido para Itaguari a cultura da Folia sob o ritmo mineiro. A região era habitada por pouquíssimas pessoas que viviam em precárias edificações. Como os ‘ranchos’ que desde a colônia existiam ao menos um que lhe servira de descanso aos viajantes que iam de Goiás Velho à Meia-Ponte, hoje Cidade de Goiás e Pirenópolis, respectivamente.

Teve início [A Folia de Reis Mineira] no ano de 1956, com o folião capitão Antonio Camilo. Inicialmente tratava-se apenas de uma folia para cumprimento de promessa de Ana Rita de Paula Couto, porém ganhou adeptos e foi pouco a pouco se constituindo num grupo de folia patrocinado pela família Couto. [...] Após 1959 passou a girar todos os anos, vindo a constituir num dos mais importantes grupos de folia da região (CARDOSO *et al.*, 2013, p.80).

Além dos Couto, a família Ribeiro e a família Souza foram as precursoras no desenvolvimento do núcleo urbano e rural de Itaguari, bem como o desenvolvimento das Folias de Reis neste município.

A Folia do Brejo Grande foi fundada pela família Ribeiro. Segundo Cardoso *et al.*, (2013), “É o grupo de folia (Brejo Grande) mais antigo que sobreviveu até os dias atuais. Surgiu por volta do ano de 1900 sendo sua criação atribuída a João Rosa” (2013, p. 81).

Quando eu era criança - inicia Divino Ribeiro dos Santos – meu avô, Pedro Inholá Inholasco, que nasceu em 1860, contava que, quando tinha os seus vinte anos de idade, era rapaz namorador, participava dessa mesma folia. Meu avô faleceu em 1956, com 96 anos (LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA, 2006, p. 24).

Divino Ribeiro dos Santos, aponta que a história da Folia de Reis do Brejo Grande está ligada a história de sua família e no caso a história de seu avô Pedro Inholá Inholasco.

“Meu avô contava que quando ele era jovem e participava dessa folia, o povo vinha de longe para participar dela. Vinha a cavalo e a maioria fazia o giro era a cavalo. Era pessoa de idade, tinha jovem e tinha criança também.

Em muitas casa tinha uns agrado pros folião e o povo comer. A comida era aquela coisa de louco: era bem mais do que hoje, mas era as mesma coisa: arroz, carne, feijão, abroba, gueroba, frango, carne de gado, de porco... o povo era muito devoto, respeitava Santo Reis mesmo. No giro, muita gente girava pagando promessa. As barraca era toda de bambu e folha de bacuri. Durante o dia, no pouso, era comida e forró o dia inteiro. O dia inteiro mesmo. De vez em quando tinha até umas confusão, mas isso era raro. O povo gostava mesmo era de comer e dançar, e acompanhar a folia...” (SANTOS, 2014).

Ainda em entrevista concedida, em 2015, Divino Ribeiro afirma: “Meu avô participou do início da Folia. Depois veio meu pai, depois veio eu. Hoje já tem meus filhos, meus netos e assim vai indo...” (RIBEIRO, 2015).

Neste sentido, há uma divergência de dados entre a historiografia local, segundo a obra de Cardoso *et al.*, (2013), a Folia de Reis do Brejo Grande teria sido iniciada por João Rosa, entretanto as oralidades dos descendentes da família Ribeiro, bem como o trabalho de Gonzaga (2017) aponta o surgimento da folia a Pedro Inhola, patriarca da família Ribeiro. Vale ressaltar que os membros da família Ribeiro moravam na região do Brejo Grande entre os municípios de Itaguari e Itaguaru até na segunda metade do século XX, quando alguns mais jovens migram para cidade em busca de trabalho e estudo. Apesar de haver divergências sobre quem foi o legítimo fundador da Folia, há um consenso sobre data do século XIX uma vez que o livro do tomo da paróquia de Nossa Senhora do Brejo Grande, também confirma a data, além das narrativas orais locais.

A título comparativo, trago os dados da Folia de Reis Goiana de Itaguari, que teria sido fundada em 1928 pela família Sousa.

Este grupo de folia foi fundado em 1928 por idelfonso Silvério de Sousa. Inicialmente era uma folia mantida e organizada por um grupo de pessoas que se estabeleceram nesta região. Pouco a pouco foi se popularizando, aumentando a irmandade, passando a ser a maior folia da região e uma das maiores do Estado de Goiás. [...] A cada ano que passa aumenta o número de pessoas que participam da festa desta folia. Estima-se que a cada ano cerca de 15.000 pessoas participam dos festejos (CARDOSO *et al.*, 2013, p.82).

A Folia de Reis Goiana, embora sua origem seja antiga, vem se modificando substancialmente ao longo dos anos. Inicialmente cumpria seu ‘giro’ nos núcleos rurais, a posteriori passou a realizá-lo no contexto urbano.

Antes da década de 1980 essa folia (Goiana) trazia práticas bem rurais, a começar pela presença mais constante fora da cidade, tanto para os pousos quanto para os giros. Era uma folia rural também, tal qual as outras eram, com todas as marcas dessa ruralidade: a construção das barracas com folhas de bacuri ou guariroba, giros a cavalo ou a pé; na alimentação, a dieta era com alimentos próprios da região: carnes, cereais, verduras e legumes (GONZAGA, 2017, p.77).

Há ainda outros dois grupos de folias em Itaguari que fazem seu ‘giro’ fora de época (tradicionalmente o ritual deve ocorrer entre dezembro e janeiro), trata-se das folias denominadas de Setembro ou temporona e dos Cumpade, os ‘giros’ ocorrem nos meses de setembro e novembro, respectivamente.

A Folia de Reis Setembro, recebeu essa denominação pelo fato de realizar o ‘giro’ no mês de setembro, foi fundada no final dos anos 1990.

Trata-se de uma folia, que difere das demais, tem giro e festa no mês de setembro. O giro começa normalmente no dia 23 de setembro e a festa é realizada no dia 29 deste mesmo mês. Foi fundada em 1998, por iniciativa de Joaquim Dutra, para cumprir uma promessa a Santos Reis. Daí em diante passou a girar regularmente tornando uma tradição da família do fundador. Tem características semelhantes à folia Mineira e grande parte de seus foliões são também integrantes das outras folias de Itaguari (CARDOSO *et al.*, 2013, p.83).

Por último a ‘Folia de Reis dos Cumpade’, esta é composta por foliões jovens, aprendizes das outras folias. Foi fundada em 2017 por iniciativa dos foliões a fim de comporem mais um grupo e atuarem como líderes, uma vez que o espaço destinado a esse posto nas outras folias são de competência dos mais velhos.

Uma possibilidade que pode explicar a incidência de tantos grupos de Reis em Itaguari estaria relacionada à concepção das relações de poder imbricadas na organização das Folias.

O papel desempenhado por estes mais jovens de forma explícita inserem numa ótica de poder uma vez que ao possuírem um espaço para que tornem-se protagonistas, os foliões mais jovens, passam a ter representatividade, trazendo status e prestígio social destes foliões.

Com o intuito de mais uma vez construir um contexto comparativo das folias de reis em Itaguari e, ao mesmo tempo, demonstrar o impacto dessa festividade neste município, e

seu alcance para além dos aspectos sócio-culturais, apresentarei nas páginas seguintes alguns elementos acerca da Folia de Reis Goiana. Ao considerar que a maior parte de seus eventos desenvolve-se no interior da própria cidade. Nos dias da festividade há um processo de ressignificação do espaço urbano em função do arranjo organizacional da Festa.



Imagem 4. Ocupação do espaço da praça da matriz na manhã do dia 06 de Janeiro de 2018, por fiéis e barracas instaladas na principal avenida da cidade. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

Inicialmente destaco uma particularidade da cidade, diz respeito à quantidade de homens que recebem o nome de José, seja como primeiro nome ou sobrenome. Segundo a reportagem feita pelo site Overmundo⁶, a cidade possui o maior percentual de José's considerando a população total e a média do país. Para tantos 'Zés', um grande colaborador das folias de Reis de Itaguari, o senhor José Divino (Zélão) idealizou em 2004 a Festa do Zé que, por algum tempo, atraía apresentações artísticas locais e regionais, comida farta e prêmios aos José's. Entretanto, com a falta de recursos, uma vez que, essa era realizada a partir de doações de comerciantes e outros empresários locais, a festa deixou de ser realizada.

⁶ (WANDER, Edson. Lugar de Zé. Overmundo, Goiânia, 6 de março de 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/lugar-de-ze>)



Imagem 5. Fotografia veiculada no site “overmundo” em reportagem de 2006 apresentando alguns dos Zé’s do município. Fonte: Fotografia sem referência. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/lugar-de-ze> acessado em 21/05/2019.>

A ‘festa do Zé’, tinha como seu organizador, o coordenador da Folia de Reis Goiana, o Sr. José Divino de Oliveira (Zelão), atualmente, o Sr. José Divino não se encontra em nenhuma dessas funções.

Embora Itaguari possua uma quantidade representativa de Folias, mantém-se uma criteriosa seleção das tradições. Fato evidente na apropriação de inúmeros grupos de folias pelos moradores enquanto outras manifestações como a ‘Festa do Zé’ tiveram um processo de resistência maior. Evidencia-se a afirmativa ao observar que as folias de Reis persistiram enquanto tradição local, ressignificando-se ao longo dos anos, enquanto a festa do Zé para muitos caíram no esquecimento.

1.3 - Paisagem Urbana: usos do espaço público pelas Folias Itaguarinas.

No decorrer dos anos e com o crescimento urbano resultante do êxodo rural, os costumes e hábitos dos habitantes de Itaguari foram modificando-se. Nesse contexto observo também que as opções de lazer foram diversificando-se, afastando das tradições rurais.

Observei segundo relatos orais realizados por Cardoso *et al.* (2013) para sua obra “A História de Itaguari”⁷ que as opções de lazer do povo Itaguarino nas décadas de 1960 a 1980 eram os tradicionais bailes de fazenda, iluminados por luzes de lampião em uma barraca improvisada com bambus (*Bambuseae*) e folhas de bacuri (*Platoniainsignis*), planta típica da região. No núcleo urbano existiam os ranchos, locais com as mesmas características das barracas rurais, entretanto, já contavam a partir de 1967, com iluminação elétrica pública e uso de som e auto-falantes.

A praça da matriz desde sua criação, nos anos 70, é considerada como o ponto principal de referência e de interação social e política. Esse local recebeu políticos considerados à época importantes, como a visita do então presidente Fernando Collor em decorrência da inauguração do sistema de saneamento básico de água tratada (SANEAGO) e do sistema de telefonia (posto telefônico da Telegoiás) ambos em 05/10/1991. Na ocasião a implantação de tais serviços públicos, beneficiou a população local com água tratada. Além de instalar meios de comunicação, que anteriormente não possuía nenhum tipo.

É na praça da matriz que também ocorrem as festas dos padroeiros, comícios políticos, assim como é palco também das atrações do dia de Reis da Folia Goiana - grupo que faz seu giro durante o dia e, na maioria das vezes, na zona urbana.



Imagem 6. Praça da Matriz onde é realizada a Festa da Folia de Reis Goiana. Fonte: Igor Cabral (2019) - acervo pessoal.

⁷ Os Professores Joaquim Cardoso, Osmar Neto e José Neto, entrevistaram 08 pessoas entre os anos de 2009 e 2012 sendo eles: Senhor Fiquinho, João Cabral, Antônio Cabral, Dona Dorica, Senhor José, Gerônimo e Râmio Rodrigues.

A praça, desde que foi inaugurada, também tornou-se um espaço em que a população estabelece hábitos particulares. Em dias ordinários os namorados, que por ali passam, se perdem em meio aos jardins e beijos apaixonados.

As ruas próximas à praça central serviram por alguns anos de local por onde passavam os desfiles cívicos organizados pelas três escolas de ensino público da cidade. Entre as décadas de 1970 a 2000, os desfiles atraíam grande parte da população, seja pela beleza dos carros alegóricos (camionetes enfeitadas com fitas e flores) seja pelo som e a harmonia da fanfarra do colégio. O último desfile desta categoria foi realizado em 2001. Desde esta data não houve desfiles na data de 07 de setembro. Não pude evidenciar, até o momento desta pesquisa, quaisquer motivos que teriam acarretado a perda deste momento cívico. Entre 2003 a 2007 houve uma tentativa de restabelecer essas apresentações cívicas, entretanto, as apresentações foram realizadas em datas próximas ou que tivesse uma importância para o município, como o aniversário de emancipação da cidade, em dezembro ou a visita de um político, considerado ilustre para os governantes de Itaguari.



Imagem 7. Um desfile cívico realizado em data próxima ao 07 de setembro. Fonte: Igor Cabral (s/d) - acervo pessoal.

No início do mês de dezembro, a paisagem urbana de Itaguari altera-se por completo para atender as particularidades das festa de Folia de Reis atuantes na cidade. O espaço urbano é apropriado, prioritariamente, pela Folia Goiana uma vez que grande parte de seus rituais são realizados no mesmo. As demais folias, em especial a do Brejo Grande e Mineira, ocasionalmente possuem pousos na cidade.

O espaço da Igreja Matriz, localizada no centro da cidade, é utilizado como lugar em comum entre a Folia de Reis Goiana e as demais. Na ocasião do dia 06 de janeiro, celebra-se uma missa com os foliões e devotos das diferentes companhias. No dia 06 a apropriação do espaço urbano pelos devotos se torna mais evidente. É possível evidenciar que uma das ruas principais da cidade⁸ é tomada por mercadores ambulantes que armam suas barracas, onde

⁸ Avenida José Eduardo do Couto, rua de principal acesso ao centro da cidade.

comercializam diversos produtos, como: roupas, brinquedos, utilidades, sorvetes e jogos de bingo e argolas - vide imagem 4.

A partir do dia 31 de dezembro de cada ano, a referida rua fica interditada a acesso de veículos. A ocupação desordenada dos ambulantes traz desgostos aos moradores daquela rua, uma vez que as portas de suas casas ficam limitadas apenas para passagem de pedestres, onde o acesso principal às moradias fica comprometido. A insatisfação maior ocorre por parte do público protestante, pois além de não serem simpatizantes da manifestação religiosa se vêem retidos em seus imóveis. Os protestantes participam da festa apenas no dia 07 de janeiro, último dia em que os ambulantes permanecem e, na ocasião, o público se dirige às ruas para comprar produtos ofertados nas barracas, que por sinal tendem a ser mais baratos que nos demais dias de festa.

Outro aspecto avaliado é o espaço da 'feira' que ocorre no mesmo local onde é realizada a festa da Folia de Reis Goiana. Tradicionalmente a feira acontece aos domingos pela manhã, por razão em que a festa do dia 06 ocorra ao final de semana as atividades da feira são suspensas.

A organização da festa, seja no espaço rural ou no urbano, requer mobilização e orçamento extra que a prefeitura disponibiliza. Através do portal da transparência do município confirmei os dados. Essa medida garante melhor infraestrutura e a mobilização militar de bombeiros e policiais para a segurança do evento. Isso ocorre principalmente para a Festa Goiana, onde o número de participantes é maior. Na zona rural, há dentre outras, a necessidade de instalação de banheiros químicos e de tendas para as festividades. Toda essa organização depende da mão de obra de moradores (voluntários) ou de funcionários da prefeitura.



Imagem 8. Mulheres se reúnem para bolear a carne e moldar as almôndegas, ao fundo canto superior esquerdo nota-se o giral construído para destrinchar a carne bem como algumas fornalhas. jan/2017. Fonte: Magno Florentino Dutra, 2017 - Acervo Pessoal

Faz-se necessário enfatizar que não é apenas o espaço urbano que sofre modificações, as zonas rurais recebem atenção do governo municipal que fazem o patrolamento e cascalhamento das estradas (vias vicinais) para que o percurso da Folia da zona rural se desenvolva da melhor forma, uma vez que os pousos e a festa das Folias de Reis Mineira e do Brejo Grande ocorrem em zonas rurais e em época de chuvas (dezembro a janeiro). A conservação das estradas rurais é de extrema importância para a logística de acesso dos devotos.

Em experiências anteriores, nota-se que em alguns anos a prefeitura não disponibilizou o maquinário para adequação das vias rurais, fato que dificultou o acesso às folias do meio rural, ocasionando menor quantidade de fiéis.

Independente da região em que ocorre a festa há, de forma recorrente, um representativo aumento do comércio local, principalmente, estabelecimentos voltados à alimentação e bebidas, como os bares, supermercados e panificadoras. Segundo proprietários, como é o caso do Sr. Elcio Cabral, proprietário de uma panificadora local, em entrevista para esta pesquisa ele sugere que as vendas chegam a aumentar 30% durante os dias dos festejos,

por outro lado, o comércio de lingerie, não sofre impactos representativos, limita-se apenas ao polo de venda na capital.

Um dos fatores do aumento nas vendas do comércio está relacionado aos fiéis comprarem nestes as doações para os festejos. Pude comprovar esse fato durante minha observação etnográfica, quando camionetes cheias de mantimentos adquiridos nos mercados locais se dirigiam a espaços específicos das folias, como o lugar do pouso da Folia e da festa.

A apropriação do espaço urbano e rural pela festa da Folia de Reis é um campo de pesquisa em potencial, entretanto, não é o problema central da presente pesquisa. Percebo, no entanto, enquanto pesquisador que, a continuidade dessa tradição, no que se refere à Folia Goiana levará a uma incompatibilidade entre o espaço atual urbano e as demandas decorrentes do crescimento da Festa. Uma vez que o espaço não foi planejado para acolhimento dos devotos, surgem problemas específicos como disponibilidade de água que atenda a todas as residências no dia 06 de janeiro, trânsito interditado nas principais vias, acúmulo de lixo até os próximos dois dias que decorrem da festa até que a prefeitura consiga sanar tudo.

Será necessária, como já idealizada pelos organizadores da Folia Goiana, a construção de espaços específicos - como local: para o acolhimento dos romeiros, para a realização da festa e para o descanso dos foliões. Considerando que esses locais teriam de ser construídos na periferia da cidade, alguns problemas podem ser acarretados com essa modificação, dentre eles, certo prejuízo ao comércio e, de outro lado o deslocamento da Festa, distante do centro religioso (Praça da Matriz). Considero que o mais viável seja a construção de um espaço próximo ao centro, fazendo assim com que a realização dos eventos não sejam tão alterados.

CAPÍTULO 2 - MATERIALIDADE E PERFORMANCES: fases e simetrias nas Folias de Reis



Imagem 9. Ritual da Folia de Reis Mineira, fase relativa à chegada de foliões a um pouso no Antonio Caldas. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

Neste capítulo abordarei a composição da folia em suas diferentes fases. Observando as relações simétricas entre a materialidade e os agentes que desenvolvem a ritualidade. Irei também caracterizar aspectos da materialidade relacionada ao saber-fazer presente nas variadas técnicas, desde o cozinhar até a produção de objetos e adereços que compõe as folias.

2.1 - A Folia de Reis de Itaguari e suas fases organizacionais

Cada Folia de Reis em Itaguari possui estrutura semelhante, porém elas apresentam diferenças em distintos aspectos. Discorro sobre essa aparente dicotomia, segundo Jurkevics: “esta celebração [a Folia de Reis] tem apresentado algumas variações na sua realização, mas com a manutenção de seus elementos essenciais” (2005, p. 80). Essas variações representam

particularidades presentes em diferentes campos e dizem respeito a: organização da festividade, ao saber-fazer imbricado na produção de certos objetos, as regras inerentes a certos rituais, às materialidades presentes ou ausentes nos rituais, às performances, assim como as formas particulares em que os personagens desempenham seus papéis. Este conjunto de elementos está inter relacionado ao modo a conferir uma identidade cultural à cada ‘Companhia’, assim como atuam com objetivo de garantir a continuidade da tradição.

Os sujeitos engajados na tradição das folias, cultivam uma devoção aos Reis Magos - como devotos e sobretudo católicos -, praticam eventualmente rezas de terços e colaboram financeiramente ou com trabalho voluntário para realização da festa no dia 06 de janeiro de cada ano (dia da recolhida)⁹.

As fases das Folias de Reis são diversas e, com base no conceito de cadeia operatória, proposto por André Leroi-Gourhan (1988) elas se desenvolvem de forma articulada, cada uma é constituída por um conjunto de elementos coerentes entre si e, é o conjunto de fases que dá sentido ao produto final. É nosso objetivo neste momento caracterizar tais fases e, com isso, identificar a sua estrutura organizacional. Para tanto serão considerados os elementos presentes em cada uma delas, a saber: os sujeitos, os lugares, os tempos e os objetos.

Sobre os sujeitos, representados pelos foliões, serão denominados neste trabalho de agentes. Haja visto que atuam num ritual, de inspiração bíblica, e, por meio de cantorias, narram episódios bíblicos. São representados pelo embaixador, os instrumentistas, o palhaço e os cantores (vozes). Ressalta-se que, alguns agentes são comuns a todas as folias (embaixador, instrumentistas, vozes, ‘pouseiros’ e festeiros) podendo variar em termos quantitativos.

No caso das folias de Brejo Grande e Mineira, cada agente tem uma função específica no interior da organização da Folia, o embaixador é aquele que narra os versos, que através das palavras iniciais que compõem a melodia emanam o poder do Espírito Santo ao devoto. As vozes ou cantores são compostos por uma série de pessoas, que dividem-se naqueles que repetem os versos cantado pelo embaixador e noutros que ‘gritam’ de acordo com as tonalidades musicais. Nas companhias de Reis, que seguem a tradição rítmica de Folias

⁹ Dia de celebração final. Momento em que os Reis Magos Viajantes teriam chegado a Belém e encontrado o Menino Jesus. Ponto máximo da festa. Dia em que a Folia se recolhe para a saída novamente em dezembro.

Mineiras, chegam a ter de cinco a sete vozes, ou cantores além do embaixador. Nesse sentido destaca que nas Folia de Reis do Brejo Grande, assim como Goiana e dos ‘Cumpade’, o ritmo pode ser executados com menos ‘vozes’. A Folia de Reis do Brejo Grande é a única que mesmo não tendo a presença das sete vozes que compõem a cantoria rítmica mineira, ela canta os versos seguindo esse padrão independente do número de cantores. No entanto, com o intuito de uma melhor harmonização da melodia tendem a usar mais a toada da Folia Goiana.

Os instrumentistas, em muitos dos casos, são também as vozes, que repetem o verso do embaixador, senão o próprio embaixador que no caso da Folia de Reis Mineira e do Brejo Grande são um violeiro ou violonista.

Os Palhaços, caracterizados pelo uso de máscaras e roupas coloridas, não se apresentam em todos os grupos de Reis. Sua principal função é animar os foliões, além de ser o responsável por conduzir a bandeira ao longo da viagem, também é de sua incumbência ir a frente do ‘giro’¹⁰.

São os palhaços, matias, alferes, bastiões, tenentes ou mascarados. Sempre com uma caracterização histriônica que auxilia nas atuações cômicas, os mascarados trajam uma calça presa com elásticos, semelhante a um confortável pijama e do mesmo tecido, usualmente chitão ou seda colorida, a camisa sem botões, espécie de bata. Também há uma manta cobrindo a parte dos ombros, a mesma terminando em babados. Enquanto os outros foliões usam sapatos ou botinas, os palhaços usam tênis congas e, na cabeça, um lenço cobre os cabelos. Sobre ela, um chapéu em formato de cone, brilhantemente decorado com lantejoulas, tendo na ponta um pompom de lã, e da qual escorrem fitas de cores diversas e cordões com outros pompons. O rosto fica encoberto por uma máscara, cuja viva pintura constitui-se de traços caricatos de uma face de palhaço. Ela é, em geral, feita de papelão e cola e pintada com cores vivas; em regiões de pecuária, as máscaras também ostentam barbas e bigodes de couro ou de pelos de cauda de boi. Com suas brincadeiras e improvisos, o palhaço é literalmente responsável por animar a festa. É curioso notar que todos os palhaços carregam consigo uma espécie de bastão, feito a partir do cabo de guarda-chuva ou outro material similar, totalmente enfeitado com fitas coloridas, e, às vezes, alguns pompons – revelando o quão uníssona é a caracterização deste personagem, apesar do aparente exagero. Este objeto em particular, o bastão, ao representar uma espada, de acordo com informações dos próprios foliões, faz alusão à caracterização simbólica dos soldados de Herodes, na Folia representados pelos palhaços (HORTA, 2011, p.37).

¹⁰ Giro: Ritual de procissão onde os foliões e demais devotos cumprem durante os dias das folias. Esse ritual representa a viagem dos Reis, ele é recriado onde a companhia de Reis passa.

Os ‘bastiões’ são doravante também denominado como ‘Palhaços ou Bonecos’. Todavia, durante o processo de levantamento de dados pude evidenciar que os ‘bastiões’ não aparecem na Folia de Reis do Brejo Grande. Enquanto que seu papel é recorrente nas Folias de Reis Mineira e também na Goiana.

Os serventes e cozinheiros são as pessoas responsáveis por cozer os alimentos bem como servir os convidados durante os pousos e a recolhida (festa final ocorrida no dia 06 de janeiro em ambas folias). Em cada pouso e no local destinado à festa da recolhida existe uma cozinha organizada para atender os devotos e foliões. Há também um responsável que, além do preparo dos alimentos, também é encarregado para que haja boa harmonia entre os integrantes desse ambiente de trabalho. Para isso, segue-se um sistema hierárquico muito bem definido, onde os mais jovens, inexperientes com a arte de cozinhar, necessitam da instrução dos mais velhos, que muitas vezes não está associada à idade, mas sim ao tempo de atuação nos fazeres das Folias.

Os devotos também desempenham papel importante. Assim como o embaixador, o cantor (vozes), o instrumentista, o pouseiro, o festeiro, o servente, o cozinheiro, como também os pagadores de promessas e demais foliões que participam da festa, todos se encontram na categoria de ‘devotos’, são considerados agentes não só por serem detentores de papéis distintos e importantes para o desenvolvimento do ritual, mas também por serem considerados o ‘motor’ da própria tradição.

As Folias de Reis de Itaguari persistem como elementos vivos da cultura, que fortalecem a cidadania. Nelas estão presentes elementos relacionados aos saberes populares e celebrações tradicionais, entre os quais se destacam, desde as técnicas de confeccionar a bandeira, realizada de forma manual, como as mais antigas, ou de forma computadorizada, técnica evidente atualmente em algumas companhias; até a organização do altar; os elementos envolvidos no cozimento dos alimentos durante os pousos e na própria festa de Reis; a cantoria e as orações; os bailes animados. Estes são alguns dos pontos que, mesmo com a crescente religiosidade protestante no município, a presença e facilidade das inovações tecnológicas, que tendem a distanciar os sujeitos dos campos culturais e religiosos, não foram suficientes para impedir que as Folias Mineira e do Brejo Grande se mantivessem atuantes ainda que para isso tenham sido ressignificadas.

Esse processo dinâmico, inerente à continuidade das tradições, teria também favorecido a entrada e/ou permanência de jovens nas folias. O processo de se reinventar a

dimensão religiosa é dividido com outros campos, como o lúdico e o de sociabilidade. Isso faz com que as folias, entre elas a Mineira e a do Brejo Grande, traga fiéis e outros tantos foliões.

As Folias de Reis representam uma fusão de arte, de catolicismo popular e de folclore e, ao mesmo tempo, como já mencionado, de resistência cultural, enquanto uma categoria ativa, que se “reinventa” para resistir às modernidades. Neste sentido ao considerar que a são dotadas de particularidades que resistem ao longo do tempo.

Cabe ressaltar que a cultura popular fora marginalizada pela cultura erudita, sendo negligenciada pela academia até o advento dos *Annales* e da Nova História, ou no caso do Brasil com a difusão do projeto Modernista tendo seu marco a Semana de Arte Moderna de 1922. Esta passou a considerar abordagens entre as vivências dos sujeitos como parte de sua cultura, e por sua vez, significativa ao passo que amplia as fontes de pesquisas, lidando com as subjetividades. Esta nova perspectiva trouxe para a História um contraponto frente às narrativas dos documentos que compunham a ‘história oficial’.

Os grupos de Reis denotam ao povo itaguarino uma manifestação religiosa que tem, por particularidade, a construção de uma identidade cultural deste núcleo urbano. Grupos estes que tiveram sua difusão primeiramente no espaço rural do município. A formação das Folias e de suas tradições, de expressão popular é constituída por um conjunto de manifestações culturais tradicionais; ela foi constituída ao longo de quase 200 anos e nela estão inerentes elementos de campos diversos, como religiosos (de origem indígena e africana). Assim como aspectos socioculturais e de solidariedade, presente em especial a partir de cooperativismo entre grupos rurais.

Nos núcleos rurais, até os anos 1990, quando a economia da região era voltada para a produção agropecuária, ocorriam sistematicamente as ‘treições’, uma espécie de mutirão no quais vizinhos e amigos se ajudavam no trabalho e findava o dia com uma festividade, considerada profana, assemelha-se a das folias. As ‘treições’ estão também presentes em outros contextos, e, segundo Ruben George Oliven (1992, p.28) elas estão baseadas na troca de favores, em compromissos familiares e obrigações recíprocas.

Em observações feitas ao longo de minha participação nas folias, pude evidenciar que grande parte dos foliões são parentes ou compadres. Aos quais estabelecem vínculos e responsabilidades familiares que, em quaisquer necessidades, porventura possam recair sobre

algun ente em um momento difícil da família daquele compadre. Neste aspecto entende-se por momentos difíceis, problemas de saúde, financeiros ou familiares.

Assim, a sociedade itaguarina mantém tradições culturais fundamentadas nos costumes de sociedade simples, com hábitos particulares, como, por exemplo, de se sentar ao fim da tarde com um vizinho para conversar, chamar um amigo próximo para batizar o filho mais jovem criando vínculos mais fortes do que com os familiares, gera-se o compadrinamento e aliado a esse espírito de camaradagem surgem relações sociais importantes e fundamentais para que a festa e a tradição aconteçam anualmente entre todos. Porém, as relações sociais estão imbricadas de status, apesar de haver uma 'visível' harmonia há a incidência de relações de poder. Ter-se tantas folias de Reis em Itaguari (05 grupos) como dito anteriormente, estaria frente a usurpação de um espaço dominado por um grupo tradicional pelos mais jovens.

2.2 - Lugares e Tempos dos Rituais

Adentro agora no que tange aos detalhes dos rituais presentes nas diversas fases das folias de reis do Brejo Grande e Mineira, cada uma delas é constituída por elementos de natureza sagrada e profana, que estão intensamente relacionados, assim como imbuídas de materialidades e agentes. Esse emaranhado de elementos, estão conectados e proporcionam a unicidade da festa.

As fases dos rituais ocorrem em diversos lugares e temporalidades. Em termos espaciais as folias saem em procissão de um lugar que, simbolicamente representaria o Oriente, e chegam à outro, retratando Belém. Este percurso, que simboliza uma caminhada espiritual, tem a duração variada de dias, se modificando de acordo com as tradições de cada grupo. Por exemplo, a Folia Mineira cumpre seu ritual entre os dias 25 e 30 de dezembro, retomando as atividades no dia 6 de janeiro, enquanto a Folia de Reis do Brejo Grande se desenvolve entre os dias 31 de dezembro e 6 de janeiro.

Evidencia-se essa movimentação pelo sentimento de peregrinação religiosa, nela a evangelização ocorre por meio da cantoria dos embaixadores. O percurso é interrompido pelas diversas 'paradas'; trata-se de lugares previamente estabelecidos, residências de moradores da região, que recebem a visita dos Reis. Não há um número determinado de 'paradas'. Elas correspondem aos lugares pelos quais os reis magos passaram anunciando a

‘boa nova’, ou seja, o nascimento de Jesus Cristo. Simbolicamente, como já tratei, essa peregrinação representa a viagem feita pelos Reis partindo de seus países e seguindo até Belém, local onde teriam encontrado o recém-nascido.

Em cada 'parada' ocorre a realização de rituais de forma específica. Esses locais são as casas dos devotos ao longo do giro. Os lugares poderão receber a Folia com um presépio e/ou um pequeno oratório, denominados pelos foliões de 'capelinha'¹¹, caso não exista este local. Cabe ao morador decidir o lugar, que pode ser no interior da sala de sua casa ou mesmo em uma varanda, ou ainda, na porta da residência.

Cada anfitrião detém particularidades no que se refere ao recebimento da Folia, assim como pode ocorrer diferenças no tratamento dos fiéis para com a Bandeira e demais santos que ornamentam a residência. Na família de dona Silvéria Rosa, por exemplo, a casa é indumentada com várias imagens de santos que permanecem fixas anualmente. Segundo a crença popular, as imagens carregam poderes que podem determinar a proteção da casa; são colocadas em locais estratégicos de forma a guardar a moradia de malfeitores.



Imagem 10. Parede da sala da casa de dona Silvéria (Selivera), os santos fixados nas paredes, distribuídos informalmente, agem como sentinelas do lugar. Fonte: Igor Cabral (2018) - Acervo Pessoal

¹¹ No giro da Folia Mineira, que há anos se desenvolve na mesma região, há a incidência de apenas uma dessas capelinhas. Um pequeno oratório disposto na parte externa da sede da fazenda, sob ele descansa algumas imagens e um crucifixo que é ignorado pelo embaixador devido a circunstâncias que celebra-se a Folia, isto é, o nascimento e não o padecimento.

Durante as paradas que podem ser mais demoradas ou mais breves, de acordo com as circunstâncias que lhes impõe—por exemplo, se há muitos fiéis que vão fazer seus votos junto a bandeira, isto implica em uma cantoria mais delongada. Nas paradas, são realizados os seguintes eventos: (1) a cantoria, quando há “necessidade ritualística” reza-se o terço¹², a cantoria está presente de forma sistemática em todas as fases, ela consiste em momentos que narram à viagem dos magos, a “pedição” de ofertas e as bênçãos aos devotos; (2) a oferta de lanches, é retribuída com a cantoria como forma de agradecimento; (3) a reza do terço, que ocorre próximo à ‘capelinha’ presente na parada do giro da Folia Mineira ou quando há incidência de algum altar, ou presépio. Segundo os preceitos da folia, sempre que o grupo de foliões encontra alguma igreja ou capela, ou ainda quando incide algum altar, deve-se rezar o terço.

Durante o ‘giro’ o palhaço é responsável pela guarda da Bandeira. Ele, juntamente com o alferes, determinam a rota a seguir. Como na Folia do Brejo Grande não há presença dos palhaços, o giro é determinado anteriormente por algum dos organizadores, neste caso, é dado ao responsável pelo giro uma lista contendo o nome dos moradores que vão estar durante a noite para receber a bandeira dos Reis. Essa lista fica a disposição do ‘bandeireiro’, ou seja, a pessoa que carrega a Bandeira durante o giro. O bandeireiro nunca é o mesmo, uma vez que ele pode ser um pagador de promessa ou algum outro folião que deseje levar a bandeira consigo durante o giro, neste sentido não há um papel exclusivo atribuído a essa pessoa.

O almoço na Folia Mineira é servido na saída do Pouso da noite anterior, entretanto, há alguns anos era servido em alguma casa durante o giro. Essa prática foi abandonada devido ao horário que se chegava ao almoço, muitas das vezes, por volta das 16 horas e acabava atrasando a chegada da folia no pouso a noite.

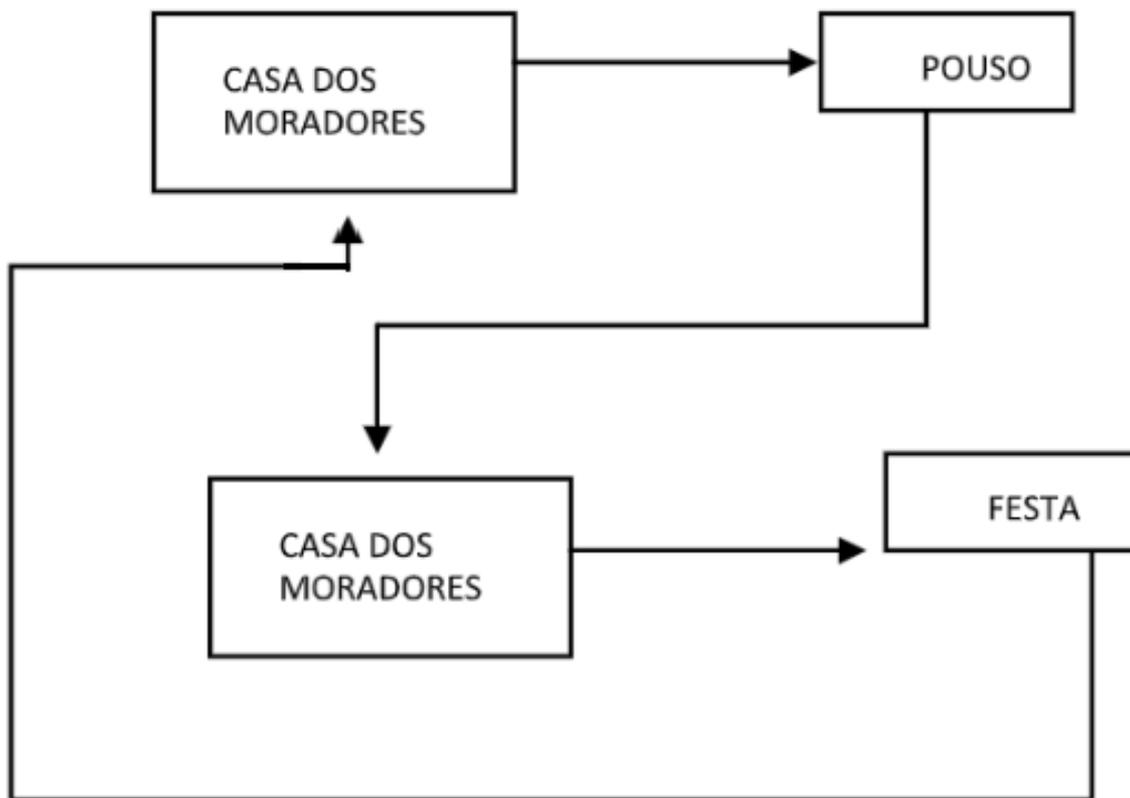
Em alguns casos muito específicos, como o pagamento de uma promessa, ocorre uma exceção, e nesse caso se serve o almoço em local que não seja o que tenha ocorrido o pouso

¹² Entende-se como ‘necessidade ritualística’: a situação onde há um altar montado momentaneamente destinado a descanso da bandeira. Isso ocorre quando há um presépio ou a pedido do morador da casa para que se faça a oração. Para se ganhar tempo, assim que para a cantoria se inicia a reza do terço. Exceto nos casos da saída da folia do pouso da noite anterior, esse por sua vez, é a primeira atividade realizada quando se reúnem os foliões logo pela manhã. Há, entretanto, uma variação na Folia de Reis do Brejo Grande, na ocasião, onde o pouso ocorre não a noite mais sim durante o dia todo, quem ‘reza o terço’ são as mulheres em horário determinado.

na noite anterior. Ressalta-se que a Folia do Brejo Grande, tem o almoço como um dos pontos principais de seu pouso, como ela gira à noite e pausa durante o dia, o almoço é o momento da socialização entre os devotos e os demais foliões.

Para melhor embasar essa pesquisa sobre os festejos das Falias de Reis Mineira e do Brejo Grande, fiz observações no mês de dezembro e janeiro, quando pude presenciar a repetição do ritual que é realizado em todas as casas que acontecem os pousos e as que são visitadas pelos foliões durante o giro. Observei que os foliões seguem os mesmos processos: a folia inicialmente chega à casa que, antecipadamente, aguarda pela passagem dos foliões da Folia de Reis. Caso tenha palhaço, este, acompanha a entrega da Bandeira ao morador e, então se dá início a cantoria pedindo graças a família que recebe a Folia e, em troca, essa dá uma oferta à companhia e ao glorioso Santo Reis.

De fato, pode-se estruturar a organização das folias e seus ritos da seguinte forma:



Esquema 1 - Representação do ritual do giro da Folia, da saída da festa até o pouso.

Sobre os rituais, considero importante ressaltar dois aspectos: (1) um diz respeito a posição simétrica entre agentes e objetos sagrados, engendrados num ambiente também ativo;

nas Folias de Reis os objetos são dinâmicos, e se relacionam ativamente com os agentes, eles se agenciam mutuamente, no sentido proposto por Gell (1998, *apud* Merencio, 2013). (2) também são detentores de um ‘poder’, ou, me inspirando em Mauss (2013, *apud* Sabourin, 2008) poderia também ser considerado como uma força ou ser espiritual, nomeado por esse autor de ‘mana’.

Para Mauss, as prestações primitivas revestem a forma de dádivas, de presentes, reguladas por três obrigações interligadas: dar, receber, retribuir (Mauss, 2003, pp. 200 e 243). Dar é uma obrigação, sob a pena de provocar uma guerra (Idem, p 201). Cada uma dessas obrigações cria um laço de energia espiritual entre os atores da dádiva. A retribuição da dádiva seria explicada pela existência dessa força, dentro da coisa dada: um vínculo de almas, associado de maneira inalienável ao nome do doador, ou seja, ao seu prestígio. A essa força ou ser espiritual ou à sua expressão simbólica ligada a uma ação ou transação, Mauss dará o nome polinésio de mana (SABOURIN, 2008, p. 138).

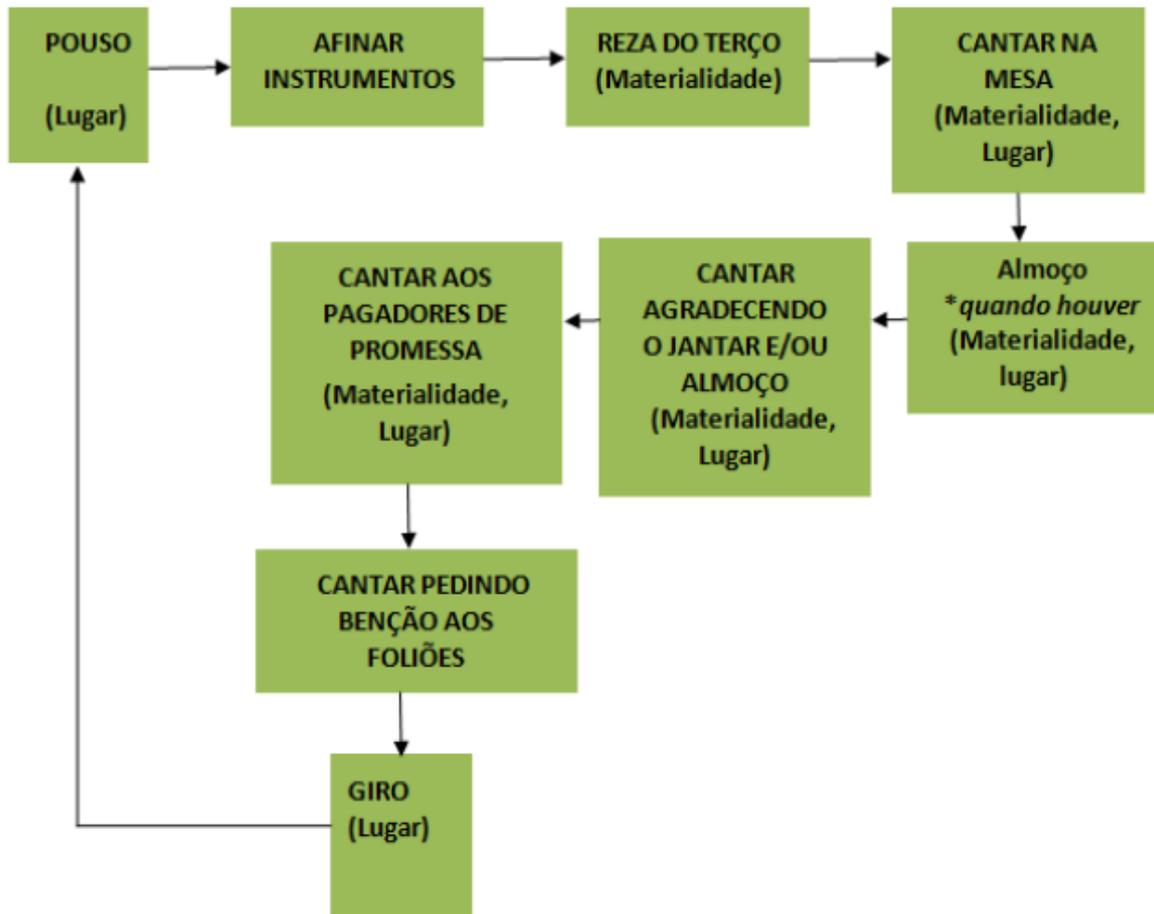
A materialidade sacra das Folias de Reis de Brejo Grande e Mineira está constituída por diversas categorias (esquema 2), que atuam num tempo e espaço determinado e estão imbricadas entre si e, para além de representarem fatos históricos e religiosos, elas dão significado aos locais e agentes.



Esquema 2 - Ritos de um pouso das Folias de Reis Mineira e Goiana. Fase referente à chegada do grupo de foliões durante a noite.

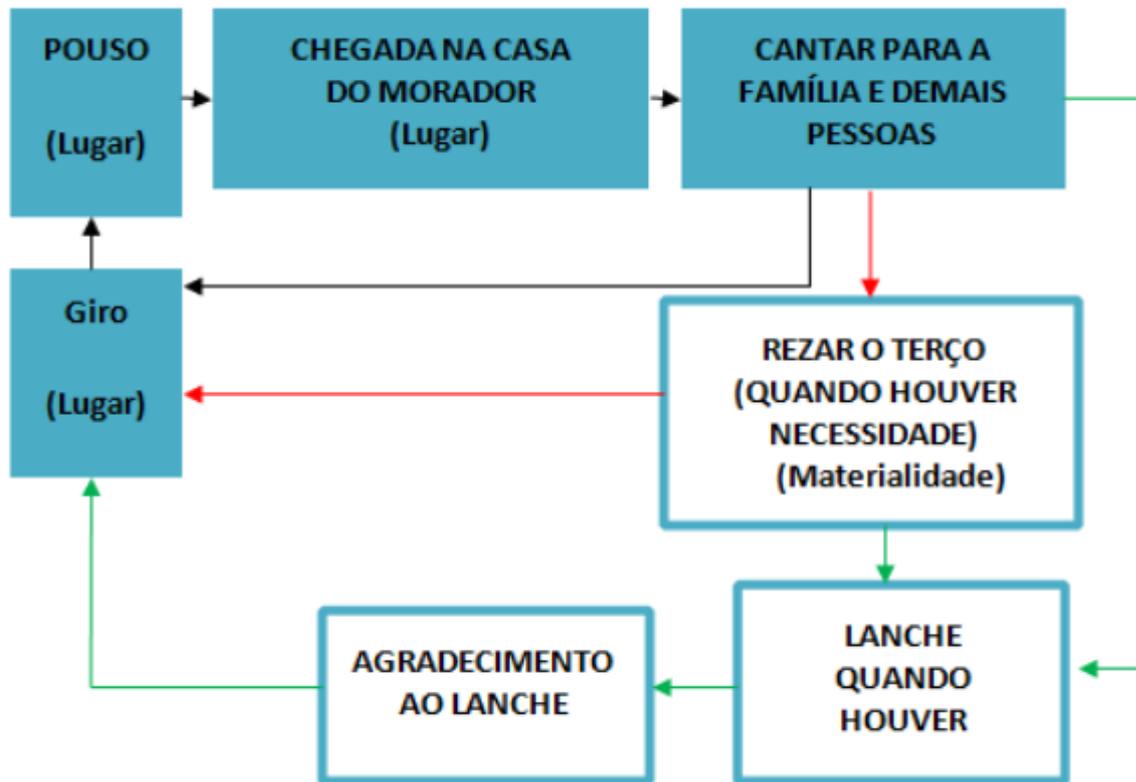
De acordo com o esquema 2, no momento em que a Folia chega, cabe aos palhaços pedir autorização para que o grupo se aproxime. Em caso afirmativo, os foliões seguem em fila juntamente com todos que acompanham o giro, fazem a ‘meia-lua’, ou seja, um ritual de

boas-vindas, onde caminham batendo palmas e os instrumentistas tocam seus instrumentos, saudando os anfitriões e o restante do público.



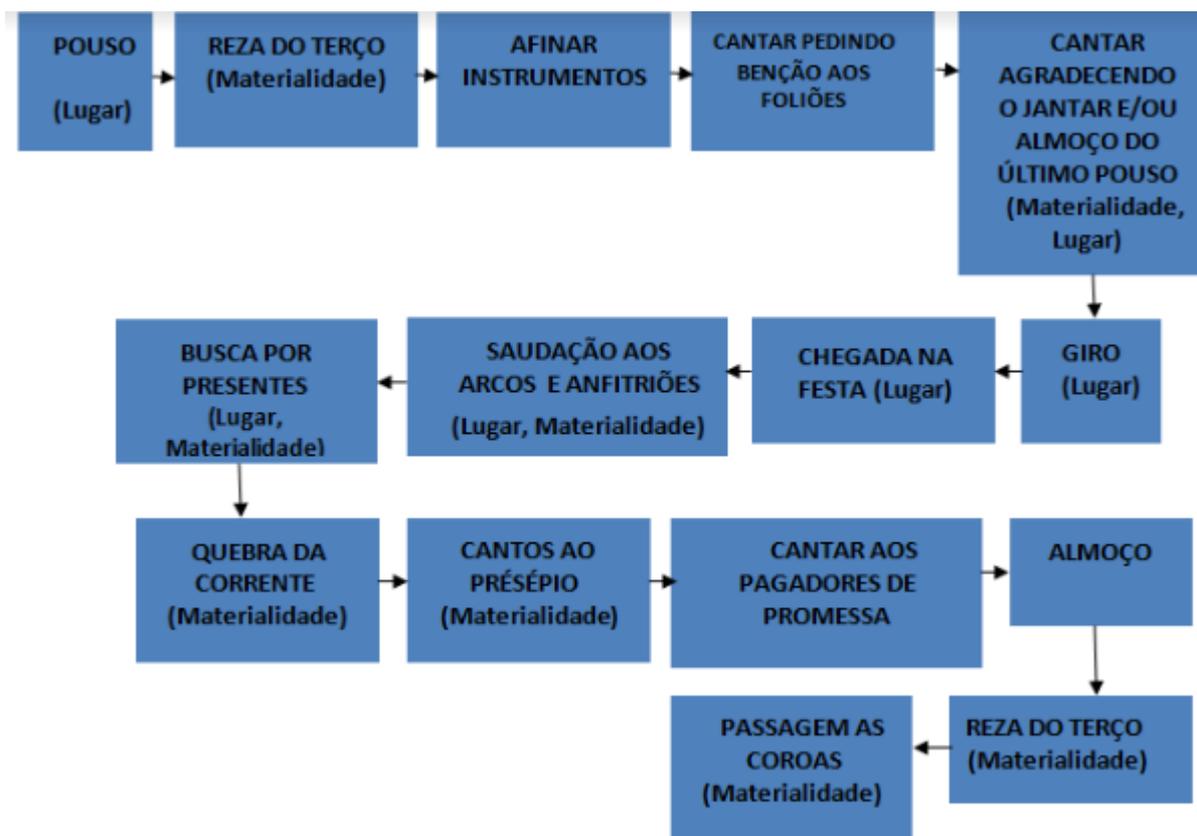
Esquema 3 - Ritos de um pouso das Foliões de Reis . Fase relacionada à saída durante o dia.

Ritos relacionados ao pouso das Foliões de Reis em área rural (saída durante o dia). Ainda sobre o ritual, no momento em que os foliões cantam pedindo bênçãos para si, todos em fila sobre o ritmo dos instrumentistas. Os foliões caminham para tocar na bandeira, este ritual se repete diariamente até o dia 06 de janeiro e é em comum em ambas as Foliões.



Esquema 4 - Ritos de um giro de folia. Fase referente às visitas da companhia nas casas que compõem o percurso do giro.

A parte destacada no esquema 4, se refere a ocasião de reza de um terço, caso haja presépio, e lanche quando ofertado pelo morador, o mesmo aplica-se caso seja ofertado apenas um café ou qualquer tipo de bebida.



Esquema 5 - Ritos de uma festa das Folias de Reis. Fase referente à festa de Reis ocorrida no dia 06 de Janeiro.

Nas festas das folias de Brejo Grande e Mineira há um ritual específico e mais elaborado, considerado o ponto alto da festa, esse momento denomino aqui de ‘cantos ao presépio’. Eles podem ocorrer em algumas ocasiões e consistem numa pequena procissão, onde os foliões de joelhos vão ao encontro da estrela, que está sobre o altar. Após cantar sobre a viagem e a chegada dos Reis à Belém, caso haja algum devoto ou promessa a ser paga, basta segurar a Bandeira que o embaixador realizará a cantoria destinada a esta pessoa. Cabe salientar que seja na Festa ou nos pousos caso haja mais de um arco (sempre há ao menos 03), cada vez em que a companhia chega até este lugar o embaixador deve trovar alguns versos saudando-o, entretanto a corrente se situa apenas no primeiro arco, é um símbolo da chegada.

O local do almoço, assim como as demais paradas e pousos são agendados previamente com o organizador da folia, cabe, no caso da Folia Mineira, aos palhaços e aos alferes escolher a rota, evitando-se cruzar a Bandeira. Não há nenhuma restrição quanto ao

tipo de alimento a ser servido, o cardápio não é fixo, mas usualmente serve-se arroz, feijão, carnes bovinas, suínas e de aves, além de salada e macarrão.

Como já mencionado, o tempo de permanência nas ‘paradas’ é variável, sendo que em certas casas o período da visita da Companhia pode se estender com a organização da dança de Catira, na ocasião também cantam modas de viola ou música sertaneja. Dentro do campo de variabilidades do ritual, pode igualmente ocorrer do proprietário da casa ou o ‘pouseiro’ solicitar que os palhaços dancem, façam versos, contêm piadas para, em contrapartida, receber alguma prenda. Os bastiões pedem sempre uma oferta maior como um frango, porco ou novilha, porém quase sempre a oferta se restringe a uma pequena quantidade de dinheiro ou um pedaço de sabão, produzido artesanalmente pelos moradores locais.

Pude observar que processo de cozinhar - no qual se inclui os atos de processamento e cozedura dos alimentos e de alimentação dos foliões - é um elemento muito importante dentro das Folias, que não se limita a suprir uma necessidade orgânica, mas também um momento de sociabilidade.

Também observei que alguns dos esquemas elaborados acima (4 e 5), descrevem o ritual realizado pela Folia de Reis Mineira e Goiana, enquanto que, a Folia de Reis do Brejo Grande possui algumas variáveis em relação às demais, uma vez que seus pousos ocorrem durante o dia, costuma-se servir nos pousos além da comida de sal, os doces, diferente do que ocorre nas outras folias, onde a comida doce é servida no último dia, em 06 de janeiro. O consumo de bebidas alcoólicas ocorre em menor frequência na Folia Mineira. Destaca-se que o giro da Folia de Reis do Brejo Grande se realiza durante à noite, muitas das vezes realizado à cavalo ou em automóveis e motocicletas. Esta folia tem outras peculiaridades como o fato do terço nos pousos ser rezado por mulheres e em horário determinado (ao meio dia).

2.3 - Materialidade Ritual

As materialidades presentes na Folia de Reis estão relacionadas aos objetos sagrados presentes nos rituais, como a Bandeira, o Altar, os Santos, os Instrumentos Musicais e os Adereços que compõem a ornamentação da Bandeira.

No que se referem aos objetos sagrados das folias de reis de Itaguari, estes estão ligados por pessoas que coletivamente empreendem os rituais do evento. Estes desempenham

papéis importantes no contexto social e religioso, mediando estas esferas e desencadeando e/ou renovando novos sentidos às folias.

Como já mencionado, entende-se que os agentes envolvidos nas folias e os objetos sagrados presentes nos rituais, detém relações simétricas e agenciam entre si. No entanto, essa inter-relação ocorre de formas particulares, de acordo com as especificidades culturais dos grupos. Isso faz com que, embora a estrutura das Folia de Reis tenha uma estabilidade (representada nos esquemas tratados anteriormente), ela se diversifica na relação estabelecida entre agentes e objetos.

Essa variabilidade também pode ser observada em termos da logística, a Folia Mineira, por exemplo, conta com estruturas de palco, mesas para preparos e oferta das comidas, fornalhas de metal, tendas e uma caixa d'água potável disponibilizada nos pousos, enquanto que a folia do Brejo Grande dispõe de algumas panelas, instrumentos de cozinha e outros pequenos adereços necessários para realização dos pousos. Ambas possuem uma equipe técnica que montam e desmontam as tendas e levam em veículo próprio, da companhia da Folia os materiais necessários de um pouso à outro, diariamente durante o período festivo. Segundo o alferes da Folia de Reis em entrevista, Luiz de Castro essa equipe não recebe nenhuma remuneração para realizar esse trabalho (CASTRO, 2018).

Os preparativos para a festa da Folia de Reis Goiana Inicia meses antes. No Centro Municipal de Cultura e Eventos, local como já abordei, que aos domingos funciona a 'feira coberta', inicia-se o processo de construção de fornalhas para receber os tachos onde serão preparadas as comidas, também são instaladas construções temporárias para a extensão da rede de água destinadas à instalação das pias, ao processo de preparação dos alimentos e à instalação de 'girais' para o destrinchamento da carne de gado e de suínos que serão preparadas na véspera da festa. Em período um pouco anterior, mulheres se reúnem para bolear as incontáveis almôndegas a serem cozidas e armazenadas na manteiga depositadas em latas, seguindo uma centenária cadeia operatória constituída por conhecimentos e saber-fazer.

Estima-se que em Itaguari sejam preparadas mais de 50 toneladas de carne de gado¹³, entre os dias 25 de dezembro a 06 de janeiro, sem considerar as outras tantas toneladas de outros alimentos como arroz, feijão, carnes de aves e suínas, macarrão e ingredientes para a

¹³ Interpretação do autor a partir de dados obtidos do balancete da festa, que por sua vez não compõe-se de um documento oficial, mas compõem-se de poucas anotações dos festeiros e oralidade dos mesmos.

composição de saladas. Para que a preparação da refeição ocorra em curto prazo é necessário uma articulação entre os membros das cozinhas, compostos por cozinheiros, serventes, picadores e auxiliares em geral.

Pude também observar que as comidas são preparadas em grandes recipientes, como ‘tachos’ que, em geral são manuseados por homens devido ao peso e calor excessivo proveniente das fornalhas movidas à lenha. Cabe, às mulheres a responsabilidade do tempero das carnes e dos demais alimentos, além de atuarem também no processo de picar os legumes e verduras que compõem as saladas. Ressalta-se que esses papéis de gênero não são fixos, podendo ser modificados.



Imagem 11. Devoto de "Santos Reis" cozinhando em um pouso da Folia mineira. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

Os mais jovens e inexperientes no conhecimento de cozer os alimentos costumam atuar como serventes trazendo comida da cozinha para a mesa e servindo os convidados.

Até o começo dos anos 2000, época em que as Folias de Itaguari começaram a se popularizar, a comida não era servida por terceiros, cada um montava seu próprio prato,

sistema self-service. Devido ao enorme desperdício de alimentos e do grande fluxo de pessoas nas filas foi necessário colocar serventes não só intermediando os alimentos da cozinha à mesa, mas também das travessas dispostas na mesa aos pratos dos devotos.

Nosso objetivo até aqui foi de apresentar a importância da organização dessa fase, que compõe o universo das Folias de Reis.



Imagem 12. Organização da cozinha em um pouso na casa da família Couto da Folia Mineira.. Na imagem percebo dois homens manuseando os tachos, a mulher que se encontra sem touca é uma familiar do pouso, ao fundo observa as mulheres picando alimentos a serem preparados. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal

2.4 - ALTARES, BANDEIRAS E SANTOS: A MATERIALIDADE DA FÉ



Imagem 13. Altar com o presépio na Folia de Reis Mineira de Itaguari, na imagem percebe-se os Reis Magos a esquerda, José Maria e Jesus representando a Sagrada Família, objetos representando animais e a bíblia sagrada ao centro. Apesar de não usar a bíblia ritualisticamente nas Folias, a mesma é recorrente nos altares. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal

Os rituais nas Folias de Reis de Brejo Grande e Mineira existem pela ação de objetos, materialidades que carregam ‘poderes’ para além do religioso: trazem neles a devoção do fiel, assim como as ressignificações da religiosidade popular. Dentre elas, destaco as práticas que ocorrem de forma recorrente com os objetos das Folias. A imagem é o instrumento de confissão do crente também é a forma de punir o santo¹⁴.

Neste capítulo a materialidade das Folias serão caracterizadas de forma individual e, ao mesmo tempo, serão correlacionadas aos agentes envolvidos, transnudando nos rituais.

¹⁴ Comumente isso ocorre com os santos de devoção, por exemplo, se o pedido de graça é atendido este santo é promovido e ganha lugar de destaque no altar. Caso a invocação falhe a imagem é punida, Santo Antônio costuma ficar dependurado até que a beata, em idade de se casar, arranja marido. Ver KARNAL;FERNANDES, 2017 p.141.

2.4.1 - A Materialidade Dos Santos

Segundo Karnal e Fernandes (2017), os santos agem como intercessores, seres capazes de criar um vínculo entre o mundo espiritual e o mundo habitado pelos humanos, esses podem ser considerados como agentes que trazem para a realidade humana a santidade, o exemplo autêntico de que a carne se torna espírito.

Eles são santos: logo, devemos imaginá-los no Paraíso. Eles são fortes: implica dizer que são intercessores, que fazem vínculo entre o mundo e o outro. Santos e Fortes: estão no céu, mas não estão parados e jamais estão indiferentes. Santo Forte remete a um vínculo entre mim e o santo, entre este ser de carne e osso que sou eu e aquele outro de pura luz. O santo é repleto de graças, e eu, humano, carente delas (KARNAL;FERNANDES, 2017 p.11).

É possível dizer que a religiosidade, ou melhor, a santidade, é o exemplo de vida a seguir, a aproximação entre o que é divino e o que é carne. Na religiosidade popular os santos são agentes fundamentais para a interseção, no contato com o Deus. Três Reis, santos canonizados pelo povo, longe dos cânones da Igreja, estes três personagens da tradição cristã mostra quão forte são os laços de religiosidade, evidentes no catolicismo popular. Santos pelo povo e Magos pela Igreja, eles têm para os leigos sua santidade equivalente à santidade do Divino Pai Eterno, aquele que representa a santíssima Trindade e a Trindade santa é Deus.

Seja na Folia nas romarias, nas ‘rezas de terço’ ou nas religiões de descendência africana, com as manifestações no ‘terreiro’, as religiões evocam seus deuses por intermédio de objetos utilizando-se de ornamentos, materiais, instrumentos para que o ritual seja executável. Os objetos além de intermediarem o contato com a divindade também agem como substâncias de manifestação do sagrado, emanam poder como pode ser evidenciado no ‘Vodu’ dos Zangbetos, nos Orixás da Umbanda ou nas imagens sacras da fé católica. O tratamento e o papel dessas materialidades me interessam, na medida em que elas possibilitam a compreensão do intangível e, muitas vezes, não pronunciado ou diretamente manifestado.

Ao colocar a natureza simbólica de seu objeto, a antropologia social não pretende nem por isso afastar-se das realia. Como poderia fazê-lo uma vez que a arte, onde tudo é signo, utiliza veículos materiais? Não se podem estudar os deuses e ignorar suas imagens; os ritos, sem analisar os objetos e as substâncias que o oficiante fabrica e manipula; regras sociais, independentemente de coisas que lhes correspondem. A antropologia social

não se isola em uma parte do domínio da etnologia; não separa cultura material e cultura espiritual. Na perspectiva que lhe é própria – e que nos será necessário situar – ela lhes atribui o mesmo interesse. Os homens se comunicam por meio de símbolos e signos; para a antropologia, que é uma conversa do homem com o homem, tudo é símbolo e signo que se coloca como intermediários entre dois sujeitos (STRAUS s/d., *apud* GONÇALVES, 2007, p.14).

No universo simbólico das Folias de Reis, a simbologia dos signos é fundamental. São materialidades permeadas de diretrizes as quais regulamentam a práxis ritual. Essa pesquisa se aproxima da abordagem antropológica, ao considerar que os objetos são inerentes às sociedades humanas, eles “circulam significativamente em nossa vida social” (GONÇALVES, 2007, p. 14).e são dotados de de importante relevância social e simbólica, embora seus significados possam por vezes serem despercebidos por nós.

Casas, mobílias, roupas, ornamentos corporais, jóias, armas, moedas, instrumentos de trabalho, instrumentos musicais, variadas espécies de alimentos e bebidas, meios de transporte, meios de comunicação, objetos sagrados, imagens materiais de divindades, substâncias mágicas, objetos cerimoniais, objetos de arte, monumentos, todo um vasto e heteróclito conjunto de objetos materiais circula significativamente em nossa vida social por intermédio das categorias culturais ou dos sistemas classificatórios dentro dos quais os situamos, separamos, dividimos e hierarquizamos. Expostos cotidianamente a essa extensa e diversificada teia de objetos, sua relevância social e simbólica, assim como sua repercussão subjetiva em cada um de nós, termina por nos passar despercebida em razão mesmo da proximidade, do aspecto familiar e do caráter de obviedade que assume (GONÇALVES, 2007, p.14).

Especificamente, sobre a materialidade presente nas práticas rituais, das Folias de Reis, elas são inerentes ao rito. Embora muitas vezes seja passado de forma despercebida pelos devotos. A presença destes objetos representam uma proximidade entre o devoto e o santo, dessa forma os objetos não são entendidos como o utensílio em si, mais como um materialidade dotada de poder ‘sagrado’, cuja essência espiritual é compartilhada entre aqueles que participam e crêem da Folia, representada nos seus diversos rituais.

A Folia de Reis se vê permeada de tais práticas rituais, que usurpam de objetos e os sacralizam, tais como: a bandeira, o terço, as indumentárias, a caracterização do palhaço, o altar e o presépio.

2.4.2 - A Bandeira

O desenvolvimento do ritual das Folias, de forma geral tem a bandeira como principal objeto de adoração, é sob a sua guarda que se realiza a passagem das coroas, paga-se uma promessa, pede-se uma benção. A bandeira é constituída por um tecido onde está estampada a imagem dos Reis Magos, cada grupo de folia aderem suas cores para confecção de sua bandeira. Na Folia de Reis Mineira e Folia de Reis Goiana predomina-se a cor vermelha, por sua vez a Folia de Reis do Brejo Grande adota a cor azul. As cores não possuem valor simbólico canônico apenas agem como fator identitário do grupo.

"A Bandeira é o sinal, o símbolo, o objeto sagrado da Folia, é o lugar, é a presença dos Santos Reis, quando chega a bandeira você ajoelha, se beija, conversa, faz seu agradecimento, sua promessa, sendo a expressão de Santos Reis, muito mais do que nas próprias peças que estão no presépio que não tem essa essa devoção forte, ter até tem, como se tem na bandeira" (PAIN, 2019).

Usualmente a bandeira é decorada com flores artificiais e fitas de cetim coloridas.



Imagem 14. Bandeira da Folia de Reis Mineira sobre o altar. Nesta imagem observe, além da disposição bandeira, outra característica de altar, nele se encontram 03 estrelas, além de um outro elemento bordado representando Nossa Senhora. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

De forma geral, pude observar que o tratamento dos foliões para com este objeto é de forma bastante respeitosa, uma vez que quase que na totalidade dos rituais desempenhados nas Folias de Reis utiliza-se deste objeto.

“A bandeira para mim representa o próprio Três Reis, que ele vai na frente guiando toda a companhia, tem a imagem dele lá e ela representa o sagrado também porque ela é uma imagem sagrada dos Três Reis Santos” (SIQUEIRA, 2018).

Segundo Renival Peixoto, folião da folia de Reis Mineira, ao falar da importância da bandeira na companhia de Reis ele aponta que: "A bandeira é a guia né, e a fé dos devoto é a bandeira, e a bandeira faz milagre, pra quem tem fé faz." (PEIXOTO, 2018), neste sentido a materialidade da bandeira denota a emanção da graça, uma hierofania¹⁵ do objeto cujo poder está relacionado a forma em que os sujeitos detém de usar da Bandeira. De forma geral todos os foliões apontam a sacralidade deste objeto e o respeito necessário a ter para com ele.

“Uai a bandeira pra mim representa que ela ta carregando a própria imagem do Santos Reis né?! alé é uma guia né?! Porque Pra nós considera que é uma imagem, é uma bandeira sagrada, então tá os três reis nessa bandeira sagrada né?!” (GABINO, 2018).

Essa relação respeitosa e sacra não se aplica unicamente com as Folias de Reis Itaguarinas, mas também presentes em manifestações de outras regiões, como pode ser observado na análise feita com o grupo de Reis na região da Canastra em Minas Gerais.

O estandarte, a Bandeira que carregam, é considerado pelo povo como a materialização da presença dos “Magos”, de Jesus Menino, da Virgem Maria e São José, por isso é recebida com muito entusiasmo e reverência pelos moradores. Algumas regras em torno da Bandeira são estritamente respeitadas pelos foliões e devotos (HORTA, 2011, p.35).

¹⁵ O termo foi elaborado por Mircea Eliade em seu livro *Traité d'histoire des religions* (2008). Tal conceito refere-se a uma consciência da existência do sagrado, se não a própria construção desta consciência. Esta práxis está relacionada a manifestação através dos objetos habituais de cotidiano que, no entanto, denotam algo completamente oposto do mundo profano.

Na imagem 14 noto também, a presença de fotografias de devotos fixadas na bandeira, que esperam por graças ou já as receberam. A bandeira se torna uma mistura de objeto sagrado que emana poder, mas também é considerada pelos devotos como uma ‘prova’ dos milagres que os Reis são capazes de realizar. A bandeira representa mais do que a imagem, é o objeto que dotado de poder traz singularidade as folias.

Na Folia de Reis Mineira, o ritual que envolve a Bandeira possui algumas particularidades no que se diz ao seu tratamento. Entre elas, há um cuidado muito grande com o ‘cruzar da bandeira’, ocasião que pode ocorrer durante o ‘giro’, evita-se que a rota seja cruzada pelos foliões naquele mesmo ano. Segundo a tradição e ao folclore que carrega o universo simbólico desta folia, esse feito traria azar e a punição seria a morte de algum folião durante o ano. Em entrevista alguns foliões afirmaram que existiram ocasiões em que acidentalmente cruzaram a bandeira e naquele ano alguém da companhia veio a falecer. Esse comportamento não pertence à particularidade da Folia de Reis do Brejo Grande.

“Igual o povo fala assim, cruzar a bandeira, não pode cruzar eu concordo, que não pode cruzar uma bandeira. Mais dentro da sua casa você não cruza ela não? Cê vai com ela ali naquele quarto, aí cê vai nesse quarto de cá, formou a cruz certinha não formou não?” (GORDO, 2018).

Segundo a tradição o ato de cruzar a bandeira não deve ocorrer no ‘giro’, nada se diz quanto ao ritual realizado no interior da residência. No que tange a essas superstições Ferretti afirma que são elementos da religião popular.

Segundo Isambert (1982, p. 37), Jean Séguy acrescenta que a religião popular é qualificada de superstição, 14 por conter elementos que as autoridades religiosas julgam heterogêneos em relação ao sistema no qual elas se apoiam. E também qualificada de sincretismo, quando um grupo marginalizado organiza crenças e práticas retiradas de várias partes, formando um todo relativamente autônomo que a religião oficial combate. É qualificada ainda de práticas folclóricas ou tradicionais, como complemento integrado geralmente a uma festa (FERRETTI, 1998, p.194).

O autor ainda complementa que segundo Montoya (1989, p.73), que em Roma a palavra superstição estaria ligada a clarividência, conhecimento autêntico, superior ao sujeito detentor do saber. A partir das encíclicas romanas outorgadas pelos papas as quais traziam desprestígio social, a palavra superstição se tornou um termo pejorativo, assumindo condições ligadas ao ‘exagero e ao ridículo’. Há principalmente na Folia Mineira, foliões que

não são tão supersticiosos, porém por um consenso ético entre eles acabam-se por ater às tradições como uma forma de não desrespeitar a crença dos mais velhos.

Outro aspecto interessante diz respeito aos ornamentos que compõem a Bandeira. Na observação etnográfica evidenciei que os objetos quando caem não podem ser recolocados. Ademais quem os achar deverá deixar onde os encontrou ou devolver aquele lugar, não houve explicações sobre o porquê de não pegar tais objetos ou recolocá-los na Bandeira. Neste sentido, entendo que se trata de um costume integrante da Folia de Reis Mineira, sendo repassado de geração em geração, cujo significado está relacionado a tradição cultural.



Imagem 15. Ornamento caído do galho da bandeira. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

Vale ressaltar que, muitas pessoas fazem o pagamento de promessas durante a Folia. Nas festividades da Mineira, estas podem pagá-las de diferentes formas, desde ficar de joelhos quando recebe a bandeira e ouve a cantoria, assim como carregar a bandeira durante todo o giro da folia.

Um modo particular de pagar promessa foi evidenciado na Folia Mineira: a devota Dona Maria paga sua promessa deitando-se sob o chão e cobrindo-se com um lençol enquanto recebia em sua casa a Folia de Reis.



Imagem 16. Dona Maria em sua casa pagando seu voto. Ela encontra-se deitada sob o chão e com seu corpo coberto por um lençol, enquanto seu esposo passa com a bandeira sob o seu corpo, em seguida toda a companhia passa sobre a devota cuidadosamente para não pisoteá-la. Folia Mineira. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

A prática de pagar o voto deitado sobre o chão é conhecida, porém não recorrente. Disponho de registro fotográfico desse ato, datado de 2000. Com o intuito de entender melhor essa prática, tentei obter entrevista com as devotas, mas elas não interessaram em gravar entrevista ou conversar sobre esse tema.

Uma possibilidade estaria que a promessa feita pela devota estaria dentro de duas esferas, a primeira mais íntima onde apenas o ‘santo’ saberia para quem deveria interceder, a outra de caráter público onde o pagamento da promessa deve ser uma ação pública selando o ‘acordo’ da graça recebida.

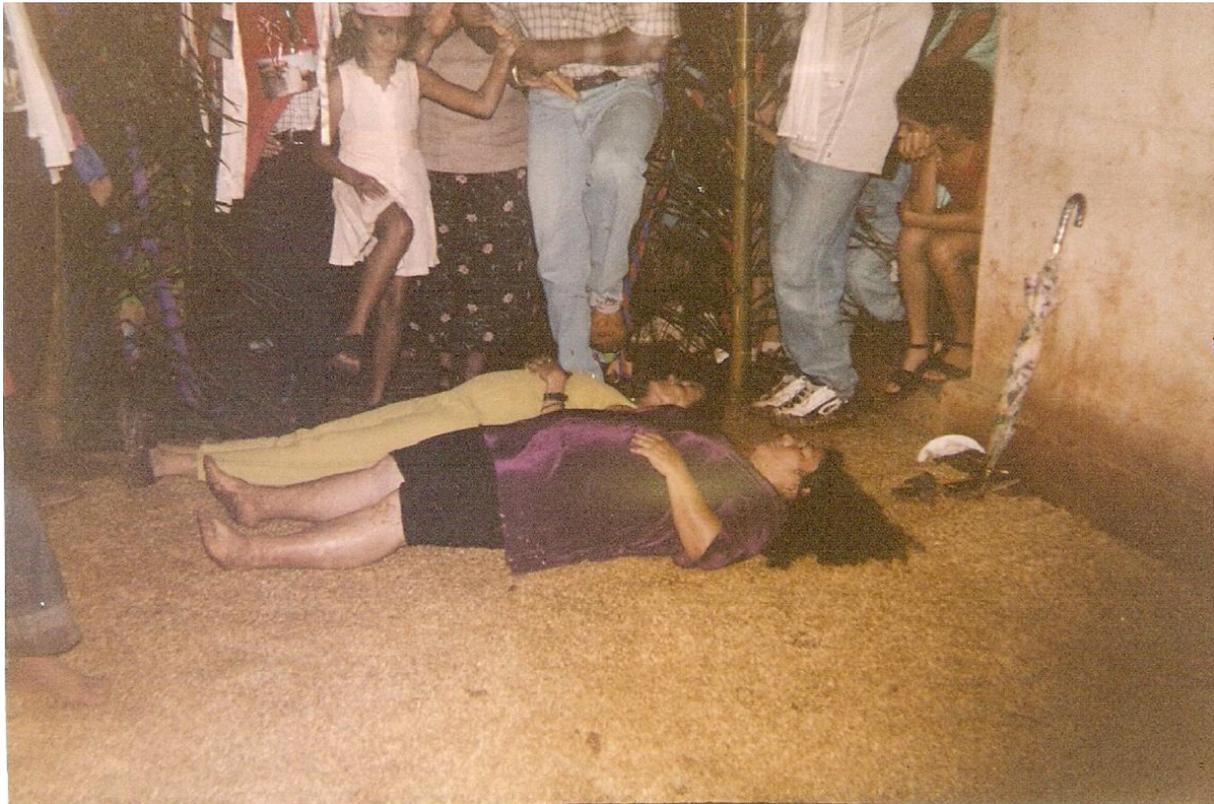


Imagem 17. Pagadoras de Promessa.. Ato de pagamento de promessa semelhante ao realizado pela devota na imagem 16, nesta imagem as fiéis não cobrem o corpo. Folia Mineira. Fonte: Magno Florentino Dutra, 2000 - Acervo Pessoal

2.4.3 - O Altar

O Altar é outro objeto inerente ao ritual da Folia e de grande relevância, ele simboliza o local destinado a adoração ao recém-nascido, também é sobre o altar que se monta o presépio.

"Representa a manjedoura (o altar) por que não teve a oportunidade de estar em uma casa né?! Portanto que fala o rei dos pobres, porque ele nasceu no lugar mais humilde que tinha, mais simples, então pra mim representa a manjedoura" (FLORENTINO, 2018).

Na preparação do altar alguns objetos são considerados essenciais, como por exemplo, o terço que é colocado sob a bíblia, velas, imagens do presépio, luzes de natal, etc.

No altar também é instalada a Bandeira, bem como as imagens dos Santos Reis Magos, menino Jesus, Nossa Senhora e outros de devoção do anfitrião, personagens cativos

de todo presépio, o qual representa o local onde o Menino Jesus nasceu em Belém e recebeu a visita dos Reis Magos.

Em frente ao altar, reza-se o terço todos os dias da Folia antes dela cumprir o 'giro'. Há um ritual específico durante a cantoria, após a reza do terço, o qual os foliões devem reverenciá-lo.

"Nossa o altar também é outro, precisa demais do altar, porque o altar, ali tá Nossa Senhora, tá tudo quanto é santo ali, pra pessoa chegar e rezar mesmo, é o que eu acho importante do altar é isso, vai cantar numa casa que não tem altar nem nada é sem graça demais, eu acho o altar em primeiro lugar também. [...] Se faz um altar na sua casa, um altar só com uma imagem lá a obrigação é rezar (o terço)" (GORDO, 2018).

A fala do senhor Antonio evidenciou a importância do altar e de seus objetos uma vez que são dotados de uma materialidade que representa o lugar, o 'tabernáculo' do devoto.

Leandro Siqueira, um dos embaixadores entrevistados da Folia Mineira destaca a importância do altar.

"O altar representa o próprio nascimento de Cristo em Belém, a visita dos três Reis ao menino (...) Como uma forma de lembrança né, no giro pra poder representar o nascimento" (SIQUEIRA, 2018).

O Altar, segundo Rocha (2004, p. 09), assim como a Bandeira, "é o ponto que liga o humano com o divino". Trata-se de objetos que mantêm relações simétricas entre si, atuando como materialidades que emanam o poder.

Ao longo dos anos e com a consolidação do catolicismo, a partir do século IX, a Igreja buscou incorporar o altar na liturgia, entretanto em textos bíblicos do velho testamento já é possível notar que existia um local sagrado destinado as oferendas e as meditações de religiões pagãs e/ou 'pré-cristãs'. O altar na Igreja representa o sancta sanctorum, o "santo dos santos", Rocha (2004, p. 09), local sagrado, segundo a tradição era a sala de adoração dentro do templo do Rei Salomão.

Na missa o altar serve de mesa ao sacrifício da salvação, local de preparo da eucaristia onde Jesus se transforma metaforicamente em carne para servir de alimento a seu povo, que os salvará.

Se na missa o altar representa o sacrifício e a morte, na Folia, nas casas que incorporam as práticas do catolicismo popular, o altar torna-se símbolo de adoração, de

celebração da vida, nas Folias de Reis celebra-se a vinda de Jesus à Terra, neste sentido, caso haja no altar algum crucifixo o mesmo deve ser retirado antes do início do ritual das Folias¹⁶.



Imagem 18. Um altar. Altar da Folia Mineira em um pouso, na imagem observa-se os santos do Presépio e a bíblia. Fonte: Magno Florentino Dutra, 2018 - Acervo Pessoal

Se a Bandeira é o elemento que marca a ritualidade da Folia, o Altar é o ‘templo’, o local da adoração¹⁷, diante do altar com a bandeira sob ele ou na mão de algum devoto, desenvolve-se os rituais, os Santos além de intercessores agem como vigilantes de uma prática ritual centenária.

O local destinado a construção de um altar geralmente é a sala da casa ou o alpendre, local mais reservado comparado aos espaços do quintal destinado às práticas profanas das Folias¹⁸. De onde tenta esquivar-se dos elementos mundanos da Festa, entretanto, há algumas exceções evidenciadas durante a realização da pesquisa de campo. Não foi possível identificar as razões que levaram os pouseiros a destinarem outros ambientes externos das

¹⁶ Usualmente os moradores não colocam estes objetos sobre o altar, quando ocorrem são solicitados pelos palhaços para que o objeto seja retirado.

¹⁷ Ver a fala do senhor Antonio Gordo em entrevista, concedida em dez/2018.

¹⁸ Local destinado a servir e preparar os alimentos, danças e a festa.

residências para o altar, exceto aquela ligada à disponibilidade de maior espaço proporcionando conforto aos devotos durante as orações.

O altar é o lugar da adoração, ritual feito de forma cantada que proclama o nascimento de Jesus e a entrega de presentes feita pelos Reis. Neste aspecto justifica-se a existência de um presépio, onde é montada com uso de imagens a representação do nascimento do menino. Durante o trabalho de campo, pude observar que a relação dos foliões com o altar se mostra bastante respeitosa, ao ponto do ‘palhaço’, não poder se aproximar do altar portando sua máscara.

"[...] Ao chegar na lapinha, que o anjo veio, portanto aquela máscara não pode chegar no presépio, não pode, aquela máscara, porque eles foi pra pegar o menino pra contar pro Herodes que tinha, mas chegando lá vendo o menino, eles arrependeu, portanto eles não era, foram abençoados" (GORDO, 2018).

É possível evidenciar na fala do senhor Antônio, que a interdição do Palhaço está relacionado ao fortalecimento da autenticidade da narrativa histórica, uma vez que ligam a imagem do Palhaço ao pagão, aquele que estava a serviço do rei. Essa questão será melhor desenvolvida no próximo item, quando abordarei em específico sobre os palhaços.

De forma geral as Folias buscam realizar uma performance onde as pessoas engajadas no ritual se tornam testemunhas da narrativa bíblica e o evento que teria reunido apenas Maria, José e os Reis agora é protagonizado por outras tantas pessoas que estariam ali performatizando o gesto de adoração dos Reis do Oriente, ocorrido há mais de 2000 anos.

2.4.4 - A Estrela

A Estrela é um objeto presente no altar sobre o presépio, ela representa a guia que segundo a tradição bíblica guiou os Magos ao encontro com o Jesus, recém nascido. Ela representa a estrela-guia que conduziu os Reis Magos ao menino Jesus na manjedoura. A estrela aparece praticamente em todos os altares das Folias de Reis, seja os montados para os pousos, seja em alguma casa durante o giro, onde o morador monta um presépio e dispõe na parte superior ao altar a estrela.

A mesma é produzida de papel brilhante ou algum elemento com luzes, porém no dia 06 de Janeiro, último dia da Folia, adota-se o uso de um mecanismo feito com linhas de pesca, fazendo com que a estrela seja fixada em um gancho e possa ser puxada por alguém durante a procissão de entrada da bandeira até o altar, normalmente isso ocorre entre o último arco até o altar onde está o presépio.



Imagem 19. Altar com a Estrela ao fundo. Folia Mineira. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

No caso da Folia de Reis Mineira essa pequena procissão, como já mencionado, é realizada com os foliões de joelhos, é uma forma de agradecimento de ter cumprido a jornada e ter encontrado o menino Jesus.

A estrela é um dos objetos mais importantes do altar. Ela marca o local da manjedoura, onde está o menino Jesus recém-nascido. Usualmente o embaixador canta algum verso sobre esta passagem bíblica durante o momento da cantoria dedicado a ‘viagem’ dos Reis.

2.4.5 - Os Palhaços

São agentes fundamentais de algumas Folias, entretanto, há grupos que não os têm consigo, é o caso da folia de Reis do Brejo Grande. Enquanto materialidade observei que o agente responsável por esta função não pode ser considerado como objeto, mas toda a indumentária que ele carrega pode ser entendida como tal.

Ele é chamado também de boneco. A ele cabe zelar pela ordem geral do giro: pedir que os foliões se apressem para chegarem juntos à casa do morador e realizar todo o diálogo com o morador. O aprendizado de palhaço exige que ele saiba de elementos simbólicos fundamentais como a representação da viagem – do Oriente para Belém. Deve ser uma pessoa educada (PESSOA;VIANÊS, 1993, p. 129).

Os palhaços, quando incidem nos grupos, marcam a identidade da Folia. Comumente eles aparecem em fotografias, capas de CD’s e filmagens, com roupas coloridas, e dotados de humor, permeiam intimamente dentro do campo da Folia entre o sagrado e o profano.

Os palhaços agem como sentinelas, tem por função guardar a bandeira. Segundo a tradição eles representam dois soldados romanos que a mando de Herodes perseguiram os Reis na busca pelo Jesus recém-nascido, entretanto, eles teriam se convertido e dado fuga aos reis os ensinando rotas diferentes para voltarem aos seus países.

Na Folia de Reis do Brejo Grande não há palhaços, as justificativas como afirma dona Divina Pereira, estão no fato da “cultura da folia de Reis mineira”, da folia de Reis Goiana não carregar essa tradição (PEREIRA, 2018). Dona Divina entende que a "Folia Goiana" não faz referência ao grupo que cumpre seu giro na zona urbana de Itaguari, mais sim ao ritmo

empregado nas cantorias. Neste sentido, a Folia de Reis do Brejo Grande seria uma variante da Folia Goiana, daí atribuí-se, segundo ela, de tradicionalmente não haver o palhaço.

O palhaço pode ser uma pessoa que tenha algum voto a cumprir ou algum folião que tenha por ofício ser o encarregado de carregar a farda de palhaço, isto é vestir-se de maneira adequada e cumprir seu papel. Durante a observação notei que o palhaço deveria ter sua identidade preservada. Segundo os mais velhos, no passado essa tradição era ainda mais presente quando um folião girava todos os dias caracterizado e ninguém descobria quem estava por debaixo da máscara.

De outro lado, o grupo denominado Folia de Reis Goiana que gira pelas ruas de Itaguari, contém em sua formação 4 palhaços que acompanham os ‘galhos’, denominação também dada as bandeiras de Folias.

Durante o processo de catequização indígena não há bibliografia que garanta a incidência da figura do palhaço, porém a máscara usada pelos palhaços levam à algumas hipóteses, como de uma possível relação dos objetos rituais com as culturas indígenas e africanas.

A farda de um palhaço é composta de uma roupa de tecido colorido, máscara confeccionada de papelão ou couro e uma capanga onde ele coloca as prendas que consegue nas casas. Em alguns casos como na folia mineira os palhaços utilizam de um bastão que servem para as danças de forró.

As prendas são provenientes de brincadeiras que são feitas e, como pagamento, recebem algum presente, usualmente algum sabão caseiro ou sabonete. Há também casos onde recebe uma pequena quantia em dinheiro.



Imagem 20. Palhaço da Folia de Reis, usando sua farda. Fonte: Magno Florentino Dutra, 2000 - Acervo Pessoal

Os palhaços por sua vez possuem função específica que hora é desempenhada com o uso da máscara, hora com a face descoberta, tendo a máscara colocada sobre a cabeça com a face do objeto voltada para cima . Essa ação de que a máscara é profana coloca o palhaço como uma figura marginal frente a religiosidade das folias, contudo, Horta (2011), afirma a importância deste folião ora profano ora professo.

Ao mesmo tempo em que é marginal, o palhaço é responsável pela execução de partes importantes do ritual. Além disso, quando não há gerente nem bandeirista, é o palhaço que se encarrega de levar a Bandeira e, também, de ir à frente do grupo para saber se podem aproximar-se da casa (HORTA, 2011, p.38).

A marginalidade do palhaço estaria relacionada ao seu ofício dentro das folias.

[...] o palhaço passa por situações de constrangimento, como os desafios que lhe são impostos ao chegar num terreiro ornado ou, ainda, o antigo costume de ser preso em algum cômodo da casa até que o dono decidisse soltá-lo. São eles também os únicos a ficar para fora das casas enquanto os outros rezam e cantam lá dentro; a espera pode ser demorada, debaixo de sol ou de chuva. Sempre os últimos a se servir nas refeições, os palhaços assumem

nitidamente uma posição marginal dentro da Companhia (HORTA, 2011, p. 38).

Apesar do trabalho da autora embasar em um objeto cuja ritualidade se expressa em Minas Gerais, durante a minha observação, as características que a autora narra sobre o palhaço mineiro se apresenta no itaguarino.

2.4.6 - Os Arcos e Correntes

Além de um símbolo alegórico, que compõe a decoração do lugar, os arcos têm papel fundamental no arranjo dos rituais. Durante as entrevistas evidenciou-se que os arcos representam as cidades por onde os Reis passaram em sua viagem de seus países ao encontro do menino Jesus recém-nascido.

Os arcos usualmente são confeccionados de folhas de plantas nativas como Guariroba (*Syagrus oleracea*), ou qualquer outra com folhas semelhante a de palmeiras (*Roystonea oleracea Palmae*). Nas folias Mineira e do Brejo Grande, eles são decorados com flores de papel e fitas de cetim, no primeiro arco é fixada a corrente, marco de início da chegada da folia no pouso ou na festa.

[...] chegada ao arco – a cantoria saúda o arco, que, via de regra, é instalado à porta da morada. Nas regiões onde há o costume, faz-se uma pausa para que os palhaços procurem as ‘surpresas’, algum dinheiro escondido no arco para que eles o encontrem; a cantoria chega ao interior da morada e, em geral, coloca a bandeira no altar; reza do terço; janta dos foliões e convidados; baile ou catira – que pode existir ou não, dependendo da região e do ‘regime’ da folia; descanso dos foliões (PESSOA, 2007, p. 204).

Também no primeiro arco é onde esconde o presente dos palhaços. alguma prenda que lhes é ofertada, os mesmos devem procurar e enquanto não os encontrar não é permitido romper a corrente.

Os arcos usualmente são três, nas referidas Folias, não foi possível entender a lógica desse quantitativo, uma vez que inúmeras foram as cidades onde possivelmente os Reis passaram até Belém. Entretanto, adota-se esse costume de colocar três arcos sendo o último sob o altar com o presépio.

De acordo com a observação em campo notei que há ocasiões que nos pousos só se encontra 1 ou 2 arcos, como dito, não há uma regra quanto ao uso e a quantidade a ser adotada, vai do furor do pouseiro ou festeiro em colocar a quantidade de arcos que quiser.

Em algumas ocasiões, por vontade do pouseiro, coloca-se entre um arco e outro, algum elemento, como velas, tochas, quadros sacros, enfim, o que o pouseiro entender como necessário. Obrigatoriamente deve-se durante a cantoria, trovar versos que contemplem a cada um destes objetos, observa-se, portanto, que tanto os eventos e os indivíduos relacionados, quanto os objetos, são exaltados nas narrativas em forma de cantorias.

Em hipótese alguma é aceito o uso de algum objeto que faça referência à morte ou ao padecimento de Cristo. Usualmente não se deve colocar no arco um ‘ovo’, segundo a tradição tal ovo estaria relacionado ao galo que anunciou o nascimento de Cristo, um dos maiores erros seria enterrar o ovo para que sirva de prenda aos palhaços, quando isto ocorre há a necessidade de jogar este ovo em água corrente tal significado está relacionado à idéia de purificação da água e que a mesma levaria o ‘presente’ inconveniente para longe daquele recinto.

Pude observar que sob o primeiro arco a Folia e os foliões passam, quando é recebido pelo pouseiro ou pelo festeiro, os anfitriões ficam de frente a companhia que irá cantar versos saudando os convidados, o “dono” da festa ou do pouso, referente àquele dia. Além das imagens de santos, terços e bíblias, outras materialidades são apresentadas na passagem do primeiro arco. Costuma-se sempre apresentar algum objeto que represente uma graça recebida, por exemplo, durante o trabalho de campo evidenciei um casal de jovens irmãos que na casa de seus pais, onde estava ocorrendo um pouso da Folia Mineira, apresentaram os diplomas de graduação de seus cursos superiores.



Imagem 21. Altar da folia de Reis do Brejo Grande observa-se o arco acima do altar onde está colocada as bandeiras. O altar próximo ao padre foi colocado por ocasião da missa que ocorria naquele instante. Fonte: Magno Florentino Dutra, 2000 - Acervo Pessoal.



Imagem 22. Corrente utilizada em uma chegada da Folia Mineira. Fonte: Magno Florentino Dutra, 2000 - Acervo Pessoal

O termo corrente é utilizado para designar algum objeto que auxilia na segurança de algum lugar com o objetivo de não permitir a passagem de uma localidade a outra. Nas Folias ela tem o mesmo sentido, está disposta no primeiro arco do pouso ou da festa, tem por função

impedir, simbolicamente a passagem da companhia até o instante em que o embaixador cante um verso pedindo pelo seu rompimento.

Usualmente ela é confeccionada de papel colorido. Não há normas gerais sobre as técnicas de confecção, assim como não há obrigatoriedade de sua presença. Porém ela demarca a fronteira entre a companhia e os moradores da casa, os donos da festa, seja os pouseiros ou os festeiros. A partir de seu rompimento em procissão os donos da festa daquele dia se misturam aos devotos e demais foliões em procissão até a chegada ao altar para que seja colocada a bandeira.

2.4.7 - O Terço

O Rosário, cujo significado é ‘coroa de rosas’, constitui-se de um objeto que marca as orações, foi proposto pelo frade Alan de Rupe, em 1470. Sua origem está relacionada a recitação dos salmos bíblicos (150 salmos). Devido a dificuldade em decorar os salmos para recitação pelos fiéis católicos, ele foi substituído pela oração de 150 Pai-Nosso. Para contagem usava-se inicialmente uma sacola com 150 pedrinhas, posteriormente, foi substituído por um cordão com 150 nós. O terço sofreu transformações ao longo dos anos, atualmente corresponde a 1/3 do rosário, compreendendo cinco Pai Nossos e 50 Ave-Marias (PERRETI, 2017).

O terço dentro do universo das Folias, representa um ato de fé, tão importante como as demais atividades, é o momento em que acontece a participação de todos, aquele devoto que desejar rezar uma dezena do terço pode assim fazer junto ao grupo.

Há momentos específicos para a reza do terço, bem como as pessoas responsáveis, pois as mesmas devem trazer de memória a consagração dos mistérios. O terço sempre é rezado quando se encontra um altar e/ou presépio, ou então a pedido do morador da casa.

Como as folias cumprem o mesmo giro há anos, já se sabe com antecedência em quais casas devem encontrar o presépio, para isso o embaixador já designa as pessoas que vão iniciar a reza do terço.

Cada grupo possui suas particularidades quanto a reza, por exemplo, na Folia mineira é impreterível que haja a participação de todos na hora da reza, já na Folia do Brejo Grande, devido ao horário em que é realizado (meio dia), não há essa exigência, sendo que quem lidera a oração neste grupo são as mulheres.

A importância do terço segundo os entrevistados está relacionada a necessidade de contato espiritual dos foliões para com Deus, é considerado um dos momentos mais sagrados da Folia, que precisa ser respeitado e realizado ordinariamente seguindo as exigências da doutrina.



IMAGEM 23: Momento da Reza do terço na Folia de Reis Mineira, Fonte: Magno Florentino Dutra, 2000 - Acervo Pessoal .

2.4.8 - As Indumentárias dos Foliões

Pode-se observar pelo acervo fotográfico, assim como durante a observação em campo, que os foliões utilizam adereços diversos, porém específicos, em suas roupas, cada grupo possui algo que os identifica. Por exemplo lenços, camisetas timbradas, toalhas sob o pescoço, bonés com a identificação dos foliões e, houve em alguns anos, o uso de pingentes e faixas, ao longo deste item irei caracterizá-los.

O uso de adereços possibilita certas ‘vantagens’ aos seus usuários, possibilitando, por exemplo, acesso privilegiado durante as refeições, uma vez que os ‘foliões principais’, ou seja, os que realizam o ritual têm preferências, como não pegar fila na hora de se servir. Observa-se, portanto, que há certa hierarquia entre os foliões/agentes que realizam o ritual e aqueles foliões/participantes do ritual.

Dessa situação, surgiu a expressão de ‘cata-moela’, nome dado aquele que só aparece na folia para se esbanjar da boa e farta comida. A moela, é uma parte do sistema digestivo dos porcos ou dos frangos que é preparada e servida como tira-gosto após um ‘gole de cachaça’. Na ocasião das folias, a moela não se refere unicamente a este corte peculiar de carne, mais a toda a comida que é servida durante os giros, pousos e na festa. O adereço utilizado pelo ‘cata-moela’ e pelos demais foliões serve de credencial para não pegar a fila.

Como mencionado o adereços constituem-se usualmente como objetos de identificação de uma camiseta, boné e toalha colocada sobre o pescoço. Este traje é comum a ambas as Folias, do Brejo Grande e a Mineira. Entretanto, como apresentado em fotografias houve outros momentos em que foram utilizados outras formas de identificação como pingentes com nome do folião, sua função e até mesmo faixas que clamavam viva aos Reis (Viva S. Reis).



Imagem 24: Grupo de Folia de Reis Mineira usando faixas e toalhas, eram adereços de identificação dos foliões. Fonte: Magno Florentino Dutra, s/d - Acervo Pessoal

Os adereços usados pelos foliões são custeados normalmente pelo festeiro, entretanto, devido ao crescimento da festa nos últimos anos tem notado que o montante pode vir de algum político. Enquanto folião evidenciei que esta prática ocorre usualmente em ano eleitoral ou então por algum comerciante local que queira divulgar sua marca. Com o crescimento da Festa surgem cada vez mais financiadores interessados em ligar sua marca ao

evento, afinal a festa chega reunir 20.000 pessoas (segundo dados da PM 2019 para as 03 folias, porém a maior incidência de devotos ocorre na Folia Goiana), e isso pode ser um marketing com custos bem em conta e com grande abrangência de público.

Já houve ocasiões em que o festeiro não dispunha de recursos para que novos adereços fossem confeccionados e os antigos teriam sido reutilizados naquele ano.



Imagem 25: Grupo da Folia Mineira uniformizado com bonés na cor azul. Fonte: Magno Florentino Dutra, 2000 - Acervo Pessoal

Pelas imagens fotográficas e dados que venho adquirindo ao longo dos anos como participante devoto da festa, observo que alguns elementos no decorrer dos anos foram incorporados e outros extintos. Cito o caso das faixas e dos broches (pingentes), de mesmo modo como os ‘lacinhos’ confeccionados de fitas onde cada cor identifica a função do folião no grupo.

No caso das festas Mineira e Brejo Grande, este processo de apropriação e perda de objetos identitários estão relacionados ao ônus financeiro, ou então da função do objeto, por exemplo, as faixas perderam seu uso por não terem uma função ativa como os bonés que cobrem a cabeça do sol durante o giro.

De todo modo, a Folia é uma apropriação simbólica de inúmeros elementos, iconográficos, materiais e metafísicos. Essa apropriação, perda e (re)uso, fazem parte da

identidade coletiva que marca o povo de Itaguari por meio de suas folias. Neste sentido, Hall (2004) aponta que as sociedades foram, ao longo do tempo, marcadas por transformações, que influenciaram as maneiras de compreender os sujeitos e sua cultura, neste sentido incorporando elementos que constituem todo o universo simbólico dos indivíduos, este compõe-se de identidades e essas são substanciadas pela memória trazendo significações aos indivíduos.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço (CASTELLS, 1999, p. 23).

Contudo as apropriações simbólicas marcadas pela materialidade são elementos da identidade, essa enquanto a marca do indivíduo no lugar e relacionada a hierarquia do grupo.

2.4.9 - Coroas

Segundo o dicionário Aurélio, Coroa se refere à: “1. Ornato circular com que se cinge a cabeça. 2. O poder ou dignidade real; a realeza. 3. Tonsura. [...] 6. Flores dispostas em círculo, enviadas aos mortos” (FERREIRA, p. 269).

Longe de ser um ornamento confeccionado em metal nobre, usualmente ela é feita de papel dourado com glitter. A coroa utilizada pelos festeiros tem uma representação simbólica tão nobre quanto as utilizadas pelos monarcas na Idade Média, sinal de distinção, de hierarquia. As coroas são consideradas objetos de identificação do festeiro, também denotam poder e a responsabilidade do seu usuário para com a Folia naquele ano. É utilizada em momento específico, no dia 06 de Janeiro. Cada grupo adota quantas coroas se fazem necessário. Por exemplo, na Folia de Reis Mineira, são dois pares destinados aos dois casais responsáveis pela festa naquele ano e que serão passadas aos novos festeiros para a festa seguinte.

Durante o ritual de passagem da coroa canta-se uma ‘toada’, específica, esse momento ela representa a continuidade da festa. Ela é revestida de grande emoção entre os festeiros, seja os que estão cumprindo a jornada, seja os que irão iniciar.

Também marca o último momento em que os foliões vão cantar ‘oficialmente’ naquele ano, isto é, caso eles se reúnam para cantar será entendida apenas como um ensaio ou alguma apresentação folclórica em eventos culturais. A exemplo disso, na última quinzena do mês de janeiro, ocorre em Goiânia apresentações do gênero na praça da matriz de Campinas. O fim da jornada do giro, está representando a peregrinação dos Reis até o encontro do menino Jesus está encerrado ali naquele ato de passagem das coroas

É nesta ocasião que também se define a ‘entrega da folia’, o que significa passar a responsabilidade ao próximo festeiro, o qual deve articular ao longo do ano para o desenvolvimento da festa no ano subsequente.

“hora de passar ela pro próximo vem a emoção de ter conseguido realizar aquela É na cantoria! Tem momento na cantoria que emociona a gente, quando você vê o embaixador cantar as coisas certinho aí cê emociona, na hora que o cê, igual quando nós pegou a coroa, igual eu acredito que na hora de nós passar essa coroa, vai ter uma emoção! [...] Hora que cê tá ali recebendo aquela coroa passa um filme na cabeça, né? Da responsabilidade que o cê tá pegando. Aí na missão” (FLORENTINO, 2018).

Para o senhor Jurandir, festeiro do ano 2019, a materialidade da coroa é atribuída a responsabilidade do festeiro para com a Festa do dia 06. Neste sentido, além de um símbolo de distinção em relação aos demais devotos se insere na ótica da representação e responsabilidade para com a folia por tempo determinado.



Imagem 26: Festeiros usando a coroa, símbolo de sua responsabilidade com a Folia. Fonte: Magno Florentino Dutra, 2010 - Acervo Pessoal

2.5 - Saberes-Fazeres: Práticas Rituais no Preparo de Alimentos nas Folias de Reis

É usual nas folias a presença da comida, o cuidado com a alimentação se dá desde a escolha do alimento até a forma de seu preparo. A presença de um ritual específico em agradecimento ao alimento dos pousos, almoços e da festa é de suma importância dentro do universo das Folias.

Durante as Folias de Reis há uma grande variedade de alimentos que são comumente servidos. Entretanto, o modo de cozer tais alimentos, seu preparo, técnicas são o que fazem com que as Folias tenham consigo a comida como fator de sociabilidade.

Para refletir sobre os elementos envolvidos nos comportamentos de solidariedade e reciprocidade das folias, trago algumas considerações de Sabourin (2008) realizadas a partir de releitura da obra de Marcel Mauss “Ensaio sobre a Dádiva”. Mauss considera que nos sistemas de reciprocidade, quanto “mais você dá, mais você é socialmente reconhecido” (2003, p. 132). Os alimentos são doados em sua grande maioria pelos devotos nesse sentido, a doação não é neutra, a partir dela se espera um reconhecimento que pode estender-se à

prestígio, ou mesmo, autoridade política. Isso justifica a atuação de políticos nos festejos. Quanto a comida ela compõe este elemento de sociabilidade elementar nas relações pessoais.

A comida, é uma categoria nucleante e hábitos alimentares são textos. Quando se classificam alimentos, classificam-se pessoas, notadamente os gêneros homem e mulher, pois, se o alimento é percebido em sua relação com o corpo individual, este é uma metáfora do corpo social (WOORTMANN, 2006, p. 32).

Apesar de haver comida distribuída a todos nos festejos de Santos Reis, durante a observação em campo, pude notar outra manifestação de poder. Ela se manifesta por ocasião da presença, tanto nos pousos e como na festa, propriamente dita, de uma mesa destinada aos foliões. Isso estaria atribuído a necessidade dos mesmos em se alimentarem rapidamente sem pegar as extensas filas depois da jornada do giro, todavia, observa-se aqui um status diferenciado entre os foliões e os devotos. Porém a presença da referida mesa não é uma regra geral é há pousos que a mesa dos foliões era a mesma destinada aos devotos.



Imagem 27: Tacho com macarrão com carne preparado para ser servido em um pouso de Folia Mineira. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

O modo de preparo dos alimentos, devido às grandes quantidades seguem padrões rudimentares, com cozimento através de fornhalhas movidas a lenha. As panelas são de grandes tamanhos chamadas de tachos, ou ‘tachas’ segundo a linguagem popular. Entretanto nos giros, por ter número reduzido de devotos que peregrinam junto aos foliões, adotam-se práticas que utilizam-se de recipientes e equipamentos menores, por vezes até arcaicas, para substanciar essa afirmativa. Acompanhei que Dona Maria que durante a observação de campo, recebeu a companhia da Folia de Reis Mineira em sua casa com várias quitandas dispostas a mesa e pães de queijo quentinhos saindo do forno a lenha no quintal.



Imagem 28. Dona Maria, com quitandas preparadas em seu forno a lenha a serem servidas para a Folia Mineira em um eventual lanche em sua casa. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

No que tange ao cardápio, não há regras sobre o que deve ser servido aos foliões e demais devotos, observei na imagem 29, um lanche também servido aos foliões da folia mineira em outra casa onde o principal prato eram ‘mini- pizzas’ de presunto e frango.



Imagem 29. Lanche servido na Folia Mineira na casa da Lucilei e seu esposo Gilberto. Mesa composta por: mini-pizzas, bolos e bebidas. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

O gado e suíno adquiridos por doações ou compra dos pouseiros e/ou festeiro são abatidos às vésperas de serem servidos. A carne é processada manualmente por açougueiros voluntários e por outras pessoas que dominam as técnicas dos cortes de carne. Depois dos cortes feitos é dado início ao processamento das carnes, com o boleamento das almôndegas, o recheio de peças inteiras como lombo e a fritura das demais partes. Até serem servidas elas ficam conservadas sob gordura em latas e baldes plásticos. Sobre o hábito de comer carne é importante salientar que se destaca como alimento fundamental nas sociedades ocidentais.

(...) a centralidade da carne, que é também a indicação de sua ‘força’, evoca o pólo masculino de um código sexual da comida, o qual deve originar-se na identificação indo-européia do boi ou da riqueza crescente com a virilidade (SAHLINS, 1979, p. 190).

A cozinha segue uma rigorosa hierarquia, usualmente há um/uma gerente ou responsável pela cozinha, que deve ser uma pessoa de maior experiência no cozimento de grandes quantidades de comida, há os cozinheiros, que em sua grande maioria são homens e serventes, formadas pelas mulheres e jovens, que encarregam de transportar a comida da cozinha até a mesa a serem servida além de picar legumes (função também atribuída aos homens), saladas e ajudar com as demais tarefas da cozinha. É atribuição das mulheres, normalmente apenas uma dentre as demais na cozinha, de verificar o tempero dos pratos a serem servidos.

“Tem muita participação de, acho que mais é homem né?! Porque é serviço pesado, as mulher fica mais nos tempero. Porque hoje cê fazer uma tacha de arroz ai de, igual no último dia da festa lá, fazer uma tacha de arroz de 50 Kg, igual lá em casa tô planejando fazer uma com 100 Kg de arroz com galinha. Então pra uma mulher virar aquele arroz, não é mole, não é fácil, então tem que ser homem mesmo” (FLORENTINO, 2018).

Segundo o festeiro da Folia Mineira de 2019, Jurandir Florentino que também atua na cozinha das Folias, o serviço braçal mais pesado é de incumbência dos homens, cabendo às mulheres a responsabilidade de que os pratos saiam com os temperos no ponto certo. Por sua vez, os mais idosos, ou com pouca experiência com cozimento atuam picando e descascando legumes, verduras e dividindo as carnes a serem preparadas.



Imagem 30: Senhor João Cabral (*in memoriam*) trabalhando em uma Festa de Reis da Folia Goiana. Fonte: Magno Florentino Dutra, 2000 - Acervo Pessoal



Imagem 31: Pessoas trabalhando em uma cozinha de um pouso da Folia Mineira, nota se a presença de ‘cozinheiros’. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

Há ainda o lavador de tachos¹⁹, que é o encarregado em higienizar as panelas, vasilhas, utensílios e os tachos a serem utilizados e depois devolvidos limpos aos proprietários. No caso da Folia Mineira a mesma conta com uma estrutura de utensílios apropriados para o pouso e para a festa. As demais folias do município tem sua estrutura mais limitada tendo que contar com empréstimos dos utensílios através de terceiros.

2.6 - A Folia enquanto Patrimônio Cultural

O campo do Patrimônio Cultural é propenso a intensas pesquisas principalmente na História, Artes, Arqueologia, Arquitetura, Antropologia, Geografia e Ciências Sociais. Este é analisado por dois aspectos: o tangível, correspondente àquilo que é material, como as edificações, espaços urbanos, relevos, objetos; e o intangível, no que se refere ao imaterial, para o qual destaco as celebrações, os saberes, os rituais de um povo, as técnicas tradicionais.

As Folias, sobretudo, destacam-se por serem uma manifestação religiosa e um patrimônio de uma coletividade. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2018), as Folias de Reis são manifestações religiosas, folclóricas que acontecem pelo interior do país com maior evidência em pequenas cidades ou nas zonas rurais.

Segundo Hartog: “O patrimônio se encontra ligado ao território e à memória, que operam um e outro como vetores da identidade: a palavra chave dos anos 1980” (2006, p.266). Sendo assim a memória, o lugar de memória e o patrimônio, são indissociáveis e juntos constituem as identidade(s) coletivas e pessoais e fortalecem a cidadania.

O campo do patrimônio no Brasil na perspectiva de Nogueira (2014) configura num espaço complexo e amplo, possibilita e fomenta pesquisas de intervenção e preservação daquilo que representa identidade de um grupo social. Para o referido autor, a expansão deste campo trouxe a necessidade de preservar sem perder a legitimidade, sem desconsiderar os aspectos da memória.

¹⁹ As informações referentes às funções e organização social da cozinha foram obtidas através de observação etnográfica e de entrevistas, citei o Sr. Jurandir Florentino, festeiro da folia mineira 2019, que atua anualmente como um dos gerentes na cozinha, a ele cabe a tarefa de organizar e zelar para que os alimentos estejam cozidos no ponto certo. A entrevista está disponível em áudio de CD em anexo.

Ainda segundo Nogueira (2014), o termo patrimônio é atribuído a diversas coisas que não possuem ligação semântica entre si, cujos significados e valores são por vezes distintos, não configurando ao mesmo modelo. Portanto há essa variação semiótica do que se refere ao patrimônio. Nessa perspectiva, segue a concepção abordada por Hartog, presente na obra de Nogueira (2014) :

O patrimônio é uma maneira de viver as rupturas, de reconhecê-las e reduzi-las, referindo-se a elas, elegendo-as, produzindo semióforos. Inscrito na longa duração da história ocidental, a noção conheceu diversos estados, sempre correlatos com tempos fortes de questionamento da ordem do tempo. O patrimônio é um recurso para o tempo de crise. Se há assim momentos do patrimônio, seria ilusório nos fixarmos sobre uma acepção única do termo (HARTOG *apud* NOGUEIRA, 2014, p. 50).

Para Nogueira, a partir desse paradigma de que não há objetividade no que se refere ao Patrimônio, surge a problemática de que “tudo é patrimônio”, (Nogueira, 2014, p.49). Essa perspectiva atribuiu valores a um campo imenso de ‘coisas’ e, as mesmas são consideradas como empreendimentos assegurados pelo capital, poder simbólico ou social. Deste modo, qualquer que seja a manifestação cultural se ela tiver uma função social ativa, a mesma tende-se a patrimonializar-se. Destaco, como exemplo, a realização da procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás, que na sexta-feira santa da quaresma, faz uma encenação da busca e captura de Jesus, entendo que essa tradição representa uma memória coletiva que, segundo Pollack (1989), foi constituída a partir de uma imposição, concebida a fim de compor uma violência simbólica.

Ainda sobre o fenômeno da patrimonialização elaborado por Nogueira (2014), a partir de Jedy, é notável os esforços sobre a conservação daquilo considerado patrimônio.

O fenômeno da patrimonialização que marcou as três últimas décadas do século XX trouxe, associados à lógica do conservar e destruir, os conceitos de identidade e memória como palavras de ordem do processo de representação de uma retórica da perda (GONÇALVES, 1996). Nesse contexto, a função social atribuída ao recurso identitário conferido ao patrimônio se impôs como um reconhecimento de sua necessidade (JEDY, *apud* NOGUEIRA, 2014 p.51).

Nesse sentido, atrelar identidade ao patrimônio, significa que um se justifica pelo outro, nesse contexto a ideia de elaboração e constituição de um patrimônio, ou patrimonializar algo, é importante para garantir a preservação, constituir uma identidade coletiva.

Procede-se neste campo as ações de patrimonializar tudo, de realizar um processo que tende a garantir a preservação da memória de sujeitos ou, como já observei, esboçar uma memória inventada e tradicionalizar aquele objeto. Surge dentro deste campo da patrimonialidade o intangível e sua recorrente necessidade de também se registrar a memória e a preservação daquilo que norteia a identidade cultural.

Mas se, por um lado, é notório que a palavra patrimônio distancia-se de sua concepção original de monumento histórico, por outro lado, passou a designar, simultaneamente, o conjunto das manifestações culturais em sua diversidade de suporte material, natural e intangível. Na condição de uma categoria aberta, tem assimilado novos conteúdos e significados como as crenças, o artesanato, a culinária, a música, a dança, o teatro, as festas, a paisagem, as tradições oral e escrita, as práticas sociais, as técnicas, etc.; ao mesmo tempo tem ressignificado outros já consagrados como a arquitetura (erudita, vernácula, corrente) (CHOAY *apud* NOGUEIRA, 2014, p.50).

Cabe destacar que a ideia de ‘patrimonializar’ a fim de compor um processo de preservação, segundo Nogueira (2014) pode ser problemático uma vez que há possibilidade de perda das significações originais.

Então, a imaterialidade surge a complementar aquilo que é tangível, uma se relaciona à outra, os ritos e os saberes que correspondem ao intangível agora são ligados àquilo que é palpável, e essa materialidade necessita daquilo que não é visto enquanto forma para que se tenha uma função social ativa. Nesse aspecto é indissociável o material do imaterial, ao ponto onde cada saber, linguagem, características, ritual, precisam do que é objeto, da ferramenta, do utensílio, da edificação para a execução daquilo que é proposto ou vice e versa.

Uma das possibilidades de compor a noção de patrimônio é oriunda do saber-fazer de um povo, entretanto há outras como a construção de “identidade” a partir de uma memória “inventada” (exemplo o Fogaréu) e como resultado, nessa abordagem ampliada, Macena informa que é patrimônio [...] “tudo o que existe como elemento essencial para o registro da memória individual e coletiva, e que possa contribuir com a formação do sentimento de pertença de uma comunidade” (2003, p. 63).

Neste aspecto, há um ponto entre Nogueira e Macena onde ambos concordam com a importância do patrimônio, porém o patrimônio sobretudo está associado a identidade de uma coletividade, que, por sua vez, está ligada a uma memória coletiva. Neste caso, estão previstas as ressignificações, mas estas não devem sobrepor a continuidade do saber

proveniente da memória. As Folias de Reis emergem de uma coletividade, algo que como compôs no primeiro capítulo advém desde o século XIX e que se ressignificam, apropriaram, reinventaram-se, persistiram.

Já abordei aqui o sentimento de pertencimento que a Folia causa àqueles que aderem a seus ritos e práticas, independente da condição de ator que o indivíduo se encontra.

De certa forma, a Folia de Reis é constituída através do mito e da sacralização, ou seja, ela volta-se para o lado sagrado mesmo que seja indissociável a sua relação com o profano. A Folia de Reis é tradição passada de geração em geração, neste sentido, as apropriações resultantes das diferenças (Folia de Reis dos Cumpade, Folia de Reis Mineira) representam as rupturas inerentes às continuidades legitimadas através das reinvenções da tradição.

Segundo Deleuze “é a diferença que dá a ver e que multiplica os corpos; mas é a repetição que dá a falar e que autentifica o múltiplo, que dele faz acontecimento espiritual” (2003, p. 298).

2.7 - Identidade e conflito: uma questão sociocultural

As Folias de Reis no Brasil, como já discutido em capítulo anterior, podem ser consideradas como uma manifestação simbólica que se apropria de aspectos de outras culturas como indígenas, africanas²⁰ e católica. Esse amálgama de traços de tradições distintas reunidas nas diferentes fases do ritual, como já apresentado anteriormente, pode ser entendido como manifestação folclórica ou como uma manifestação de religiosidade popular, revestida pelos ritos de fé e por repetidos eventos, considerados como ‘graças’ ou ‘milagres’²¹. E, numa perspectiva ainda mais ampla, a Folia de Reis em Itaguari também se constitui num elemento de identidade cultural de seu povo.

²⁰ A Folia de Reis ao considerar que a mesma sofre influências étnicas indígenas e/ou africanas está relacionada a materialidade e a música. Nas tradições africanas utilizava-se com frequência em seus rituais o tambor, instrumento confeccionado de couro e madeira, por sua vez a caixa é um similar do mesmo. Enquanto que nas religiões indígenas havia a presença durante os cultos a suas divindades de danças em ritmos semelhante aos entoados nas Folias de Reis

²¹ Ao longo do texto irei apresentar as falas nas entrevistas que descreve os milagres ou as graças recebidas pelos devotos. Gonzaga (2017) defendeu sua tese doutoral apontando os mitos e credences em torno das Folias de Reis de Itaguari, apresentando um panorama da fé católica e seu simbolismo regional.

A organização da Folia, como já mencionado, depende de contratação de mão de obra ou de ação de voluntários, onde se inclui, as ‘treições’ e as relações de ‘compadrinamento’. Estas, embora na sua essência possam significar relações de poder e de obrigatoriedade, manifestadas também nas rezas de terço e na organização da cozinha, os cargos de liderança nas companhias de Reis, estão revestidos de comportamentos de solidariedade. Esses aspectos, fortalecem a cidadania e a identidade do povo do local, como apontado por Stuart Hall “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (2004, p. 11). Essa interação é evidenciada ao longo dos meses de preparação, mas principalmente, durante a Festa.

A noção das festas populares enquanto identidade é um argumento ressaltado por pesquisadores do campo, por exemplo, Pessoa e Vianês (1993) salientam que, por mais que a globalização ganhe forças estrondosas as festas e tradições terão sua atividade continuada uma vez que elas fazem parte da construção da identidade de uma coletividade. Na perspectiva desse pesquisador as manifestações folclóricas ou religiosas que não possuírem função social relevante tendem ao desaparecimento. Para isto, as festas populares como as Folias, os terços, as Congadas, entre outras têm sua continuidade por manterem uma função social ativa.

Como exemplo, destaca-se a apropriação do espaço da cidade pelas folias de Reis (Folia de Reis Goiana), as transformações das residências que recebem os pousos das Folias de Reis Mineira e do Brejo Grande, além da mudança do cotidiano do trabalho dos foliões que deixam seus ofícios para dedicarem a evangelizar em nome de Santos Reis. O envolvimento dessas pessoas, de forma coletiva ou individual, nas diferentes fases das folias, leva a construção de um sentimento de pertencimento à tradição. Assim como destacado por Hall no que tange a identidade e o senso de pertencimento.

A identidade nessa concepção sociológica preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar os sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2004, p. 11-12).

De acordo com a citação, entendo que o pertencimento do sujeito à Folia, lhe completa, faz com que o preenchimento de si ocorra a partir da sua relação com a Festa. O

significado da Festa para cada um apresenta-se de maneira subjetiva, miraculosa, esplendorosa ou apenas relacionada à profanação. Esses comportamentos e motivações internas evidenciam-se nas ações realizadas por aqueles indivíduos. Cito aqui, com base na percepção dos trabalhos de campo, o prazer descrito pelas cozinheiras e cozinheiros em fazer a comida a ser servida a milhares de pessoas. O tempero, parte fundamental de uma boa palatabilidade é confiado àquela pessoa, que lhe dedica atenção e cuidado para que seu trabalho seja reconhecido, mesmo tendo ciência de que aqueles que se alimentarem daquela comida talvez nunca conhecerá ou ao menos terá o interesse de conhecer quem a fez.

Silva (2006, p. 40) aponta que, quanto mais intensifica-se o processo de globalização mais ocorre o risco à desagregação cultural. No entanto, pessoas frequentam festas populares por necessitarem de espaços que fortalecem a vida social. Se nos anos 2000, os avanços da comunicação em rede, autora é evidenciado essa desagregação e a decorrente necessidade do homem em interagir em grupos religiosos e folclóricos. O pensamento do século XVIII na sociedade europeia era diferente conforme Engels.

É o permanente revolucionar da produção, abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos...Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo em que é sólido se desmancha no ar (MARX; ENGELS, *apud* HALL, 2004, p.14).

O pensamento de Marx e Engels sugere uma perda das tradições em função da modernidade frente às transformações do século XVIII decorrentes do avanço tecnológico e da globalização, por sua vez esse fenômeno de transformação radical tem mostrado-se contrário ao que tange as festas religiosas ao longo do século XXI, uma vez que foi a partir dos anos 2000 que as folias Itaguarinas sofreram grandes ressignificações. Os sujeitos buscam cada vez mais o encontro com essas tradições, mesmo que tenham sido apropriadas e ressignificadas de formas distintas, como já apresentei aqui.

Um outro aspecto importante relacionado à identidade são as relações de poder presentes no universo cultural das manifestações populares.

Desse modo, confirma-se Eric Hobsbawn (1984) ao analisar de que forma, na segunda metade do século XIX, as tradições, sobretudo de natureza ritual e festiva, são criadas e inventadas com uma função social de valorizar o

passado dos estados-nações e de reforçar o poder de quem os dirige (SILVA, 2006, p. 40).

As relações de conflito de maior evidência dentro de um contexto histórico da cidade de Itaguari foi um crime ocorrido nos anos 1950²² cuja as circunstâncias modificam a festa de Reis.

Atribuído a noção de identidade e regionalismo em Itaguari, inúmeros são os casos de romances que teriam nascido em uma festa de Reis e dali surgiu uma união estável. Tal fenômeno virou até música escrita por “Zé Mulato e Mazurca” e interpretada por “Zé Mulato e Cassiano”, cantores locais, no qual evidencia-se os namoros oriundos de uma Festa de Reis. Sua gravação está presente no álbum da dupla “Dias Melhores”, s/d.

*Em Itaguari foi que conheci das que já vi a mais linda flor
Foi no dia seis, na Festa de Reis, vou dizer pro'ceis quase morri de amor Morena
trigueira, mimosa e faceira era cabeceira daquela festança
Eu deixei de lado meu jeito acanhado, quando fui chamado pra primeira dança
(repete)*

*Ai, Itaguari
A saudade faz eu voltar sempre aqui Ai, chão de Goiás
Quem te vê, te ama, não esquece mais*

*Jeitinho atrevido, falou-me no ouvido, ponha bem sentido no que vou dizer Você me
conquista à primeira vista, não por ser artista, só quero você Sempre fui tão duro,
mas passei apuro, quase não seguro o meu coração Que naquela hora quis saltar pra
fora, travado na espera daquela paixão (repete)*

*Ai, Itaguari
A saudade faz eu voltar sempre aqui Ai, chão de Goiás
Quem te vê, te ama, não esquece mais
Eu faço empenho, todo o ano eu venho, mas eu não tenho hoje a mesma sorte
Minha juriti resolveu fugir de Itaguari, pras bandas do norte
Eu mato a saudade voltando à cidade, belas amizades, grandes companheiros
Sofro, não tem jeito, mas eu não aceito, ela buliu no peito deste violeiro (repete)*

*Ai, Itaguari
A saudade faz eu voltar sempre aqui Ai, chão de Goiás
Quem te vê, te ama, não esquece mais*

ZÉ MULATO E CASSIANO. *Itaguari*. Art Solução Mídia do Brasil. Fortaleza, s/d (2:38)

²² Ver item 3.1.1

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-mulato-cassiano/1743342/>
acessado em 09/04/2018, as 21:32.

Contudo, a Folia é entendida de vários modos e seus saberes rituais é o que fazem com que ela se torne um elemento de continuidade, há aqui, uma ‘tradicionalização’ daquilo que é entendido como cultura. Essa identidade apresenta-se agora, não mais como um elemento interno que ocupa o espaço a ele delegado, mas como um patrimônio de apropriação daqueles que tem consigo a sua identidade dentro do universo simbólico das folias.

CAPÍTULO 3 - Festa, Folia, Mulher e Catira



IMAGEM 32: Folia de Reis de Itaguari possivelmente da Folia Mineira, segundo relatos da fonte, grupo composto apenas por homens, ao centro observamos a família anfitriã, onde o patriarca segura a bandeira e a esposa se posta ao fundo com uma criança de colo, os instrumentos dos foliões são: Viola, Violão, bandolim e caixa, possivelmente haveria também um acordeon e um ou mais pandeiros que não apareceram na foto. Fonte: Magno Florentino Dutra, s/d - Acervo Pessoal .

Neste último capítulo proponho uma análise da organização da Festa. Considerando os papéis sociais dos agentes envolvidos nas Foliás de Reis de Itaguari. E, nesse contexto, também abordarei alguns aspectos acerca da participação feminina na estrutura organizacional e nos rituais destas festividades, dando destaque para as Brejo Grande e Mineira.

3.1 - (Des)Continuidades da Festa de Reis

Nas páginas anteriores suscitei que a Folia de Reis ocorre em diversas etapas, e algumas delas se iniciam bem antes do evento. Sua organização exige uma preparação que pressupõe o engajamento de uma quantidade expressiva de pessoas, seja os que vão lidar com os preparativos do dia 06 de Janeiro, seja aqueles que vão organizar o pós-festa, que

normalmente tem a duração de uma semana. É escolhido um fim de semana próximo (pós-festa) para o leilão do gado que não foi abatido para o consumo e a renda destina-se a quitar parte dos gastos do festejo.

A incumbência do festeiro também se estende por zelar pela boa harmonia entre aqueles que estão colaborando com a realização da festa, neste caso, com os cozinheiros, serventes e demais trabalhadores engajados no processo.

A escolha do festeiro ocorre seja através de sorteio ou, em alguns casos (inclusive o que vêm ocorrendo frequentemente nas Folias de Reis do Brejo Grande e Mineira), há um voluntário que manifesta desejo de realizar a festa para cumprimento de promessa. Atualmente as famílias tradicionais (fundadoras da cidade e das folias), responsáveis pelo principal apoio das folias em Itaguari, não interferem na escolha do festeiro. Porém como a folia de Reis do Brejo Grande faz seu giro na região onde até hoje predomina as propriedades da família Ribeiro, ocorre quase que todos os anos a realização uma festa ou pouso na casa de algum destes familiares.

O pagamento da promessa se mistura inclusive no histórico das duas Folias, uma vez que, segundo Dutra (2009, p. 46), elas teriam sido originárias para pagar o voto de alguém.

“Como geralmente acontece na maioria das folias brasileiras, o surgimento da folia mineira da cidade de Itaguari – GO se deu em cumprimento de um voto. A primeira festa da folia Mineira nesse município foi realizada na casa da Senhora Ana Rita do Couto, no ano de 1957, conforme atestam várias informações de pessoas mais velhas que residem no local e, também, de integrantes da própria folia. Dona Ana Rita era uma senhora muito doente. Então ela fez uma promessa a Santos Reis, como confirma sua filha Luciana Maria do Couto. Quando perguntada sobre qual havia sido o motivo para a realização da festa de Santos Reis, ela afirma: “Ah, era uma tenção que minha mãe fez, eu lembro” (informação verbal)². A palavra “tenção” significa intenção, que no meio popular tem o mesmo sentido de voto. Depois a depoente fala sobre a causa que levou sua mãe a fazer a promessa: “Ela falava assim: eu quero fazê uma festa de Reis, que eu toda vida fui doente, então eu quero fazê essa festa de Reis” (informação verbal)³. A filha lembra que, recebida a graça, a senhora Ana Rita do Couto uniu forças com sua família para a realização da referida festa. E como no campo existe uma lógica diferente da lógica da cidade, como é bem analisada por teóricos, a realização da festa ocorreu dentro do padrão dessa lógica do mundo camponês” (COUTO, 2009).

Em todas as casas em que a folia passa durante o giro canta-se o verso: “Você(s) estão convidado pra ajudar a rezar o terço no dia 06 de janeiro, na casa do festeiro”. Ou algum

outro verso semelhante em que convida o morador para que vá até o local da festa no dia 06 e colabore com sua participação além da oferta, seja material ou espiritual.

Deste modo, o dia 06 de janeiro, o ápice da manifestação religiosa, representa o fim da jornada daquele ano bem como a continuidade para o ano seguinte.

Cabe ao festeiro, levantar recursos para a realização da festa e auxiliar os pouseiros e demais foliões com o que for necessário. Apesar de haver uma relação de liderança do embaixador, durante o dia 06 de janeiro, no ato da festa, o festeiro é o protagonista, os versos de graças e de respeito são direcionados a ele e sua família.

3.1.1 - A Festa que Virou Tragédia

Este item traz parte da entrevista concedida a este pesquisador pelo senhor José Neto Junqueira em outubro de 2019, que narra um acontecimento na Folia de Reis Goiana, ocorrido por volta de 1950. Na ocasião houve um duplo homicídio em uma festividade de Reis de Itaguari, no período esta folia cumpria seu giro e demais festejos na zona rural na região próxima a Itaguari.

Tal evento pode ser considerado, na forma de hipótese, o motivo que levou a Folia Goiana ter deixado de ter sua práxis ritual no contexto rural e migrado para o meio urbano. O nome das vítimas e demais envolvidos foram substituídos por pseudônimos uma vez que o crime nunca foi solucionado e há ainda familiares de ambos que vivem no município.

-"[...] Sei que nois foi uma porção de gente Eu, a as menina do Demair da Iracema essa muié do Bira, Bira da Olaia, nos foi tudo pra lá.

Senhor morava onde?

-Morava lá no véi Mair lá, no Izaias, ai chegou lá a festa boa demais, primeiro começo lá foi o Zé Vicente, pai do Zé Vicente, não é esse ai não, é o outro, foi numa carroça com a familia. E chegou lá apiaram da carroça e o cavalo disparou com a carroça, no meio de um pasto, num chavascá, assim, chavascá dessa artura pra baixo. Aí até que conseguiram juntou gente lá e encostou o cavalo num canto e pegou o cavalo e trouxe pra porta. Amarrou o

cavalo lá, aí viemos pra dentro já tava de tardinha já, já tava fazendo a comida já. A folia já tinha cantado. Aí quando é fê apareceu esse caboclo lá com uma faca.

-Quem era esse cara?

-Um tal de Antonio, Aí ele era cuncunhado do compade Nico.

Esse Antonio?

-Não, morava aqui um tal de Quito. Lá bebo também no meio da turma lá, o homem passava a faca nele assim ó! Vai furar ele agora memo! E vai, (inaudível) quando é fê esse home entrou pra dentro lá, e queria matar o dono da casa.

Ele chegou lá pra matar esse cara já?

-É, pra matar o dono da casa cumo matou né?! Aí entrou pra dentro lá e quando é fê o baruí saiu: óh, o Antonio, matou o dono da casa, parece que eu esqueci agora o nome do dono da casa. Pegou ele, ele entrou pro dentro do quarto, trancou a porta, pois ele arreventou a porta entrou e furou o homem de faca. Aí o homi morreu. Aí, esse pai do Joaquim, juntaram lá, pai do Joaquim que deu a primeira porretada, nesse outro. Aí juntou os outro e acabou de matar ele.

-E ninguém sabe por que foi essa briga?

-Não. Não sei como que é não, pra trás eu não sei como é que é não

Nesse dia lá aconteceu mais alguma coisa? Matou esse homem, cavalo disparou, teve mais alguma coisa lá?

-Não aí depois que matou ele lá aquele tebefeito de comida lá, quais pronta lá, aí todo mundo saiu, foi embora.

Jogou as coisas tudo fora?!

-Aí eu falei pra as menina: Vamo bora? falou: Vamo! Nós pegou a estrada e veio, embora. de a pé lá do, cê sabe onde é que é, do Bira da Olaia lá?!

Sei!

-Mais ou meno lá, pra adiante um pouquin o Bira da Olaia lá.

É que Folia que era?

-Essa folia daqui!

Daqui da rua?

-Daqui da rua! depois que eles trouxeram ela pra cá.

Isso foi mais ou menos em que ano?

-Ah não, não sei não.

O senhor era solteiro na época?

-Era, nem pensava em casar ainda não

Pois o senhor casou com 26?

-24! Vinte e quatro ano

Então isso tem uns 50 anos, o senhor tá com 70?

-76 né!

76?

-Capaz que tem mais de 50. Quer ver?! Só aqui tá com 44, 6 e 4... Tem mais de 50 ano, tem uns 60 ano isso já.

Na época essa folia tava começando?

-Tava, mais era boa demais, ai dava muita gente, esse dia lá eu nunca tinha participado dessa folia não, chegou lá tinha gente demais, Ai dessa época pra cá foi caindo, enfraqueceu e largaram de mão dela uns tempo. Ai depois começaram, (inaudível) pegou ela, fez lá no João Inhambú, já tinha bem mais pouca gente. Ai depois trouxe pra cá. o Zé Buteco trouxe ela pra cá (JUNQUEIRA, 2019).

A entrevista como resultado da memória de seu José Junqueira aponta para uma forte evidência da migração do local da festa para o espaço urbano. Outra possibilidade, ao menos a mais aceita na região, é que a folia veio para zona urbana devido ao ‘apadrinhamento’ da família Freitas, influentes cantores sertanejos naturais de Itaguari. Com o crescimento da festa foi necessário a vinda da manifestação para o espaço da cidade. Entretanto, o ponto que chama atenção neste item da pesquisa corresponde a relação de poder desencadeada em uma festa de Reis da Folia Goiana no final dos anos 1950 essa relação não está atribuída ao primeiro homicídio do festeiro, mas sim da representatividade social que este possuía e o interesse dos demais devotos em vingar a morte do companheiro. A partir do final trágico da festa a folia se modificou, e o processo de resistência agora se torna adaptável às novas performances.

3.2 - Mulher, Folia e Catira

As folias Mineira e do Brejo Grande, como já mencionado, fazem sua festa, ou recolhida, no dia 06 de janeiro, assim como fazem seu giro em dezembro e janeiro. No entanto, as suas regras, as toadas ou ritmos de cantoria, seus papéis sociais dentro do grupo e participação feminina podem se diferir em alguns aspectos uma das outras. Sobre este último viés, buscarei compreender a participação feminina dentro de um universo patriarcal que quase sempre é a elas negado. Dessa forma, pretendo apresentar aspectos do papel social da mulher no interior das folias de Reis.

Em específico trago a participação da mulher nos ambientes a ela sujeitados, como a cozinha, no caso da Folia do Brejo Grande destaca-se a reza de terço, ou a devota cumprindo uma promessa. Observo como as mulheres conseguem se ressignificar ocupando locais antes negados como a catira e como esta dança se apresenta de forma a transformar os aspectos culturais da sociedade de Itaguari. Partindo da concepção de gênero e espaço, também saliento a recorrente necessidade em analisar o papel da mulher nesta manifestação dialogando com os estudos culturais pós-modernos.

3.2.1 - Do Tacho a Resiliência

O espaço da mulher nas Folias de Reis de Itaguari ficou por vezes limitado as fornalhas e tachos no preparo da comida, esse papel tem sido, ao longo do tempo ressignificado e as mulheres têm se protagonizado em espaços predominantemente patriarcais. Este item tem por objetivo compreender a apropriação do espaço das folias de Reis pelas mulheres.

O termo “As velhas identidades” apresentado por Hall (2004), se encontra em declínio, e nesse novos contexto, papéis são incorporados ou ressignificados por agentes nas sociedades contemporâneas. As Folias de Reis apresentam-se como um desses campos onde os papéis se ressignificam e que sujeitos até então se configurava como agentes de pouca visibilidade, apropriam de elementos antes a eles, neste caso, a elas negados.

Na Folia de Reis do Brejo Grande as mulheres têm participação, não apenas nos afazeres da cozinha, mas também em um dos momentos mais importantes na Folia que é o momento de oração marcada pelo terço.

Segundo dona Divina Ribeiro, a mulher atua ativamente durante a reza do terço na Folia de Reis daquela região “Sempre é as mulher que reza o terço [...] a nossa devoção é rezar meio-dia certinho” (RIBEIRO, 2018).

Interessante apresentar que nessa Folia em específico a “reza do terço” é feita por mulheres, diferentemente dos outros dois grupos que analisei bem como demais colegas da área que também desenvolveram suas pesquisas.

Canesin aponta, as folias de Reis de Jaraguá, durante a elaboração do estado da arte foi o material mais antigo que menciona as Folias da Região (CANESIN,1983).

Carlos Rodrigues Brandão (1997), um dos mais importantes etnógrafos e antropólogos que também pesquisa sobre o tema, evidencia que as “rezas de terço” são sempre lideradas pelos foliões, homens que cumprem o ritual da folia. Essa realidade se distingue totalmente daquela que evidenciei no grupo de Folia do Brejo Grande.

Elas não são nunca as “rezadoras”, mas participam ativamente do responsório das orações. Isto acontece por dois motivos. Primeiro porque a reza do terço é compreendida como uma forma de oração familiar onde é importante a presença de esposas e de filhas. Em segundo lugar, porque são as mulheres as que melhor recordam na íntegra todos os momentos da reza (BRANDÃO, 1977, p. 12).

Apesar de em minha observação etnográfica, nos três grupos de folias em que participei não ter percebido quaisquer formas de impedimento de mulheres que queiram acompanhar a Folias em seus mais variados rituais. Em uma pesquisa bibliográfica pude conhecer razões apresentadas a outros etnógrafos que justificam a ausência feminina nas Folias, exceto no ambiente da cozinha. Isso estaria atrelada a tradição construída aos Reis.

Os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas; se os foliões levassem mulher na folia, estariam deturpando o sentido da representação; também, dizem outros, nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus; admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização (PORTO, 1982, p. 54).

Interpreto a participação da mulher nas folias embasadas nas crenças bíblicas tratadas por Porto (1982) ou na tradição de grupos particulares, seria certamente acreditar que a simples presença de uma mulher em quaisquer rito da folia implicaria em uma profanação da crença. O espaço da mulher, nesse caso, seria na sua totalidade negado, a mulher neste

contexto só seria útil ao trabalho de servir os convidados que em sua casa recebesse junto a companhia da Folia, produzindo comida para saciar a fome dos que ali chegam.

Se a participação feminina nas Folias de Reis em outras regiões parece ser uma realidade distante. Isso justifica-se pela interpretação bíblica de que não aparece a figura de outra mulher a não ser a de Maria, presente no momento da adoração de Cristo. Em Itaguari essa realidade passa longe disso, notei a presença de mulheres cantando tanto nas apresentações artísticas quanto ajudando a responder os versos do embaixador na função conhecido como vozes, essa participação ocorre usualmente a anos como apresentou os entrevistados.

“Eu participava (das folias), porque tinha companhia, não era só homem, né, que a gente fica sem jeito de participar quando é só homem [...] sempre a participação da mulher no meu tempo e agora sempre foi ativa, graças a Deus” (REIS, 2018).

A Folia Mineira possui uma particularidade de ter uma ‘irmandade’. Um grupo de pessoas formados por homens e mulheres que tem por função contribuir financeiramente com a Folia. Essas contribuições são destinadas ao festeiro e aos pouseiros. Outra particularidade dessa folia é a participação da mulher na irmandade, segundo Canesin (1983), apenas em algumas irmandades a mulher participa da lista, ou seja, em alguns grupos distintos.

“[...] Menino pequeno...Tem menininho que nasceu ontem, hoje ele ta na irmandade NE? O pai põe. A menininha não. A mulher só faz a comida... só pega na bandeira quando é na casa dela” (ANSELMO DE OLIVEIRA e SILVA, 1982 *apud* CANESIN 1983).

Na Folia Mineira segue-se a tradição da irmandade, sendo que, não há qualquer impedimento para a mulher pertencer à lista. Como notável exemplo: uma das mulheres que fez parte da lista da irmandade da Folia Mineira é Cilveria Rosa de Oliveira, conhecida como dona Selivera, que aos 103 anos de idade contribuía anualmente com a Folia.

Entretanto, a Folia de Reis Mineira segue a lógica observada por Brandão, (1977) onde os homens (foliões) rezam o terço consagrando os mistérios gozosos. As mulheres, por sua vez, ajudam nas ladainhas e nas respostas às orações.

Outro aspecto importante está relacionado a grande quantidade de turistas que a folia atrai para a festa no dia 06 de janeiro, este ano segundo estimativa da polícia militar apenas no dia 06 foram contabilizadas em torno de 15 mil pessoas, vale ressaltar que, o município

onde realizei a etnografia, contando os moradores do núcleo urbano e rural somam apenas 4.300 habitantes. Neste aspecto a atuação da mulher é evidente em todos os âmbitos da festa, seja na preparação até a performance durante os rituais.

Nota-se que, a Folia Goiana sempre contou com maior participação feminina, seja na preparação dos alimentos seja a de cumprir o ritual da Folia nos giros de casa em casa. As mulheres sempre dispuseram de participação na cantoria ou nas apresentações artísticas, e, a essa destaco a participação das Irmãs Freitas, cantoras sertanejas de sucesso que nasceram no município e, anualmente, juntamente com seus irmãos André e Andrade, também cantores sertanejos, vêm a Itaguari e se instalam durante o período da Festa fazendo shows nas casas do giro da Folia Goiana ou ajudando na resposta dos versos cantados pelo embaixador.

O momento da cantoria que cumprimenta os moradores se dá sempre iniciando o verso ao chefe da família, neste caso o patriarca e em seguida a esposa e aos filhos. Essa regra só difere ao notar que o patriarca não se faz presente naquele momento, e, nesse caso os versos são cantados para a matriarca.

Como tratei anteriormente, uma das partes mais impressionantes de qualquer das Folias Mineira e Brejo Grande e, de alguma forma, alguns aspectos da Goiana, é a preparação da comida a ser servida aos convidados e aos foliões. São fartos tachos, de arroz, feijão, carne, batata e demais alimentos que são preparados pela população local de forma voluntária, esses alimentos são todos provenientes de doações de devotos. Aqui neste momento me chama a atenção um ponto de mudança de papéis ou como Hall (2004), dizia uma ressignificação da identidade, uma vez que pela tamanha quantidade de comida a ser preparada o trabalho mais pesado que é onde se lida com as fomalhas e mexer nos tachos com até mais de 100 kg de alimentos cada um, cabe aos homens. Neste momento as mulheres passam a exercer um papel de liderança dentro da organização da cozinha, cuidando para que os temperos sejam colocados no momento e quantidade correta garantindo a qualidade da comida a ser servida.

Esse papel de liderança também envolve toda a organização da equipe onde as mulheres destinadas a cortar e descascar os alimentos a serem cozidos ou preparados seguem as orientações de quem está liderando o grupo e toda a cozinha. Esta incubência costuma ser destinada a uma mulher mais idosa ou mais experiente com o processo de cozinhar em grandes quantidades.

Outro aspecto bastante interessante que observei diz respeito ao consumo de bebida alcoólica como vinho e cachaça (cerveja era encontrada quase que unicamente no pouso e essa era vendida aos interessados). Apesar de sua presença durante o giro, servidas aos foliões ao chegar à casa do devoto, as mulheres pouco faziam uso delas, principalmente a cachaça. Quando essa bebida era servida pelo dono da casa e esse era um homem de maior idade, as mulheres não recebiam a cachaça, apenas em alguma ou outra casa pude notar a oferta de vinho a elas, mas em quantidade muito inferior aquela destinada aos homens.

O papel de preparação da festa também envolve a participação feminina em vários contextos, segundo dados colhidos na observação de campo, observei que um dos momentos mais importantes seria na preparação do presépio. Nessa atividade, os homens fazem o corte das folhas de palmeiras ou são responsáveis pela construção de uma pequena capela de madeira; enquanto a ornamentação, bem como a montagem do presépio, fica a cargo das mulheres, o presépio é um dos objetos sagrados mais importantes pois representa a lapinha onde Jesus nasceu e foi adorado.

Pude evidenciar que a materialidade daquilo que é dado como sagrado ou que de certa forma atua ativamente dentro das Folias - como é o caso do arco, das flores e enfeites e do presépio - são responsabilidades também das mulheres que, por sua vez montam o presépio, fazem o altar, exceto a parte de cortar as folhas de bacuri e madeiras esse trabalho é realizado por homens. As mulheres constroem a corrente do arco que, por vezes, é de papel ou de fita, e ornamentam todo o ambiente dando beleza ao lugar.

Também cabe à mulher, neste caso quase sempre a esposa daquele folião, a confecção da roupa do Palhaço. Entretanto, todos esses pontos, ou seja, as preparações e, neste caso o momento, onde a presença feminina se torna mais evidente são esquecidos, não visualizados por quem participa de alguma forma da folia. Esse 'esquecimento' do papel da mulher neste contexto ocorre praticamente de forma generalizada, entretanto, se as mesmas deixarem de cumprir as atividades mencionadas, a festa teria outra configuração, pois nos mais distintos detalhes observo ativamente a sua participação.

3.3 - A Catira e a Performance de Gênero

Os festejos populares são marcados por comida, por música e por religiosidade. Neste contexto surge a Folia - seja a de Reis, São Sebastião, Divino Pai Eterno ou Divino Espírito

Santo. Todas as folias têm em comum a presença de comida farta, orações, cantorias e a festividade da dança. Destaca-se a catira, considerada como, uma das mais antigas danças do contexto goiano. Esta está presente desde a colônia, quando também foi utilizada como instrumento de catequização e, posteriormente, de ‘comunicação’ entre os viajantes e os nativos. Este texto tende a analisar como a performance do gênero feminino atuou e atua nas folias de Reis Itaguarinas com objetivo de ressignificar o espaço as mulheres destinados historicamente.

A catira é uma dança muito presente nas camadas populares interioranas do Brasil, sua coreografia é marcada por palmas e sapateados, sua origem tem raízes africanas, indígenas e europeias - esta última tendo sido influenciada pela dança do fado, uma dança típica portuguesa. Os tropeiros que lidavam com o transporte de gado levavam consigo ao menos um violeiro que, nos pousos e acampamentos, tocavam modas de viola. Naquele período - colonização - era incomum a dança entre homens, assim para acompanhar o ritmo batiam os pés e as mãos. Segundo observado, índios se aproximavam dos acampamentos e também acompanhavam a dança de pés e mãos.

Vale ressaltar os estudos realizados a origem da Catira e seu uso catequizador.

É quase uma unanimidade entre os autores Luís da Câmara Cascudo (2012), Karine Querido Maia (2005), Caroline de Miranda Borges (2009), entre outros, em afirmar que o catira existe desde os tempos coloniais. O padre José de Anchieta, por volta dos anos de 1563 a 1597, incluiu o catira nas festas de São Gonçalo, São João, Santa Cruz, Espírito Santo e Nossa Senhora da Conceição. No entanto, segundo Karine Querido Maia (2005, p. 10), a dança cateretê é mencionada como intencionalmente usada pelos jesuítas para “ajudar na catequese dos índios” e não somente como um festejo (CONRADO, 2018, p.27).

O acompanhamento da catira é feito por viola, violão e dois cantores, normalmente são também os instrumentistas, que, em ritmo de pagode ou rasqueado, tocavam a viola caipira e violão marcando a catira. Os passos e palmas são sequenciados alternadamente entre os versos cantados e a melodia executada pelas cordas dos instrumentos. Tradicionalmente, a catira é executada por homens, no qual são os músicos e outros os dançarinos ou, como eles gostam que sejam chamados, os catireiros.

Interessante que, no caso de Itaguarí, as performances da catira ocorrem quase que sempre em momentos específicos, como na Folia de Santos Reis ou em outras apresentações

folclóricas. Considerando a performance da catira realizada nas Folias, observei que a proximidade do sagrado com o profano estão intimamente ligados e a Catira representa bem essa relação.

Segundo José Reinaldo Flores, morador de Itaguari e folião devoto aos Reis Magos, “A Folia é tradição, devoção, fé e confraternização” (FLORES, 2018). Nela o sagrado e o profano são indissociáveis, durante a observação de campo evidenciei, em diversas circunstâncias, pessoas que estavam no interior de suas casas cantando versos sagrados em saudação ao nascimento de Cristo e, ao mesmo tempo, do lado de fora, outras pessoas conversavam e se divertiam bebendo, comendo, dançando ou organizando os catireiros para a apresentação. Essa relação tão íntima entre o sagrado e o profano, presente em festas populares já fora analisadas pelo sociólogo Berger (1973) que entende que há uma ‘reconciliação’ entre o sagrado e o profano nestes universos religiosos de caráter popular. Nesse sentido, entende-se que tal ‘reconciliação’ é fundamental para romper as dogmáticas regras da religião, neste instante o indivíduo passa a sentir ou experimentar sensações e afetos, aproximando, ao mesmo tempo, o de Deus e do homem.

Porém, dentro de um contexto histórico mais remoto observei que a religião católica tratou as danças como o pecado extremo, as danças representavam o próprio sexo encenado, e em sua totalidade e participação de outros se apresenta como a orgia. Esse prazer representaria para a humanidade a irracionalidade onde os prazeres da carne tomariam conta da capacidade racional humana.

Impossível nesse intento, desconsiderar os fatores históricos que se transformaram e dos que permaneceram no transcurso da dança do catira. Historicamente, mais especificamente, desde a Alta Idade Média (séculos V ao XI) até a Baixa Idade Média (séculos XII ao XV), a figura feminina era associada à mulher pecadora em uma tipologia alusiva a mitologia cristã da figura de Eva, enquanto portadora do pecado original. Por sua vez, nos movimentos da contrarreforma (século XVI e XVII) “os bispos católicos e os concílios eclesiais [...] tentaram eliminar o hábito de dançar nas igrejas, considerando-o irreverente” (BURKE, 1992, p. 91 *apud* CONRADO, 2015, p. 202).

Assim a dança é entendida como elemento da sexualidade e do pecado.

O prazer de dançar representava a orgia, considerada grave pecado resultante do desequilíbrio humano que provoca a perda da razão, pois os

seres humanos passam a ser dominados pelos desejos do próprio sentido (CONRADO, 2015, p. 202).

A figura feminina desde a Idade Média se apresenta dentro do contexto religioso como um ser pecador, impuro devido os ciclos menstruais que acompanham a mulher, nesse aspecto construíram-se um conjunto simbólico marcado pela inferiorização da mulher em detrimento do encômio masculino.

A posição central da mulher no interior de sistemas sociais específicos se verifica com relação às sociedades patrilineares e mesmo patriarcais, ou seja, a importância de controle da maneira a qual as esposas-mães devem se comportar e a preservação de suas —virtudes— está fundamentada no sistema patriarcal — de dominação masculina. Daí, uma primeira implicação estrutural: a —necessidade— (enquanto exigência implícita ao sistema) de controle das manifestações da sexualidade (OLIVEIRA, 2013, p. 20).

Segundo Mary Del Priori (2004), a Igreja desde a colônia colocou um apoderamento do corpo feminino uma vez que os senhores de engenho apoderaram-se de suas sinhás e escravas que lhes agradavam; para a autora esse aspecto de misoginia que a Igreja formou ao longo dos anos veio para criar a mulher submissa, a ideal e fiel companheira. A mulher foi colocada como um ser propício ao pecado sua imagem sempre foi ligada à sensualidade e, em muitos dos casos, a demonização do ser.

Dentro das tradições populares o espaço da mulher fora quase sempre negado, cabendo-lhes as tarefas de organização de serviço braçal considerado mais brando, que não pudera ser desempenhada pelos homens, como o ato de cozinhar, decorar e demais atributos já aqui neste texto citados. Esse espaço dado à mulher em segundo plano, entendo que está fortemente relacionado à concepção popular acerca do gênero, uma vez que o homem forte e viril jamais deveria se filiar a tarefas leves, ou aquelas que não seja possível demonstrar sua força, liderança e masculinidade.

A participação feminina na Catira é algo recente datado do final do século XX, entretanto, nas revisões empíricas há pouca produção acerca de grupos de Catira e, tampouco, ainda são as que abordam a presença da mulher neste universo simbolicamente marcado pelo patriarcalismo.

Importante destacar que a Catira se apresenta como uma manifestação cultural regional impregnada de valores ou conceitos construídos. Estes tornam-se aceitos dentro de

um universo cultural. Essa performance cultural, por sua vez, prescreve-se e se ressignifica. Essa transformação coloca em cheque um jogo de novas identidades, onde os papéis sociais são reinventados. Tal feito traz um choque simbólico proveniente de um protagonismo feminino que mesmo inconscientemente traz uma sensação de luta, revolta de resiliência da mulher perante a concepção machista existente na sociedade.

Em Itaguari a Catira é um elemento tradicional da cultura popular, uma vez que a mesma acompanha as Folias de Reis quase que desde a sua origem. Por sua vez ao longo dos anos vários grupos se formaram ou se desfizeram, e estes contavam com a participação de homens, mulheres ou crianças, um fato em comum entre todos eles que foram criados depois do surgimento do grupo de catira ‘Os Irmãos Oliveira’, formado por homens da mesma família, inicialmente tinha sua formação apenas com os irmãos, visto que, alguns aderiram vertentes religiosas neopentecostais dando vagas aos sobrinhos e outros familiares. No entanto, o grupo se desfez há alguns anos, o seu legado partiu do ensino de outras gerações a dançar o Catira²³, inclusive o grupo formado por mulheres, denominado "Orgulho Caipira", o qual irei analisar.

O grupo foi formado em 2007 por adolescentes da cidade, de imediato trouxe o prestígio da população ao evidenciar a participação da mulher nesta tradição folclórica. Hoje, já mulheres feitas as meninas encantam com o som do sapateado em suas apresentações.

²³ Apesar da palavra ‘Catira’ ser um substantivo feminino, as oralidades populares quando fazem uso do termo utilizam o artigo definido masculino (o Catira).



Imagem 33 - Grupo de Catira Orgulho Caipira. Pesque-pague Araçá, Itaguari/GO, em 05/10/2013.
Foto Juliana R. Marra

Atualmente o grupo conta com sua formação em menor número devido à mudança para outras cidades das integrantes do grupo. Em 2014, a Rede Record fez uma reportagem especial para o programa Domingo Espetacular com a participação do grupo de catireiras. A catira em Itaguari se apresenta como um elemento cultural de ressignificação do povo Itaguarino. Assim como as folias de Reis, a catira está associada a resistência frente a modernidade. De igual modo as festas dos padroeiros, os mutirões realizados para limpeza de pasto que recebem o nome de treição. Esses aspectos trazem sentido e dão significado à cultura popular.



Imagem 34 - Grupo de catira 'Orgulho Caipira' em menor número durante um apresentação. Fonte: Igor Cabral (2018) - acervo pessoal.

A mulher representa um símbolo de resiliência e de luta contra o machismo. No caso de Itaguari essa luta é constatada através das manifestações culturais.

Um ato de empoderamento feminino embasadas na performance do Catira. Entretanto, a mulher ao se empoderar faz uso de ornamentos e vestes destinadas ao menos até meados do século XX ao homem, como a calça, camisa de botões e manga longa e o chapéu, segundo Conrado (2018) a mulher para ser aceita no universo simbólico da Catira deveria estar travestida de homem, por mais que o seu próprio corpo lhe passa a sensualidade e isso lhe apresenta aos espectadores a mulher que detém de um corpo voltado ao prazer masculino. A controvérsia maior seria que a mulher, mesmo trajando vestes masculina, passa a ser objeto de desejo ao ser vista pelos homens ditos viris. A sensualidade de seus corpos chamaria a atenção, fato não só evidenciado nesta pesquisa etnográfica, mas também ao final da reportagem realizada pela Rede Record em 2014, na mesma é evidente o interesse sexual que surge entre os homens ao assistirem à apresentação das mulheres catireiras.

Para Butler (2002, p.18) “a performatividade deve ser entendida não como um ‘ato’ singular e deliberado, senão antes como a prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia”. E neste viés observo que a desempenho da Catira apenas restabelece os signos uma vez inventados e performatizados dentro de um aspecto

cultural, essa performance tende a colaborar com a dita ‘estabilidade social’, e assim colabora subjetivamente com a manutenção do corpo feminino como um objeto de prazer masculino.

Assim uma interpretação possível é que o corpo da mulher é constituído de elementos que representam o empoderamento feminino em Itaguari através da Catira. No entanto, ainda que o corpo da mulher seja objeto de desejo sexual e a beleza feminina, seja atributo para que as mesmas se apresentem e chame a atenção inicial do público, é necessário observar que, nesse universo simbólico o qual a Catira está inserida, era reservado unicamente ao homem e aquele que fosse capaz de demonstrar sua virilidade e força intitulado - se digno para o tal.

Em outras palavras, o essencialismo estereotipa e limita a forma como o Outro é visto. Isto pode ser também uma maneira do ocidente/colonizador inferiorizar e praticar violência epistêmica contra o oriental/periférico. Porém, embora o essencialismo tenda unificar a forma como o sujeito é apreendido na percepção externa a ele, sua identidade não pode ser considerada como completa, encerrada em si, unificada, na verdade é deslocada por forças externas a si (Hall, 2011). Por identidade deslocada, consideramos aquela que tem em seu centro “uma pluralidade de centros de poder” (BACELAR, 2016, p. 26).

Neste caso a figura da mulher como mera expectadora no universo da Catira compõe de uso tático e intencional do ‘essencialismo estratégico’. Ao se tornarem protagonistas, a Catira feminina quebra essa masculinidade viril ao ponto de trazer a ocupação de um espaço pela mulher antes negado.

A principal relação das catiras com as Folias de Reis de Itaguari está ligada de forma intrínseca a sua origem, ambas se desencadearam inicialmente no meio rural, foram utilizadas como meio de comunicação entre os nativos e representam uma manifestação popular. No caso, as folias principalmente como um elemento religioso, sagrado, as catiras como o lado festivo, o profano. Por sua vez na atualidade as folias se vêm dentro da sua festa um espaço dedicado as catiras, onde os grupos formados por homens e/ou mulheres que performam sua dança atraindo a atenção do público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações que se desencadeiam nas folias Itaguarinas - em especial na Mineira e do Brejo Grande - levam à indagações inquietantes. Respostas por vezes encontradas em decorrência da vivência dos sujeitos nesta festividade. Cheguei, através da empiria, aos resultados apresentados. Um questionamento importante que fiz no início deste trabalho: como as folias são elementos de resistência cultural diante das inovações decorrentes da modernidade? Essa questão, aliada aos aspectos da materialidade, conduziram esta pesquisa e foi respondida em diversas facetas: o advento das folias da Europa ao Brasil, as primeiras manifestações locais, a materialidade impregnada nos rituais, as performances de gênero, enfim continuidades e rupturas que marcam a história das folias de Itaguari.

Ainda a partir desta problemática central, elenquei uma série de outras questões que cabem novas análises dentro de uma perspectiva histórica e antropológica das Folias. A escolha do objeto parte da influência desta manifestação dentro de uma sociedade marcada por costumes e tradições ligadas ao catolicismo popular, dentre as manifestações a que possui maior valor quantitativo destacam-se as Folias de Reis diante das demais festas religiosas como a de São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida organizadas pela comunidade católica local.

Neste aspecto, a influência de famílias itaguarinas foram fundamentais para determinar como as Folias se originaram e se estabeleceram. Estas famílias estão ligadas ao passado do município de Itaguari, tanto na esfera cultural, econômica e política, quanto na organização social.

Ao reconhecer que as Folias de Reis constituem-se de materialidades rituais específicas, adensei a ideia de que tais elementos palpáveis se entremeiam com os sujeitos. Este processo dá-se dentro de uma rede plural de significações envolvendo ritos, crenças, especificidades locais.

Pois bem, se as Folias constituem um elemento de resistência cultural, também é um espaço de memória, pois é a partir da vivência dos mais velhos que a estrutura das folias têm resistido, em diversas perspectivas, ao moderno, mesmo havendo (des)continuidades ou a (re)invenções da tradição pelos mais jovens.

A materialidade e a performance que acompanham os rituais renovam-se, ao longo do tempo, diante as transformações culturais da sociedade.

Contudo, destaca-se o (des)conflito que, por sua vez, engendra o significado atrelado às relações de poder da expressiva quantidade de grupos de Reis em Itaguari: Folia de Reis do Brejo Grande, Mineira, Goiana, Setembro e dos Cumpade. Essa quantidade expressiva de Folias me fez perceber as relações de poder engajadas nesse processo, no sentido em que cada grupo busca espaço e visibilidade para se fazer presente na sociedade itaguarina.

Apesar de toda a ritualidade das folias ser marcada pela música, ou a denominada 'cantoria', o ponto nevrálgico está ligado a materialidade, em especial na Bandeira de Reis. O marco de uma folia é sobretudo este objeto. A bandeira pode ter suas técnicas de produção modificada - nas cores da estampa, no tamanho -, mas se faz sempre presente. Ao longo deste trabalho apresentei, a partir de fontes empíricas, que a Bandeira detém um certo poder metafísico, é através desse objeto que se recebe a graça, que se paga um voto, que guia a companhia durante o giro, que o devoto faz a promessa.

Ressalta-se, ainda que, a "festa" da folia é marcada não somente pela comida e pela dança, mas neste espaço que desencadeiam as relações de gênero que são percebidas a partir de momentos específicos que suscitei nas páginas anteriores.

A festa, mesmo apresentando fortes marcas de ritualidade religiosa, apresenta uma esfera distinta e, aparentemente, oposta. A dança performada é considerada parte do profano. Esta aparente dualidade faz com que as folias tornem-se palco para que outras manifestações de sociabilidade sejam fortalecidas - homens ou mulheres, jovens ou velhos.

Ao realizar essa pesquisa, esforcei-me num diálogo entre a História e a Antropologia com objetivo de compreender como as origens das Folias de Reis de Itaguari e seu papel no município desde o longínquo século XIX. Com tal objetivo em mente, a análise resultante deste trabalho foi pautada por uma investigação minuciosa de aspectos sincrônicos e diacrônicos das Folias de Reis.

É certo que as Folias de Reis de Itaguari determinam a continuidade de uma tradição, mesmo que resignificada e adaptada à grande quantidade de devotos ou mesmo foliões, que passaram a visitar a festa nos últimos anos. A Folia persiste frente às modernidades, ora incorporando para sua ritualidade algumas dessas tecnologias, ora afastando-se e mantendo o aspecto tradicional praticado pelos antigos moradores. Isto fora descrito pelo viajante Pohl no

século XIX, ou talvez, no século XVI com os Jesuítas missionários na antiga terra de Santa Cruz.

Este trabalho não se trata apenas do resgate da memória, mas sobretudo, da compor um elemento de fortalecimento das folias, bem como, trazer as narrativas dos sujeitos que aderem à tal manifestação religiosa centenária. Manifestação formadora da identidade do povo itaguarino.

Neste sentido, ao longo do primeiro capítulo me preocupei em trazer elementos que nos permitem compreender como as Folias de Reis ganham advento nas terras brasileiras. Neste espaço algumas questões me apareceram no que condiz as relíquias dos Reis, cuja materialidade se apresenta duvidosa aos meios científicos, porém sagrada a fé dos religiosos.

Ao longo da pesquisa, foi fundamental apresentar que as forças de poder (conflitos) são usuais em toda a manifestação. Estes aspectos são visíveis na esfera religiosa, uma vez que a Igreja a partir do Concílio do Vaticano II (1962), condena as manifestações populares. Essa condenação aplica-se às Folias de Reis. Em algumas regiões como Minas Gerais e Nordeste foram práticas condenadas e perseguidas pela Igreja ao longo do século XX.

Há também a luta dentro do Estado, no que condiz as administrações da União Federal e ao Governo de Goiás. Uma vez que não são trazidos grandes investimentos para manifestações das Folias, limitando-se a tempos de eleição e travestindo a manifestação religiosa em um palanque eleitoral. Para que haja a continuidade das Folias, o poder local é pressionado, pela população e organizadores da festa, a realizar maior empenho na destinação de donativos às companhias.

Cabe reverter o esquecimento da Academia frente às devoções populares. Tendo historicamente sido considerados temas de pouca relevância para a historiografia, afirmando as teorias provenientes do elitismo que compõem as universidades brasileiras. Mesmo com os esforços a fim de compor uma ‘brasilidade’, e isso atribui-se ao movimento Modernista, nota-se uma inclinação ao eurocentrismo acadêmico, marginalizando cientificamente as pesquisas que tratam de compreender as manifestações populares.

É de fundamental importância apresentar que as Folias de Reis estão presentes na condição de formação do povo brasileiro. Estes aspectos constituem-se a partir da colonização e estende-se até a atualidade, em que os grupos de Reis se ressignificam a fim de resistirem às transformações do mundo moderno. Torna-se, por sua vez, indissociável a atuação das crenças populares, neste caso as religiosas - Folias -, ao processo de consolidação

de uma identidade plural, por vezes sincrética as mais variadas manifestações que compõem nosso universo cultural.

A resistência das Folias também marcam a organização da Festa. A chegada da modernidade trouxe alguns benefícios como uso de alguns equipamentos, nas técnicas de cozer alimentos por exemplo, que são mais funcionais se comparados às técnicas arcaicas. Entretanto, a resistência que busquei sintetizar ao longo dos três capítulos, e em principal no último, condiz a continuidade de uma tradição religiosa cuja essência se assemelha aos moldes do praticado no século XIX, o louvor a epifania do Senhor.

Ao adentrar na *práxis* ritual, observamos os objetos que influem no comportamento de seus agentes e agem durante a celebração desta Epifania anual. Tais comportamentos podem estar ligados a ritualidade, necessária para com o objeto, ou uma forma de respeito entre o humano e a divindade - materializada pela bandeira, altar e ou santos.

No que se refere aos objetos sagrados das Folias de Reis de Itaguari, estes estão ligados entre si por pessoas que empreendem os rituais do evento. Eles e elas desempenham papéis importantes no contexto social e religioso. Mediando estas esferas, desencadeando e/ou renovando novos sentidos às folias. Este processo compõe-se da “noção dinâmica de tradição”, conforme Luvizotto:

Entende-se a tradição como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o futuro (LUVIZOTTO, 2010, p. 65).

Sendo assim, as folias buscaram reapropriações em que elementos da modernidade foram parcialmente incorporados em virtude das perspectivas atuais da festa. Alguns destes elementos estão relacionados às práticas de cozinhar, transporte dos foliões, uso de equipamento de som nos pousos e na festa, e, por vezes, tais ‘modernidades’ foram incorporadas com resistência por parte dos foliões mais velhos.

A organização das Folias de Reis, tendo como princípio suas fases rituais e a materialidade por ela composta, rege a discussão do segundo capítulo, que não se daria por encerrado ao apontar uma questão mais teológica do que antropológica de fato. A possibilidade da não canonização dos Reis Magos estaria atribuída à uma materialidade. Essa

concorre à santíssima Trindade - no catolicismo, o Pai, Filho e Espírito Santo é a composição de Deus. Considerar a possibilidade de um santo cuja personificação se daria também em três seria um impasse a fé católica. Neste sentido ao atribuirmos a materialidade a figura dos Reis Magos no presépio nos possibilita uma interpretação de que, para o devoto, Deus e os Reis estariam em instâncias equivalentes, ao menos na materialidade exibida no altar.

Para comprovar essa afirmação basta retomar as figuras ao longo do texto e observar que repousa sobre o altar as imagens que compõem o presépio. Se for de devoção do dono da casa, coloca-se a imagem da Santíssima Trindade, que no catolicismo é o Divino Pai Eterno.

Essa relação ora religiosa, ora profana - marcada pela dança, comida e as brincadeiras desenvolvidas pelos palhaços - são os pontos que marcam a folia. É essa irregularidade de momentos, que não seguem uma linha, que são as características da identidade da manifestação. Enquanto os agentes envolvidos aderem estas ritualidades a fim de comporem as vossas próprias identidades. Nesse emaranhado de saberes e tradições, evidenciam-se os conflitos que partem das condições socioculturais, entretanto os mesmos são camuflados a partir de uma hierarquia muito bem estabelecida que rege a disciplina dos foliões de Santos Reis.

Os conflitos se apresentam subjetivos, escondidos dentro das relações que carregam cada grupo de folia.

As Falias de Reis, de maneira heterogênea, compõem o cotidiano do povo itaguarino. Independente do credo religioso, todas as esferas sociais se vêm marcadas por essa tradição que perpassa quase 03 (três) séculos de existência. De igual modo os preparativos para os festejos nunca se findam, envolvendo uma grande massa de pessoas que, direta ou indiretamente, estão ligados a Folia de Reis.

O patrimônio cultural de um povo do centro goiano traz em seu significado uma religiosidade intangível, cuja ritualidade é totalmente dependente das materialidades para sua execução. Os objetos agem de forma sincrônica entre si. A materialidade corresponde a sacralidade da Folia, mas também a identificação do folião. O festejo que se inicia com a dança, a comida que é servida ao devoto. Enfim, buscar compreender uma folia de Reis sem o uso de objetos é negar todo o processo de resistência cultural pela qual essa tradição foi marcada nos últimos séculos. Novas técnicas foram incorporadas, objetos foram ressignificados, mas não perderam o objetivo de evangelizar, ao modo camponês, o povo goiano.

A festividade das folias é palco para a difusão das performances de gênero. É importante salientar que algumas situações, normalmente conflituosas no que tange aos comportamentos, se apresentam opostas ao tradicionalismo binário da sexualidade. Por exemplo, o palhaço não se sente constrangido em ter em sua farda - máscara com traços femininos -, bem como aderir de trejeitos que marcam a feminilidade no momento em que ele estiver portando a máscara.

Os mesmos palhaços não se preocupam em dançar abraçados como se fossem um casal, prática intolerada pelo mesmo folião quando não está de uso da materialidade da farda que compõem a personificação do palhaço.

A catira, como abordamos no último capítulo, traz estes comportamentos. É uma dança que advém das bandeiras que percorreram os sertões brasileiros. Por essas terem como principal precursor homens, a prática da dança de uns com outros era vista de forma preconceituosa. Contudo, ao que parece, há duas obsessões masculinas no que tange a sexualidade: a primeira, que o indivíduo camuflado com sua vestimenta no seu ofício de palhaço não se importa em aderir de traços femininos; a segunda, que este mesmo indivíduo vê com estranhamento a mesma prática - dançar - quando desempenhada sem a vestimenta que lhe caracteriza.

Outro ponto condiz as mulheres que, para serem aceitas no universo da catira, se vêm a necessidade de travestirem com roupas masculinas. Utilizando peças e acessórios que assemelham aos Cowboys ou aos trabalhadores do campo. Neste aspecto o curioso é que estas mulheres com roupas masculinas usualmente despertariam o libido nos seus espectadores - homens - que assistem atentamente as apresentações de catira nos encerramentos de festas de folias.

Práticas cotidianas atribuídas à mulher como a arte de cozer alimentos se vêm descontinuadas nas folias. Não é mal visto o homem que pega por tarefa o cozimento de uma tacha de 100 Kg de arroz, mas se este mesmo homem necessitar cozinhar 100 gramas em sua residência pode ser um estopim para uma discussão familiar. A masculinidade deste homem estaria condicionada não a sua virilidade, mas neste caso, ironicamente, a quantidade de comida preparada.

Cabe finalizar este texto apontando que a pesquisa atendeu sua principal problemática, que foi compreender como a folia resistiu a todos estes anos. Considero que a materialidade foi substancialmente necessária para a condição de resiliência dos grupos,

sejam os mais velhos, sejam os mais jovens. Contudo apareceram no trabalho de campo inúmeras outras questões que trouxe para o texto. Em alguns pontos com um aprofundamento. No caso deste texto: as performances de gênero, as histórias das folias e as fases rituais da festa. Porém, por limitações temporais, me esbarro em outras tantas que não me permito no momento responder, como: o caso das práticas de ensino dos mais velhos para com os mais jovens, a relação dos grupos com os demais da região e uma comparação qualitativa das folias que compõem a região.

Tenho a convicção que cumpro com o meu dever científico, me debrucei ao longo de dois anos a esta pesquisa cujo objeto está intimamente ligado aos meus familiares, meu cotidiano e sobretudo a minha identidade. Os valores religiosos aprendidos dentro de uma companhia de Reis do interior do Estado de Goiás me ensinaram a importância do respeito, do saber ouvir, e de todas as pessoas, ao menos ali naquele instante, sermos considerados como irmãos. Não podia finalizar este texto de maneira tão menos original ou de forma diferente. Viva Santos Reis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História oral*. 2.ed.rev.e atual.. Rio de Janeiro:FGV, 2004.

ALVES, Aroldo Cândido. *Folia de Reis: Tradições e Identidade em Goiás*. Anais do II Seminário de Pesquisa da Pós Graduação em História UFG / UCG, Goiânia: 2009.

Disponível em: https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_AroldoCand.pdf

ALVES, Ana Elizabeth S.; SILVA, L. M. P. Fontes Históricas Documentais e os Estudos Sobre o Trabalho e a Educação. In: *Revista Histedbr* on-line, v. 14, jun. de 2004.

BACELAR, Bruna Valença. A mulher subalterna em “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Spivak. *Neari em Revista* / VOL.2, N.2 2016

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. A sociedade como realidade in A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.

BORDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BRAGA, Roberta Santana; KAMIMURA, Ana Lúcia Martins. A importância da Folia de Reis como tradição identitária do município de Canápolis–MG. *Revista da Católica*, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 277-286, 2010

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Folia de Reis de Mossâmedes. Cadernos de Folclore n° 20*. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De tão longe venho vindo – símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Editora UFG, 2004.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

CABRAL, Ana Karolline. *Entre Rosários e Livros: uma análise da educação católica das irmãs dominicanas, no colégio Sant'ana na Cidade de Goiás*. Monografia - Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Cora Coralina – Departamento de Geografia. Cidade de Goiás- Go, 2018.

CANESIN, M.T.; SILVA, T.C. *A folia de reis de Jaraguá*. Goiânia: CECUP/UFG, 1983.

CARDOSO, Joaquim Marques; NETO, José Eduardo do Couto; NETO, Osmar José Jerônimo. *História de Itaguari: de Campestre a capital da moda íntima*. Goiânia: Scala Editora , 2013

CARVALHO, Flávia Medeiros de. *O dicionário do folclore brasileiro: um estudo de caso da etnografia e tradução etnográfica*. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. Brasília- DF, 2013.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade - Volume II*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e terra, 1999.

COSTA, Diogo Menezes; VIANA, Sibeli A. Materializando a História: O Passado Humano através da Cultura Material. *Revista Mosaico*, v. 12, p. 3-13, 2019

CONRADO, Oscélia Domingues Bonifácio. *A mulher na dança da Catira: Reminiscências e Transformações*. Dissertação (Mestrado) - UFG. Goiânia 2018

CONRADO, Oscélia Domingues Bonifácio. *A Imagem da Mulher no catira goiano: Transformações e práticas culturais*. Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG 2015

Disponível em:

https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2015.GT1_osceliadomingues.pdf

CÓRDOBA MONTROYA, Pedro. *Religiosidad popular: arqueología de una noción polémica*. In: SANTALO, C. A. *et al.*, La religiosidad popular. Barcelona: Anthropos, 1989. p. 70-81.

DELEUZE, Gilles. *Deux régimes de fous. Texts et entretiens, 1975-1995*. In: LAPOUJADE, D. (Org). Paris: Minuit, 2003.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. (Joaquim T. Costa; Antonio M. Magalhães). Campinas: Papyrus, 1991.

DOMINGUES, Petrônio. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. *História (São Paulo)* v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez 2011

DUTRA, Magno Florentino. *Folia Mineira de Itaguari-Go: Versos que emanam poder e saber em um ritual do catolicismo camponês*. Monografia - Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Cora Coralina – Departamento de História. Cidade de Goiás- Go, 2009.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Tradução de Fernando Tomaz, Natália Nunes. 3ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2008.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 182-198, jun. 1998

FERREIRA, Aurélio Ferreira-Holanda. *Míniaurélio: O Minidiccionario Da Língua Portuguesa*. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas* 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos*. coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda. 2007.

GONZAGA, Agnaldo Divino. *Milagre e Castigo: Mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO*. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2017

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. História, Memória e Patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: História e Patrimônio*, Brasília: IPHAN, n. 34, 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós modernidade*. 10ª Ed. DP&A editor, 2004.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio. In: *Revista Vária História*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, Jul/Dez 2006

HORTA, Ana Paula S. *Os Reis na Canastra: o sentido da devoção nas Folias*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011

JURKEVICS, Vera Irene. *Festas religiosas: a materialidade da fé*. Curitiba: ed, UFPR.2005

KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz Estevam de O. *Raízes do Sagrado no Brasil: Santos Fortes*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Anfitheatro, 2017.

LEROI-GOURHAN, André. *El hombre y la material: Evolución y técnica I*. Tradução de Ana Agudo Mendez Villamil. Madrid: Taurus, 1988

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MACENA, Lourdes. Festas, Danças e Folguedos: Elementos de identidade local, patrimônio imaterial do nosso povo. In: MARTINS, Clerton (org). *Turismo, Cultura e Identidade*. São Paulo: Roca, 2003.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003

MERENCIO, Fabiana Terhaag. A imaterialidade do material, a agência dos objetos ou as coisas vivas: a inserção de elementos inanimados na teoria social. *Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio*, v. X, n. 20, Pelotas, Editora da UFPel, 2013.

MOTA, Rosiane Dias; ALMEIDA, Maria Geralda de. *A representação dos aspectos simbólicos das festas de Santos Reis de Goiânia por meio dos mapas mentais*. Revista Ra'e Ga - O Espaço Geográfico em Análise, nº 25, p. 92-110, Curitiba, UFPR, 2012.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. O campo do Patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação. *Revista Antíteses*, v. 7, n. 14, p. 45-67, jul. - dez. 2014.

NORA, Pierre. Memória colectiva. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Orgs.). *A história nova*. Coimbra: Almedina, 1990.

OLIVEIRA, Lígia Moreira de. *Metendo a real: machismo, misoginia e violência contra as mulheres no site de rede social facebook*. Monografia (Graduação em Serviço social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2013

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992

PALACIN, Luiz. MORAES, Maria Augusta Sant'Ana. *História de Goiás*. 6ª Ed. Goiânia : Oriente, 1994.

PERGO, Vera Lucia. Os rituais na folia de reis: uma das festas populares brasileiras. In: *Encontro do GT nacional de História das Religiões e Religiosidades/ANPUH*, 1., 2007, Maringá. Anais. Maringa, 2007

Disponível em: < <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf>>

PERRETI, Clélia. Qual é a origem do terço católico? *Revista Super Interessante Digital*. 14 de setembro de 2017.

Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/qual-e-a-origem-do-terco-catolico/>

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2º Ed.reimp-Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

PESSOA, Jadir de Moraes; FELIX, Madeleine. *As Viagens dos Reis Magos*. Goiânia GO, UCG, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes; VIANÊS, Edson, Edson Alves. *Meu senhor dono da casa: Os 50 anos da folia de Reis de Lages*. Goiânia, Editora O Popular, 1993.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: UCG; Kelps, 2009

PESSOA, Jadir de Moraes. *Aprender e ensinar nas festas populares*. In: Salto para o futuro. Tv Escola. Boletim 2, julho, 2007.

POHL, Johann Baptist Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itataia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

POLLACK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 3, p. 3-15, 1989.

PORTO, Guilherme. *As Folias de Reis no Sul de Minas*. Rio de Janeiro: MEC/SEC/FUNARTE - Instituto Nacional de Folclore, 1982.

PRIORE, Mary Del. *Ancestrais: uma introdução à história da África atlântica*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.

RIBEIRO, Regiane Regina; SILVA, Anderson Lopes da. Comunicando Diferenças: os processos de hibridização a partir da leitura de la différence nos Estudos Culturais. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Brasília, v.18, n.1, jan./abr. 2015.

RICHARD, Pablo. *Morte das Cristandades e Nascimento da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982

ROCHA, Maria Isabel. *Altar Cristão, evolução até a reforma católica*. Lisboa, Universidade Lusíada. 2004.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, NEPEC, 2002.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: Da Dádiva à Questão da Reciprocidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - vol. 23 nº. 66. Fevereiro/2008

SAHLINS, M. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SANTOS, Mariangela Santana Guimarães. Memória e História: contributos da história oral para a preservação da cultura. In: XXVIII Simpósio Nacional de História – Lugares dos Historiadores, Florianópolis, 2015

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Juliana Martins. *Folia de Reis: Comunidade cruzeiro dos martírios Catalão (GO), identidades em transformação (1974-2012)*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

SILVA, Maria Luiza Santos. *Folia de Reis da Família Corrêa de Goianira: uma manifestação da religiosidade popular*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, 2006.

SILVA, Rafael Pereira da. Modernismo, historiografia e sociabilidade intelectual: apontamentos sobre o quinto volume da coleção Biblioteca Histórica Brasileira (1931-1940). *História (São Paulo)* v.31, n.2, p. 310-337, jul/dez. 2012

SILVA, Washigton Maciel. *Culto aos Reis Magos da Itália ao Brasil colônia: O rito da Folia de Reis no município de Rio Verde - GO*. Goiânia, UFG, 2011.

SOUTO, Jovelucia Rodrigues. *A transformação espacial da Folia de Santos Reis de Itaguari: A migração do rural para o urbano*. Monografia - Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Cora Coralina – Departamento de Geografia. Cidade de Goiás- Go, 2006.

SOUZA, Carlos de. Indigenismo e territorialização. *Horizontes Antropológicos*. Ano 6, nº. 14, p. 311-316, nov. 2000.

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Sociologias*, [s.l.], n. 23, p.354-393, abr. 2010.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992

WOORTMANN, Ellen. A comida como linguagem. *Revista Habitus* - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Goiânia, v. 11, n. 1, jan./jun. 2013, p. 5-17.

WOORTMANN, Ellen. A lógica e a simbólica dos sabores tradicionais. In: Araújo, W. e Tenser, C. (Org). *Gastronomia, cortes e recortes*. Brasília: Editora SENAC, 2006.

ZAFANELI, Eduardo Santos Rocha; SCATULINO, Irene Raguene Troccoli. Pertencimento, camaradagem e amizade em duas rodas - Uma experiência etnográfica na Rio Harley Owner's Group. *Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia*. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 37-54, jan.-abr. 2018

ENTREVISTAS

CASTRO, Luiz. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em 2018.

COUTO, Luciana do. Depoimento. Entrevista concedida a Magno Florentino Dutra. Itaguari/Goiás, em 14 de novembro de 2009.

FLORENTINO, Jurandir. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em dezembro de 2018.

FLORES, José Reinaldo. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em dezembro de 2018.

GABINO, António. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em dezembro de 2018.

GORDO, António. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em dezembro de 2018.

JUNQUEIRA, José Neto. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em outubro de 2018.

PAIN, Welligton. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em janeiro de 2018.

PEIXOTO, Renival. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em dezembro de 2018.

PEREIRA, Divina. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em dezembro de 2018.

REIS, Dulceli José dos. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em dezembro de 2018.

RIBEIRO, Divina. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em outubro de 2018.

RIBEIRO, Divino. Depoimento. Entrevista concedida a Agnaldo Divino Gonzaga. Itaguari/Goiás, em 03 de agosto de 2015.

SANTOS, divo Ribeiro. Depoimento. Entrevista concedida a Agnaldo Divino Gonzaga. Itaguari/Goiás, em dezembro de 2014.

SIQUEIRA, Leandro. Depoimento. Entrevista concedida ao autor, Igor Cabral. Itaguari/Goiás, em dezembro de 2018.

DOCUMENTOS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA. Diocese de Goiás. Itaguari-GO: 2006, p. 24.

ANEXOS

Perguntas em entrevista com foliões

- Qual o seu nome?
- Qual sua Idade?
- Sua Profissão?
- Lugar onde Nasceu?
- Qual lembrança mais antiga que tem da Festa?
- O que você sabe da origem da Folia de Reis?
- O que mais lhe agrada na Folia de Reis?
- O que você sente quando está aqui na Folia?
- Você já participou de outras folias?
- Por que optou em atuar mais nessa folia?
- Quanto tempo participa com a folia?
- Qual seu cargo ou função na Folia?
- Qual a importância do seu cargo? O que ele representa?
- O que representa a Folia de Reis para você ?
- Qual o significado da Bandeira?
- Qual significado do altar?
- O que significa Giro?
- Como é escolhido os cargos na folia?
- Qual a importância da reza do terço?
- O que representa os arcos no pouso?
- O que representa as coroas usadas pelos festeiros?
- Qual o momento da folia de que você considera como o mais importante?

Perguntas a serem realizadas em entrevista aos palhaços:

- O que representa a máscara?
- Por que há grupos que possuem palhaços e outros não?
- Porque são sempre 02 por galho?

- Qual sua função na Folia?
- Quem escolhe o cargo do palhaço?
- Por que você tem que falar versos?

Perguntas a serem realizadas em entrevista aos cozinheiros e serventes

- O que representa a comida na folia
- Qual a importância da organização na cozinha?
- Quem é a pessoa que é responsável pela administração da cozinha?
- Seu trabalho aqui é remunerado?
- Há quanto tempo você ajuda como cozinheiro/servente?
- Qualquer um pode ajudar na cozinha?

Perguntas a serem realizadas em entrevista aos devotos

- Qual o significado da folia?
- Você está pagando uma graça ou aguarda para que ela aconteça?

Perguntas a serem realizadas em entrevista aos festeiros/pouseiros

- É a primeira festa/pouso que você realiza?
- O que significa para a religião este momento?
- Como você entende que tem que ser tratados os convidados aqui neste ambiente?
- Qual sua função enquanto pouseiro/festeiro?
- Você recebe donativos para a festa/pouso?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título “ENTRE BANDEIRAS, ALTARES E SANTOS: A FOLIA DE REIS DE ITAGUARI NA PERSPECTIVA DO PATRIMÔNIO CULTURAL”. Meu nome é IGOR JUNQUEIRA CABRAL, sou o pesquisador responsável, mestrando em História. Após receber as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do Pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de não aceitar fazer parte da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Igor Junqueira Cabral ou com a orientadora da pesquisa Professora Dra. Sibeli Aparecida Viana, no telefone: (62) 994500179, ou através do e-mail [igorcabral.brasil@gmail.com/](mailto:igorcabral.brasil@gmail.com) sibeli@pucgoias.edu.br. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, telefone: (62) 3946-1512.

As explicações sobre a pesquisa serão realizadas nos meses de dezembro e janeiro dias 25 a 31 de dezembro de 2018 e 01 a 06 de janeiro de 2019, no município de Itaguari. A pesquisa tem como objetivo estudar os significados e a importância dos objetos sagrados nas Festas de Reis, além de investigar os papéis dos Foliões , para levar este conhecimento às pessoas que ainda não conhecem. Isso vai possibilitar a valorização das Folias de Reis enquanto patrimônio intangível de um povo. Para isto, serão registradas os ritos, performances e oralidade dos sujeitos engajados nos papéis das Folias. A documentação será realizada através de entrevistas e fotos, realizadas com participantes da comunidade, e posteriormente serão analisadas e apresentadas ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC-Goiás, como trabalho de conclusão de curso.

Quanto aos prováveis riscos que a pesquisa pode envolver as pessoas ou a comunidade, estão relacionados a desconfortos emocionais leves e transitórios no momento da entrevista, recorrentes da participação do pesquisador nas atividades das folias, devido à invasão de privacidade e quebra da confidencialidade de algumas informações. Mas, caso ocorra algum constrangimento, ou algum problema de ordem física, social e/ou emocional

